

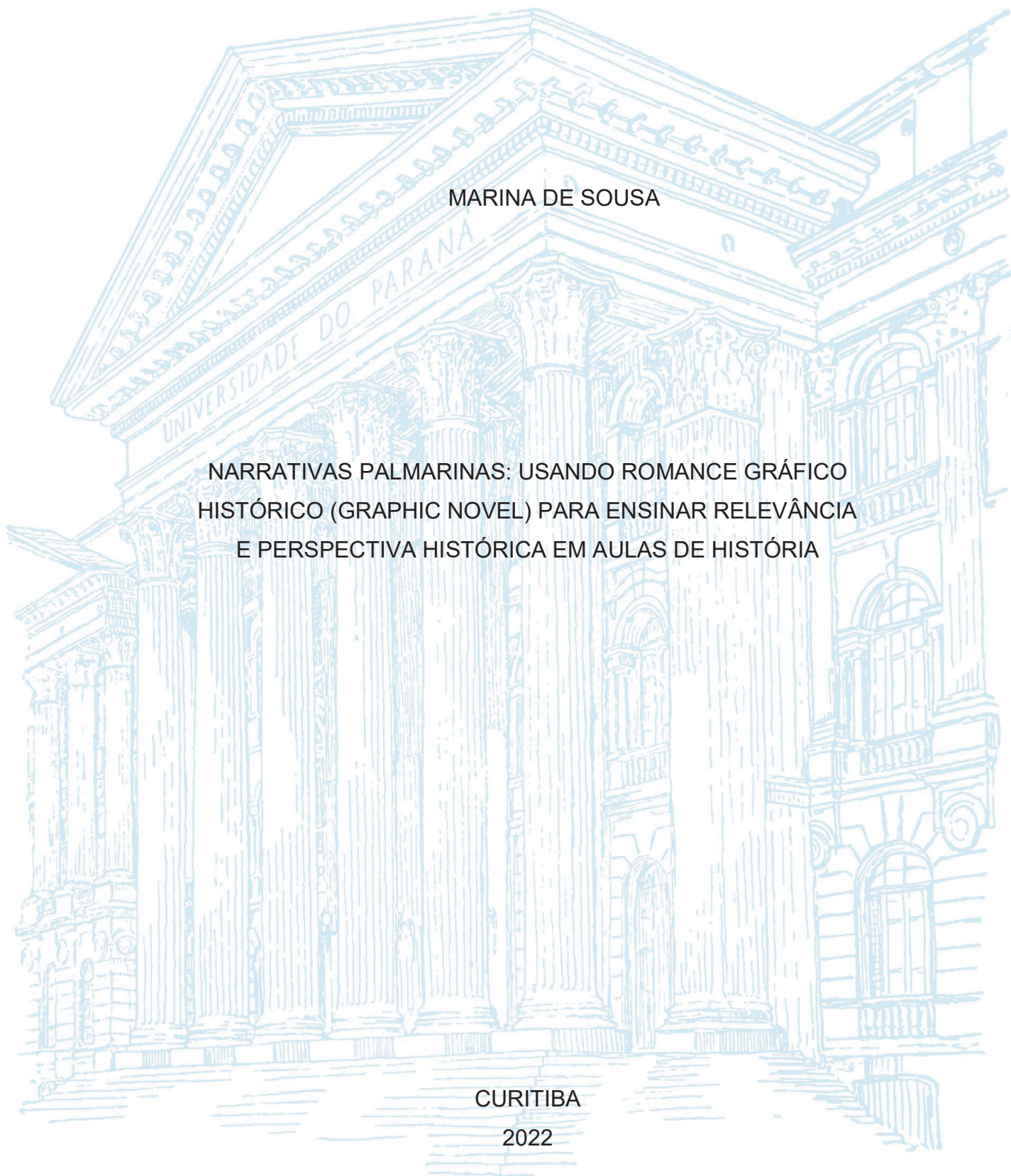
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA DE SOUSA

NARRATIVAS PALMARINAS: USANDO ROMANCE GRÁFICO
HISTÓRICO (GRAPHIC NOVEL) PARA ENSINAR RELEVÂNCIA
E PERSPECTIVA HISTÓRICA EM AULAS DE HISTÓRIA

CURITIBA

2022



MARINA DE SOUSA

NARRATIVAS PALMARINAS: USANDO ROMANCE GRÁFICO
HISTÓRICO (GRAPHIC NOVEL) PARA ENSINAR RELEVÂNCIA
E PERSPECTIVA HISTÓRICA EM AULAS DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito para o título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Aparecido Chaves

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Sousa, Marina de

Narrativas Palmarinas : usando romance gráfico histórico (Graphic novel) para ensinar relevância e perspectiva histórica em aulas de história. / Marina de Sousa. – Curitiba, 2022. 1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Profissional em Ensino de História.

Orientador : Prof. Dr. Edilson Aparecido Chaves.

1. História – Estudo em ensino. 2. História em quadrinhos. 3. Livros didáticos. 4. Relações raciais. I. Chaves, Edilson Aparecido, 1971-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado Mestrado em Profissional em Ensino de História. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -
31001017155P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARINA DE SOUSA** intitulada: **NARRATIVAS PALMARINAS: USANDO ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO (GRAPHIC NOVEL) PARA ENSINAR RELEVÂNCIA E PERSPECTIVA HISTÓRICA EM AULAS DE HISTÓRIA**, sob orientação do Prof. Dr. EDILSON APARECIDO CHAVES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 12 de Setembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

21/10/2022 15:20:16.0

EDILSON APARECIDO CHAVES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

13/09/2022 13:19:05.0

HILTON COSTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica

23/11/2022 16:28:05.0

JANAINA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Rua Dr. Faivre, 405. Dom Pedro II, 6º andar, sala 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5105 - E-mail: profhistoria@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015. Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 221981
Para autenticar este documento/assinatura, acesse
<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 221981

À memória de meu pai João, cuja lembrança
persiste nos meus dias.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram ao meu lado durante o desenvolvimento dessa pesquisa e me incentivaram a finalizar este trabalho, portanto eu gostaria de registrar o meu agradecimento.

Ao meu amigo e parceiro de trabalho por uma década, Paulo Henrique Brito, que me incentivou a realizar a prova do programa ProfHistória, me ouviu e preocupou-se com todo o meu processo. Hoje somente amigo, mas sempre será um colega de área a quem posso recorrer para partilhar ideias, projetos e viagens.

Ao meu orientador, Edilson Aparecido Chaves, que acreditou no meu projeto desde o início, na maioria das vezes mais entusiasmado do que eu mesma. Muito obrigada por me escutar, pela dedicação incansável, sua empatia e generosidade. Levarei para sempre as trocas e ensinamentos decorrentes desses anos de trabalho.

À Joseli Mendonça e Clóvis Gruner, coordenação do ProfHistória ao longo desse período, pela solicitude e dedicação.

À banca de qualificação e defesa, Hilton Costa e Janaína de Paulo Espírito Santo, pois foram extremamente generosos em suas colocações e apontamentos para o encaminhamento final desse trabalho; muito obrigada.

À Editora Veneta, por prontamente ceder os direitos de uso dos capítulos solicitados, capítulo 1 – O caminho de *Angola Janga*, páginas 13 à 53, e capítulo 8 – Guerra do Mato, páginas 247 à 275, muito obrigada. Em especial ao Rômulo Luis, do Departamento Editorial e de Comunicação. E, principalmente, ao Marcelo D'Salete, pela cessão dos direitos de sua obra, que além de ser o principal motivo desse trabalho, marcou a minha vida e alma com essa história lindíssima, muito obrigada!

Aos meus colegas de turma sempre com partilhas e boas risadas. Agora poderemos realizar a nossa “formatura” do mestrado com uma festa. Em especial, à Edivane Almeida Felisberto, que me socorreu e dividiu comigo diversos momentos nessa caminhada.

Aos meus amigos, sem os quais o peso de uma pandemia, mestrado e dos nossos tempos atuais seriam insuportáveis. Paulo, Cristine, Sueli, Adriano, Wania, Luana e Thais, as conversas aleatórias e a leveza de vocês tornaram os meus dias mais alegres.

À minha mãe, Aparecida, que se dedicou a me educar para eu me tornar uma pessoa que ocupe qualquer lugar onde as minhas habilidades possam me levar.

Aos meus irmãos, Wellon e Orides, este último que conviveu comigo e vivenciou de perto os altos e baixos desse processo.

Ao Cleber, pelo apoio inabalável e incentivador para a finalização desse trabalho e por compartilhar a vida comigo de forma amável e leve.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Sesi Boqueirão e Colégio Estadual Professor Guido Arzua, por me incentivarem e acreditarem no meu trabalho.

Aos meus alunos, pelas trocas, pelos ensinamentos e por caminharmos juntos.

“Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter ouvidos, os olhos e o coração abertos”.

(Evaristo, Conceição, 2017, p. 86)

RESUMO

Este trabalho tem como tema o uso do romance histórico gráfico *Angola Janga* como fonte e artefato da cultura dos jovens e a sua relação com o passado. O objetivo principal é investigar a obra enquanto fonte histórica para ensinar temáticas relacionadas aos escravizados de Palmares e relações raciais no Brasil. Identificar e analisar a chegada e o reconhecimento das narrativas gráficas nas escolas públicas, a partir dos programas Programa Nacional Biblioteca na Escola e Programa Nacional do Livro e Material Didático. Ao analisarmos as indicações nos programas do governo federal, percebemos a escassez do uso dos materiais que chegam às bibliotecas das escolas, por falta de formação dos professores para transformar as obras em práticas pedagógicas e tempo para realizarem a leitura dos materiais, o que ampara a nossa proposta didática desenvolvida nesse trabalho e evidencia a urgência de pesquisar livros didáticos e mídias educacionais sob múltiplas perspectivas, analisando os textos, estudando seu uso e construindo materiais que auxiliem o professor no desenvolvimento de ensino e aprendizagem na disciplina de História.

Palavras-chave: Graphic Novel; PNBE/PNLD; Angola Janga; História em Quadrinhos.

ABSTRACT

The theme of this work is the use of the graphic historical novel *Angola Janga* as a source and artifact of youth culture and its relationship with the past. The main objective is to investigate the novel as a historical source to teach themes related to enslaved people in Palmares and racial relations in Brazil. Identify and analyze the arrival and recognition of graphic narratives in public schools, based on the National Library Program at School and National Book Program and Didactic Material programs. When analyzing the indications in the federal government programs, we notice the scarcity of use of materials that reach school libraries, due to lack of teacher training to transform the works into pedagogical practices and time to read the materials, which supports our didactic proposal developed in this work and highlights the urgency of researching textbooks and educational media from multiple perspectives, analyzing the texts, studying their use and creating materials that help the teacher in the development of teaching and learning in the discipline of History.

Keywords: Graphic Novel; PNBE/PNLD; Angola Janga; Comics.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – LISTA DE PARADIDÁTICOS DE HISTÓRIA – DÉCADAS DE 1970-1980	38
QUADRO 2 – LISTA DOS QUADRINHOS - 2006.....	41
QUADRO 3 – LISTA DE QUADRINHOS - 2008	42
QUADRO 4 – LISTA DE QUADRINHOS - 2009	43
QUADRO 5 – LISTA DE QUADRINHOS - 2010	44
QUADRO 6 – LISTA DE QUADRINHOS - 2011	44
QUADRO 7 –LISTA DE QUADRINHOS - 2012	45
QUADRO 8 – LISTA DE QUADRINHOS – 2013.....	46
QUADRO 9 – LISTA DE QUADRINHOS - 2014	48
QUADRO 10 – LISTA DE QUADRINHOS - 2018	49
QUADRO 11 – PARADIGMAS EDUCATIVOS - MODELO DE AULA-OFICINA.....	64

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – LISTA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PNBE	41
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – SEMELHANÇAS FORÇADAS ENTRE NEGROS E MACACOS	29
FIGURA 2 – CARACTURAS DE NEGROS UTILIZADAS EM CARTAZ DO COMEÇO DO SÉCULO XX	30
FIGURA 3 – PERSONAGENS DOS QUADRINHOS AMERICANOS INSPIRADOS NOS MENESTRÉIS	30
FIGURA 4 – BENEDITO, O PRIMEIRO PERSONAGEM NEGRO DOS QUADRINHOS BRASILEIROS	55
FIGURA 5 - LAMPARINA, DE J. CARLOS, A NEGRA COM ASPECTO SELVAGEM.....	56
FIGURA 6 – CAROLINA CONVERSANDO COM A VIZINHA.....	60
FIGURA 7 – SOARES E OSENGA NA PICADA PARA A CASA DA CUCA	66
FIGURA 8 – A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA	68
FIGURA 9 – O CAPITÃO DO MATO.....	69
FIGURA10 – O ENGENHO	71
FIGURA 11 – O SEPULTAMENTO	72
FIGURA 12 – A VILA.....	75
FIGURA 13 – AMEAÇA.....	75
FIGURA 14 – PEQUENA ANGOLA	78
FIGURA 15 – ANÚNCIO DE GUERRA.....	79
FIGURA 16 – REPRESÁLIA	85
FIGURA 17 - MARCAS	86
FIGURA 18 – CONFLITOS.	88
FIGURA 19 – GUERRA DO MATO	89
FIGURA 20 – A FAMÍLIA.....	90
FIGURA 21 – PASSADO/PRESENTE	91
FIGURA 22 – A FLOR DARA	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CEEBJA	- Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
DCE	- Diretrizes Curriculares Estaduais
EJA	- Educação para Jovens e Adultos
EBAL	- Editora Brasil América
HQ	- História em Quadrinhos
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação
NRE	- Núcleo Regional de Educação
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	- Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	- Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PSS	- Processo de Seleção Simplificado
PROINFO	- Programa Nacional de Tecnologia Educacional
RGE	- Rio Gráfica Editora
SEED-PR	- Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	O TEMA DA PESQUISA.....	24
1.2	A IMAGEM DO NEGRO NAS PRODUÇÕES NACIONAIS	27
1.3	O TEMA DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	31
1.4	OBJETIVOS, ETAPAS E PROCEDIMENTOS	32
2	ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO (GRAPHIC NOVEL) E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS	35
2.1	CONTINUIDADES E MUDANÇAS: O PNBE E A CHEGADA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS ESCOLAS	40
2.2	CONCEITO DE ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO	50
2.3	ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO PARA ENSINAR HISTÓRIA: <i>ANGOLA JANGA</i>	53
2.4	O NEGRO NOS QUADRINHOS BRASILEIROS	54
3	DESAPLANANDO A PICADA DOS SONHOS	64
3.1	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 – SIGNIFICADO HISTÓRICO E EVIDÊNCIA HISTÓRICA.....	66
3.2	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – OS CONCEITOS DE CONTINUIDADE E MUDANÇA	81
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
5	REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

A leitura nunca foi uma obrigação na minha casa, eu e meus irmãos não fomos, em nenhum momento, pressionados a cumprir uma meta. Talvez porque meus pais não tiveram a oportunidade de estudar muito, minha mãe terminou o Ensino Médio aos quarenta anos e meu pai tinha o fundamental incompleto, portanto o estímulo à leitura não foi condição ou imposição familiar. No entanto, ir à biblioteca da escola era um evento, eu gostava da leitura, pois nunca consegui desenvolver as minhas habilidades na pintura ou no desenho, esse talento ficou para os meus irmãos.

Nos primeiros anos da minha vida escolar, estudei em uma escola pública no bairro Umbará, região sul da cidade de Curitiba, local de forte imigração ucraniana, polonesa e italiana. O Colégio Estadual Padre Cláudio Moreli, representava muitas características da construção histórica daquela região, o nome das ruas, mercados e outros comércios refletiam a presença dos imigrantes do bairro, e não era diferente na comunidade escolar, ao conhecer alguém na escola ou pela chamada, já se sabia quem era das famílias tradicionais e quem não era, o sobrenome e a aparência física distinguia. A minha mãe foi inspetora desse colégio durante a minha passagem por lá, passava muito tempo na escola, para além do horário da minha aula eu ficava esperando o fim do turno de trabalho dela para retornarmos para casa. Dessa forma, encontrar maneiras para passar o tempo foi essencial, de início corria a escola inteira, mas quando aprendi a ler, os grandes pátios da escola deixaram de ser atrativos e a leitura era companhia e passa tempo. Na entrada principal da escola tem um jardim que eu usava como sala de leitura, li muita coisa debaixo das árvores daquele lugar. Nesse tempo, uma das inaugurações municipais mais aguardadas por muitos da escola, e claro, por mim, foi a do Farol do Saber São Pedro São Paulo, que ficava ao lado do meu colégio e se tornou um lugar de muitas descobertas e encontros. O dia da inauguração foi longo e cansativo, já que eu teria que esperar até o final do turno de minha mãe para realizar o meu cadastro e usar a nova biblioteca.

A leitura tornou-se uma prática prazerosa ao longo dos anos seguintes, ao me transferir para outras escolas, continuei a usar muito a biblioteca, também no Ensino Fundamental II e Médio. Na época do terceiro ano, último ano do Ensino Médio,

a minha escolha profissional foi influenciada por essa rotina estabelecida entre a infância e adolescência de leitura e ambiente escolar. O curso de História não foi a primeira opção, me inscrevi no vestibular para Ciências Contábeis em 2005, na UFPR. Ainda bem que não fui aprovada, a escolha partiu da minha vivência profissional, trabalhava na área administrativa e achava que seria uma ótima opção para o meu crescimento na empresa. No mesmo ano, consegui pelo PROUNI uma bolsa em engenharia florestal, não fiz a minha inscrição nesse curso. A escolha profissional é um processo muito difícil para qualquer adolescente, as limitações se tornam maiores de acordo com a classe social da família, no meu caso, o curso teria que ser conciliado com o meu trabalho, meus pais não teriam condições de me manter somente estudando durante os anos da graduação. Após o insucesso do ano de 2005, refleti o que eu realmente queria profissionalmente, as reais possibilidades que tinha, e a licenciatura em História converteu-se em objetivo principal, pois eu amava a disciplina na escola, tinha boas notas e muita curiosidade em relação ao tema, e sobre o mercado de trabalho consolidado, conversei com vários profissionais que foram muito sinceros comigo: “trabalho tem, e não é difícil de conseguir, mas o salário não é o dos melhores”. Não entrei na educação iludida, com um plano de trabalhar em museu ou somente em universidades, sabia desde o começo que o chão de escola seria a minha primeira experiência como profissional da área. Tentei o vestibular da UFPR e da UTP em 2006, não passei na primeira, iniciei o curso na Tuiuti, tinha estabelecido a meta de iniciar antes que pudesse mudar de curso novamente por outras circunstâncias.

Ao iniciar o curso de Licenciatura em História em 2007, sabia perfeitamente que a sala de aula seria o meu lugar de trabalho, e lecionar na escola pública era um dos meus objetivos. O meu ensino básico inteiro foi em escolas públicas, cursei História na Universidade Tuitu do Paraná, instituição privada, tentei Prouni, mas não consegui a bolsa, entretanto, consegui uma vaga no Coral da Universidade, o que me garantiu uma bolsa e a permanência na instituição até o final do curso. Antes mesmo de concluir a graduação, iniciei a minha atividade docente como PSS, Processo Seletivo Simplificado para professores não concursados da rede estadual do Paraná, em uma escola no setor do Bairro Novo, na cidade de Curitiba, oficialmente em 15 de outubro 2008, data que representa a profissão. Permaneço nesse setor desde então, e na mesma condição precária de contratação. Assim que comecei a lecionar, o meu pai me lembrou que o seu sonho era que eu me tornasse

professora, nunca tive pretensão e vocação durante infância ou adolescência, mas para alguém como ele, do interior, em que a professora tinha uma autoridade e destaque na sociedade, ter essa profissão deveria significar ascensão social – em uma breve passagem que tivemos em Joaquim Távora, em 1998, a mesma professora do meu pai foi minha professora durante alguns meses, coisas do interior – para ele, ser professora era algo de orgulho. No início da graduação, quase ninguém da minha família sabia o que fazia um historiador a não ser dar aulas, mas meu pai pesquisou e entendeu da sua maneira os limites e as possibilidades da profissão, uma das suas indagações foi se quando eu terminasse a graduação iniciaria um mestrado, demorou um pouco mais do que o esperado, mas cheguei. Infelizmente, meu pai não conseguiu ver nem o final da minha graduação, mas sabia que não era aquele o fim da minha jornada.

Atualmente, leciono na rede pública e privada, passei por todas as etapas de ensino que a minha licenciatura permite, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, EJA, CEEBEJA, ensino técnico integrado e subsequente. Em 2017, fui convidada para colaborar em um projeto voluntário na Ong Em Ação, um curso preparatório para Enem e vestibulares destinado a estudantes de baixa renda da cidade de Curitiba e região metropolitana. Trabalho com a frente de História B, período da contemporaneidade até os acontecimentos mais recentes no curso semiextensivo, doze semanas intensas de preparação. Esse último trabalho realizei como uma devolução ao que recebi entre os anos 2005 e 2006, também fiz cursinho gratuito e conduzido por dezenas de voluntários em uma escola estadual no bairro do Boqueirão, no Colégio Estadual Luiza Ross. Dedicar o meu tempo ajudando alunos com trajetórias semelhantes à minha é uma das oportunidades mais gratificantes que ganhei nesses últimos anos. Fico extremamente feliz em identificar alguns colegas do ProfHistória da UFPR, que também se dedicam a estes projetos, no Em Ação, Luiz Gabriel da Silva e eu, e no Vai Cair Na Prova, Augusto Mozart e Fabio Juracheck, o que indica o compromisso não individual, mas que partilho com outros colegas do programa a esperança a partir da educação e do ensino de História como parte na conquista e mudança na vida dos nossos alunos.

Em 2018, tomei a decisão de retornar à Universidade. Voltei aos poucos, fazendo um curso de extensão de História da Educação: temas objetos e pesquisa, com coordenação da professora Nadia G. Golçalves na UFPR, que tinha como objetivo apresentar e discutir possibilidades de temas de pesquisa em História da

Educação, o curso foi excelente, o que me ajudou a tomar a decisão de realizar o processo seletivo de pós-graduação da Universidade, entretanto, não fiz a inscrição no programa de mestrado em educação, a grade horária das aulas, a maioria no turno da tarde, não me permitiriam estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Pesquisando outras possibilidades, encontrei o ProfHistória, a princípio recebi indicações de colegas que já tinham ingressado no programa e, ao entrar no site, conferir a proposta, disciplinas, ementas e horários, optei em realizar o processo seletivo no mesmo ano.

No programa do ProfHistória, não é pré-requisito o projeto de pesquisa para a admissão, este é construído na primeira etapa das aulas. De início eu tinha pensado em trabalhar com alguns intelectuais da cidade de Curitiba que publicaram uma revista chamada A Escola, no início do século XX, e como o ensino de história foi influenciado pelas leituras desse grupo e o tipo de historiografia produzida por eles. Mas ao refletir como essa ideia poderia resultar em um produto para o docente ou aluno das escolas brasileiras, desisti. Não conseguia sistematizar um projeto que pudesse fazer uma reflexão para o professor com esse objeto de pesquisa. Então decidi mudar o rumo, entretanto, sem saber por onde começar, sem nenhuma ideia que fizesse sentido com o programa que tinha sido aprovada e os objetivos de um mestrado profissional. O primeiro semestre transcorreu e nada estava escrito ou escolhido para iniciar o trabalho, foi quando acreditei que, dando um tempo e me cobrando menos, alguma ideia haveria de surgir.

O meu encontro com o meu objeto de pesquisa está diretamente relacionado a um gosto familiar, as histórias em quadrinhos. Meus irmãos sempre tiveram um grande talento para desenhar, algo que nunca consegui desenvolver, mas entre o que eu não domino e o que tenho como prática, a leitura, consegui encontrar nos quadrinhos um elo que sempre me aproximou de ambos.

Em setembro de 2018, a Bienal de Quadrinhos de Curitiba já era um evento consolidado no calendário da cidade, a edição aconteceu no Museu Municipal de Arte – MuMA, convidei meu irmão mais novo para ir em um dos dias prestigiar o evento, e dentre tantas novidades sendo apresentadas ou reconhecidas, encontrei uma exposição que mudaria o meu percurso acadêmico nos anos posteriores. No subsolo do museu, estava a exposição do quadrinista Marcelo D'Saete, a primeira coisa que vi foi um quadro com um desenho de um negro em posição de combate, imediatamente minha atenção estava naquele desenho, era muito diferente de tudo

o que já tinha lido, os traços, a narrativa e a proposta demonstrada deixavam claro que eu estava diante de uma obra singular. Ao continuar vendo a exposição, notei que não se tratava de uma única história, mas de duas obras diferentes com a mesma temática: os escravizados no período Brasil colônia. A primeira parte tratava-se do Romance gráfico *Angola Janga*, e a segunda, *Cumbe*, ambas lançadas pela editora Veneta. A minha curiosidade em relação a *Angola Janga* vinha de encontro com muitas questões de pesquisa e prática em relação ao ensino de História, e principalmente a História afro-brasileira.

A imagem do povo afro-brasileiro é diversa e subjetiva, mas também apresenta semelhanças e continuidades de estruturas impostas pelos grupos dominantes. Generalizar, categorizar, unificar características de indígenas e africanos foi uma das estratégias utilizadas por europeus no continente americano para melhor dominá-los e estabelecer as diferenças econômicas, políticas e sociais. Uma das estratégias sistemáticas que perdurou e ainda perdura em nossa sociedade, é o racismo estrutural:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional, o racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo o racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Nas últimas décadas, houveram conquistas significativas que lançaram fortes ataques a esta estrutura. A Lei Nº 7.716/1989, que definiu os crimes de preconceito de raça ou de cor, a Lei Nº 10.639/2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileira, a Lei 12.288/2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial, e a Lei 12.711/2012, que definiu as cotas raciais e sociais em Universidades Federais e estaduais, demonstram o longo trabalho dos movimentos sociais em realizar o enfrentamento político e jurídico para garantirmos não somente a punição, mas a promoção desses grupos, utilizando a estrutura do estado para a sua consolidação para além do espaço público, mas para o privado em algumas questões. O que não nos blindou dos constantes ataques institucionais, os mais recentes frutos do bolsonarismo, são alguns: comparar

quilombolas a gado¹, negar o racismo e afirmar o benefício da escravidão aos escravizados² são algumas das declarações públicas indefensáveis constantes e até mesmo banalizadas por lideranças e grupos que encontraram na situação sociopolítica do país, espaço para se sentirem confortáveis para dizê-las. As últimas duas afirmações proferidas pela presidência da Fundação Palmares, nomeado em 2019, representa a estrutura dessas práticas em um país em que, segundo o IBGE³, a maior parte da população se declara preta ou parda, não contestar e enfrentar essas falas, normalizam, enraízam e as tornam tradicionais.

Além disso, usar da imagem de um homem negro na presidência de uma instituição tão importante, é tentar minar o conceito de luta coletiva e da subjetividade individual que forma esse coletivo, reforçando mais uma vez o tradicionalismo de estruturas ideologias e práticas, mas que preserva suas intenções a partir da figura do negro, como se este representasse todos os demais. Romper com o estereótipo da imagem do negro invariável e não singular, é um dos temas que permeiam este trabalho, o reconhecimento de sua disparidade e de sua vivência subjetiva, e proporcionar o debate e o reconhecimento dessas pessoas na sociedade, independente dos lugares que ocupam.

A imagem que tanto chamou a minha atenção no romance gráfico de D'Salette na exposição da Bienal, quebra a referência de um padrão estético da nossa sociedade, os encontros mais recentes com a identidade negra e a busca de sua ancestralidade por parte da população e movimentos sociais, é um rompimento

¹ A declaração foi do pré-candidato à presidência chamada também de Inominável: "Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles", discursou.

"Se eu chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola" (CONGRESSO EM FOCO, 2021).

² Declaração de Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares no dia 20 de novembro de 2020, Dia da Consciência Negra: Não existe racismo estrutural no Brasil; o nosso racismo é circunstancial - ou seja, há alguns imbecis que cometem o crime. A "estrutura onipresente" que dia e noite oprime e marginaliza todos os negros, como defende a esquerda, não faz sentido nem tem fundamento (CAMARGO, 2021). Em outra declaração de Sérgio Camargo publicada no Jornal Folha de São Paulo: Em seu perfil no Facebook, Camargo se define como: "Negro de direita, contrário ao vitimismo e ao politicamente correto". Ele já afirmou, em sua conta, que o Brasil tem "racismo nutella" e que "racismo real existe nos EUA". Camargo, que usa a rede social com frequência, também escreveu que a escravidão foi terrível "mas benéfica para os descendentes". Na sequência, diz que "negros do Brasil vivem melhor que os negros da África" (FOLHA S. PAULO, 2021).

³ Distribuição da população, por cor ou raça, Brasil Censo do IBGE 2016: 44,2 se autodeclarou branca, 8,2 preta e 46,7 parda (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021).

muito importante, mas recente em aceitar a sua própria imagem e exigir o respeito a ela. É difícil romper com as estruturas bem alicerçadas e invisíveis da nossa sociedade, a minha avó materna, vó preta como a chamamos, pois, ter duas avós Maria confundia a cabeça de qualquer criança, não conseguia se ver como uma mulher negra capaz de enfrentar o seu ambiente sem estabelecer como referência a branquitude. O cabelo que apresenta e que para alguns denunciam a sua negritude ainda é muito malvisto, os algoritmos da Google⁴ respondem à pergunta sobre cabelo feio com a imagem de mulheres e homens negros de cabelos crespos, na verbalização cotidiana, é cabelo armado, duro, bombril, rebelde, o que não surpreende quem tem cabelo afro, que em algum momento se não ouviu todas as expressões, relata a maioria.

O que conquista a grande parte dos leitores de *Angola Janga*, é como a narrativa das aventuras Palmarinas rompe com a tradicional figura dos escravizados, o protagonismo das personagens nas disputas com os colonizadores. A historiografia sobre Palmares é dominada pelo discurso do colonizador, as fontes que legitimaram construções históricas, quase em sua maioria perpassam por documentos oficiais. O silenciamento dos escravizados por não produzirem documentos escritos e reconhecidos pela estrutura política do período, colaborou para a falta de relatos da perspectiva dos escravizados sobre esse período (FRANÇA; FERREIRA, 2012). E por isso que “Nesse sentido, o estudo das produções ficcionais – no cinema, na literatura, no teatro e nas artes em geral – propõe possibilidades para se pensar a História, uma vez que ‘o real precisa ser ficcionado para ser pensado’” (KAMINSKI, 2020, p. 79). O romance gráfico cria uma narrativa ficcional, mas ordena os fatos das guerras palmarinas, utilizando a historiografia existente e preenchendo os silêncios dos escravizados a partir da experiência imaginativa, fazendo com que o leitor reconheça o período histórico retratado e os personagens, pois consegue conectar datas, nomes, lugares, entre outros elementos às referências da própria História, ou seja, um mundo em que ele já conhece os signos compartilhados (KAMINSKI, 2020). Ao utilizarmos essas

⁴ O Algoritmo da Google funciona a partir da análise, correspondência, classificação, interpretação do contexto e exibição dos melhores resultados, o que gera resultados padronizados, o responsável pela programação inicial fez a referência e o algoritmo seguiu operando dentro dessa lógica, o que demonstra uma operação diretamente ligada a estrutura da nossa sociedade (GZH CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2021).

narrativas, podemos criar uma análise e compreensão diferente do que foi induzido nos últimos séculos, e ir para além disso para mostrar a subjetividade não somente dos escravizados, mas também da população negra em nosso país.

Em condições tão desiguais em nossa sociedade, a relevância das escolas e bibliotecas são para tentar diminuir essas diferenças (GINZBURG, 2021)⁵. A pandemia do Coronavírus reforçou o quanto é limitado o acesso da maioria da população às tecnologias, se antes já enfrentávamos as mais diversas dificuldades, principalmente nas escolas públicas, o ensino remoto e posteriormente o ensino híbrido, reforçou o abismo entre o slogan de uma escola conectada e a sua prática. Dessa forma, o uso da biblioteca no cotidiano escolar se faz ainda mais pertinente. Em 1997, o governo federal lançou o Programa da Biblioteca na Escola, PNBE, o que fez impulsionar o mercado editorial nas suas mais variadas áreas, o programa além de fazer a aquisição de obras para a biblioteca dos alunos, também faz a compra de livros que compõe a biblioteca do professor. Analisar os nossos limites e possibilidades no ambiente escolar e realizar propostas que atendam a nossa realidade é uma das preocupações nessa pesquisa. Ao mesmo tempo que podemos explorar espaços de maneira mais efetiva, como a biblioteca, não podemos esquecer que a tecnologia também faz parte desse cotidiano, por isso, pensar o ensino de História como uma mediação entre o livro físico que se encontra na biblioteca, uma leitura lenta em que podemos utilizar os recursos tecnológicos, como um Power Point, para suprir a falta de exemplares para todos os alunos e a dialógica do professor, que para Ginzburg (2021), é um modo sofisticado de ligações entre todos esses recursos, e principalmente na formação histórica dos alunos.

Esta dissertação procurou organizar-se primeiramente a partir da imagem do negro nos quadrinhos, o estudo robusto de Nobu Chinen nos ajuda a entender as influências sócio-históricas das representações do negro nas produções internacionais e nacionais. O quadrinista Will Eisner e Scott McCloud amparam as nossas análises em termos teóricos da produção dos quadrinhos e a sua relação com o meio de produção.

No segundo capítulo, nossa discussão será sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, partindo da especificidade da nossa fonte, o romance gráfico, que ao ganhar uma categoria singular no campo das histórias em quadrinhos, deve ser

⁵ Palestra realizada para a Biblioteca Nacional do México, com o tema: “Una cita con la Biblioteca Nacional de México. Actualidad y porvenir de la historia del libro y la edición tras la pandemia”.

explicada em suas semelhanças e diferenças dentro do universo das HQs. No terceiro capítulo, *Angola Janga* ganha uma análise das suas referências historiográficas na construção da narrativa, as escolhas de personagens, a criação de outros, os encontros das narrativas do passado com o presente e como a História dos escravizados do período colonial pode ser trabalhada em sala utilizando esse recurso.

Para Scott McCloud (1995, p. 9), as histórias em quadrinhos são: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou a produzir respostas no espectador”. A imagem é a grande referência nas histórias em quadrinhos, a narrativa não perde sequência com uma imagem sem falas, mas se desmaterializa se for somente texto. Entender a construção gráfica dos quadrinhos é extremamente importante aos analisarmos esse tipo de fonte. Saber como elas são produzidas e analisar as informações sobre uma personagem ou cenário e a recepção do público nos ajudam a entender o momento histórico de sua produção, bem como realizar inferências das disputas sociais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade.

As imagens são ferramentas narrativas e para a construção dessas imagens utiliza-se o recurso do estereótipo (EISNER, 1996), existe uma linha tênue entre padronizar e vulgarizar, e em relação à imagem dos negros nas narrativas gráficas e quadrinhos, está vinculada à própria sociedade do período em que a imagem foi produzida. No caso do início dos quadrinhos, a imagem do negro vai ser exageradamente vulgarizada, o que refletia os debates raciais do século XIX e início do século XX. Para entendermos os motivos que levam *Angola Janga* a se destacar e desmontar um rompimento importante no cenário das HQs e romances gráficos, precisamos retomar o início das produções gráficas e à imagem do negro nesse ambiente.

1.1 O TEMA DA PESQUISA

A escolha do romance gráfico *Angola Janga* para o desenvolvimento dessa pesquisa, envolve vários elementos que estão vinculados ao andamento da minha atuação profissional na rede pública e privada de ensino, e com as dificuldades e desafios cada vez maiores em ser professor nesse país. A temática abordada na obra para o ensino de História é de grande importância, a História e a cultura afro-

brasileira como são apresentadas no romance gráfico, demonstra a preocupação, dedicação e excelência que o tema merece, rompendo e aprofundando com o que é apresentado na maioria dos livros e outros gêneros que abordam a temática. A opção em trabalhar com a obra do quadrinista Marcelo D'Saete, deve-se às observações realizadas nos últimos anos na sala de aula, em especial o Ensino Médio.

Os alunos leem muito, diferentemente do que o senso comum preconiza⁶. Entretanto, a prática da leitura transformou-se nas últimas décadas, o material impresso não é mais o único recurso para a leitura, e as telas estão sendo oferecidas cada vez mais cedo aos jovens, mas pode ser uma grande aliada para a leitura do aluno e para o trabalho do professor. Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, foi constatado que o professor é o principal influenciador de novos leitores na faixa etária acima dos 11 anos, o que reforça a importância em desenvolvermos práticas pedagógicas que estimulem a leitura, escrita e o pensamento crítico de nossos alunos.

A opção pela narrativa gráfica foi impulsionada pela constatação do interesse dos alunos nesses recursos. Na escola privada que atuo há uma década, o trabalho é desenvolvido a partir de oficinas de aprendizagem e em todas as oficinas com a temática do universo dos quadrinhos, as vagas esgotam em poucos minutos, a dedicação ao longo do trimestre em conhecer e produzir empolgava a maior parte dos docentes que participavam desse processo. Na escola pública não é diferente, a maior parte das instituições realizam projetos de leitura, os alunos levam ou emprestam na biblioteca, obras indicadas à sua faixa etária e uma vez na semana é dedicada uma aula ou um tempo mínimo para a leitura, tanto no ensino fundamental II quanto no Ensino Médio.

A preferência dos alunos é para as Histórias em Quadrinhos, romances gráficos ou livros de imagens. Em certa ocasião, uma turma do período noturno do Ensino Médio pegou a caixa com quadrinhos e iniciou a leitura, a pedagoga, verificando o andamento da ação, questionou o motivo de não estarem com os livros que, segundo, ela eram os indicados para a sala em questão, justificando que esse

⁶ Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 52% dos brasileiros são leitores. A faixa etária com maior crescimento é de crianças entre 5 a 10 anos, os leitores na população entre 11 a 17 anos diminuiu, mas ao longo das últimas três edições da pesquisa, manteve um patamar parecido (ABE, 2020).

tipo de leitura era para crianças e não jovens como eles, que já trabalhavam. Entretanto, continuamos com a leitura dos quadrinhos e não tínhamos problemas com conversas ou uso de celulares, como acontecia em outras aulas com a imposição de um gênero para ler. Essas observações foram fundamentais para a escolha do objeto de pesquisa deste trabalho.

A proposta do programa ProfHistória também contribuiu para a consolidação desse projeto, pois um dos critérios do programa é o de criar um produto que possa auxiliar teoricamente o trabalho do professor, e que apresente novas abordagens e recursos. Para além desses critérios, nosso trabalho vai também criar uma proposta que possibilitará aos professores e professoras, buscar outras fontes sobre os escravizados brasileiros em consonância com estudos relacionados ao romance gráfico. A princípio tínhamos definido criarmos um site para hospedar a nossa produção, entretanto, com a chegada da Pandemia do Coronavírus e as aulas remotas, o projeto mudou, pois o tempo ficou curto para atender tantas novas demandas, e redefinimos a proposta.

A escolha de produzir um material direcionado ao professor tem como objetivo promover o acesso a diferentes abordagens e otimizar as horas de trabalho, sabemos que o tempo destinado à rotina de preparo das práticas pedagógicas e da burocracia escolar é insuficiente e a maioria de nós levamos muito trabalho para casa, o que impede de termos novas abordagens mais constantes. As formações continuadas que deveriam proporcionar soluções para essas necessidades estão cada vez mais escassas nas agendas neoliberais dos governos e instituições privadas, na maioria dos casos, resultam em palestras que, ao final do ano letivo, não dialogam entre si e não contribuem de maneira efetiva para a formação do professor. O direcionamento do material para o professor ocorreu da falta de tempo, porque em função da pandemia, não conseguimos realizar uma aplicação prévia do material em sala, mas também para não limitar as possibilidades de cada docente em trabalhar a obra a partir do contexto de sua escola, indicaremos no último capítulo, algumas oportunidades de trabalho, o que não vai esgotar esse trabalho nem tem tal pretensão ao trabalhar com o romance gráfico.

Estamos sendo cotidianamente bombardeados por imagens, os recursos tecnológicos desenvolvidos possibilitaram o surgimento de uma produção cultural direcionada ao maior número de pessoas, a cultura de massas. As histórias em quadrinhos surgem nesse contexto, e mesmo após vivenciar altos e baixos nas

produções, publicações e vendas, continuam a exercer uma relação importante entre a narrativa de texto e imagem como comunicação. O uso de *gifs*, *emojis* ou figurinhas nas trocas de mensagens em aplicativos, demonstram a nossa necessidade em reforçar, complementar ou informar utilizando duas linguagens. Por isso, as HQs continuam sendo necessárias na construção da leitura e interpretação das linguagens e seus códigos, esse campo amplia e estabelece ligações diretas com uma sociedade que se comunica em texto e imagem.

1.2 A IMAGEM DO NEGRO NAS PRODUÇÕES NACIONAIS

A primeira produção de quadrinhos nacional foi “As aventuras de Nhô-Quim”, de Angelo Agostini, publicada em 1869. E já no primeiro quadro aparece Benedito, criado do protagonista e que estava o acompanhando na estação de trem, que o levaria para a cidade do Rio de Janeiro, palco de suas aventuras. Dessa forma, podemos afirmar que na primeira publicação de histórias em quadrinhos do Brasil, a figura do negro se faz presente. A produção de Agostini revela a sua preocupação com os escravizados e a defesa desse grupo para o fim dessa condição. Contudo, não apaga o preconceito do autor em relação à raça, que podemos observar em algumas de suas produções (CHINEN, 2019).

A figura do negro nas produções nacionais se faz presente, mas não correspondem à proporcionalidade das produções realizadas em um país com a maior parte da população negra, pois a visibilidade destinada nos quadrinhos é extremamente inferior. Outro aspecto é como são essas representações; o fato de negros estarem nessas obras desde a primeira publicação brasileira de quadrinhos, não significa que a sua aparição seja igualitária em fala ou protagonismo. Por isso, devemos analisar a trajetória da representação gráfica dos negros, relacionando com os aspectos sociais e culturais do nosso país. As narrativas gráficas percorrem o caminho entre ficção e realidade, ao criar uma história, o autor tem a liberdade de construir, reconstruir e inventar o que a sua imaginação permitir, entretanto, a validação desse universo está ligada aos códigos que criam a semelhança entre a narrativa, o leitor e a sua realidade (KAMINSKI, 2020).

A produção gráfica é constituída a partir de referências do real, e a imagem caricata torna-se a prática dessa representação. Para Will Eisner (1996, p. 19), as

imagens são ferramentas narrativas: uma “imagem” é a memória de um objeto ou experiência gravada pelo narrador, fazendo uso de um meio mecânico (fotografia) ou manual (desenho). Existe uma correlação entre o humor gráfico e as histórias em quadrinhos, a forma de charges e caricaturas foram fundamentais para definir os conceitos das histórias em quadrinhos, a começar pela representação simplificada da figura humana e dos elementos do cenário (CHINEN, 2019).

Segundo Rodolphe Töpffer, em *Essai de physiognomonie*, os conceitos de fisiognomonía auxilia na caracterização do personagem, focando apenas em traços simples, as linhas de seu rosto, o contorno do nariz, a projeção do queixo, entre outros aspectos. Para o autor, que foi precursor dos quadrinhos, isso seria o suficiente para o leitor entender as intenções do autor e ajudaria o desenhista que fosse limitado artisticamente. Esse conceito da fisiognomonía amparou de acordo com Melot, os defensores do racismo no século XIX. Outros estudos das pseudociências⁷ desse período contribuíram para esse pensamento, o professor de anatomia Petrus Camper, na Universidade de Groningen, na Holanda, produziu um modelo evolucionista baseado na estrutura do crânio. Segundo ele, o padrão clássico era da cabeça grega que representava o ápice da evolução em relação às demais raças que seriam menos evoluídas. Essa teoria foi usada durante anos para justificar a estratificação racial e social (CHINEN, 2019).

Outros cientistas tentaram realizar trabalhos parecidos, Johann Friedrich Blumenbach, apresentou em 1775, o trabalho que dividia a humanidade em cinco raças, e foi responsável por utilizar o termo caucasiano para a raça branca. Seus estudos foram amplamente utilizados por outras pessoas para reforçar as diferenças políticas, econômicas e sociais. O alemão Franz Josef Gall, defendia a frenologia, um conceito que diz que o cérebro é dividido por várias áreas ou órgãos, e que cada parte é responsável por uma característica da personalidade, bem como quanto maior a capacidade, maior o tamanho da área no cérebro, o que levou a definirem que a capacidade de um grupo étnico poderia ser avaliada a partir das medidas do crânio. Já Harris, apresentou algumas ilustrações aproximando a imagem de etnias negras a de macacos. Para esse pesquisador, algumas características fenotípicas

⁷ O termo pseudocientífico ou pseudociências está vinculado ao darwinismo social, teoria criada por Hebert Spencer, formulada no século XIX, e sem nenhuma comprovação científica (CAVALCANTE, 2020).

dos negros, como a cor da pele, cabelos crespos, lábios grossos e narizes largos, eram indicadores de degeneração mental e moral (CHINEN, 2019).

FIGURA 1 – SEMELHANÇAS FORÇADAS ENTRE NEGROS E MACACOS



FONTE: Adaptada de Chinen (2019).

Infelizmente, esse tipo de comparação ainda ocorre, mesmo com todas essas teorias refutadas pela ciência, ainda acontecem em discursos racistas menções a esses conceitos.

O estereótipo na linguagem dos quadrinhos é uma necessidade maldita de acordo com Eisner, que define o estereótipo:

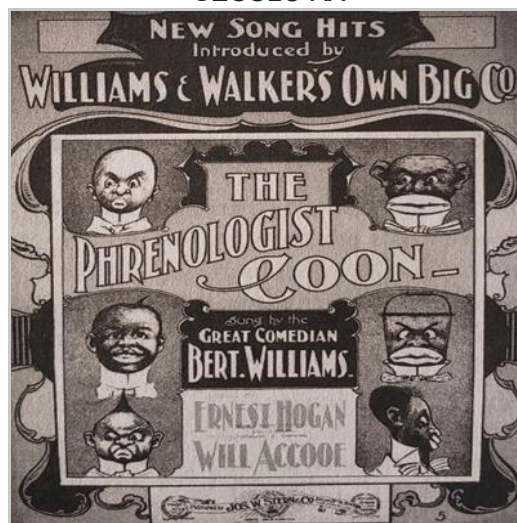
No dicionário, “estereótipo” é definido como uma ideia ou um personagem que é padronizado numa forma convencional sem individualidade. Como um adjetivo, “estereotipado” se aplica aquilo que é vulgarizado. O estereótipo tem uma reputação ruim não apenas porque implica banalidade, mas também por causa do seu uso como uma arma de propaganda ou racismo. Quando simplifica e categoriza uma generalização imprecisa, ele pode ser prejudicial ou, no mínimo, ofensivo (EISNER, 1996, p. 21).

A imagem gráfica do negro nos primórdios dos quadrinhos, representa essa banalização, amparada nas ideias das pseudociências (CHINEN, 2019), a representação dos negros é generalista e vulgar, o ataque à imagem refletia o que não era mais permitido legalmente, a agressão física gratuita dos tempos da escravidão. Representar os negros dessa forma tornava-se uma maneira civilizada de agredi-lo e, segundo Freud, era uma maneira de romper os códigos morais que impediam os indivíduos de se manifestarem como desejavam.

O humor ajudou na consolidação do estereótipo do negro no século XIX, e continuou presente em quase todo o século XX nos quadrinhos. A figura do

menestrel na sociedade estadunidense no século XIX compõe o histórico, diversos quadros desse período mostram negros como músicos, dançarinos, cantores, como criados e sempre a postos para entreter os brancos. Os menestréis fizeram tanto sucesso, que artistas brancos passaram a pintar suas faces de preto, uma área branca ao redor da boca para caracterizar exageradamente os lábios, essa figura dos menestréis negros ou brancos, tornaram-se tão populares que eram reconhecidos por pessoas das mais variadas classes sociais (CHINEN, 2019).

FIGURA 2 – CARACTURAS DE NEGROS UTILIZADAS EM CARTAZ DO COMEÇO DO SÉCULO XX



FONTE: Adaptada de Chinen (2019).

FIGURA 3 – PERSONAGENS DOS QUADRINHOS AMERICANOS INSPIRADOS NOS MENESTRÉIS



FONTE: Adaptada de Chinen (2019).

Com essa trajetória do humor, pseudociências e questões sociais em disputas, os quadrinhos consolidaram essa visão no seu início, nos Estados Unidos, os quadrinistas Currier, Ives e Eytinge, firmaram essa representação do negro nos quadrinhos, com traços exagerados e extremamente estereotipados. A produção

brasileira vai ser fortemente influenciada por essas imagens, apesar de alguns quadrinistas fugirem desse conceito, o estereótipo racista vai ser predominante.

A história narrada por D'Saete sobre Palmares, rompe com os estereótipos até pouco tempo ainda utilizados nas produções gráficas, o romance gráfico chegou em um momento em que o Brasil estava sendo marcado por conquistas dos movimentos negros nos últimos anos, e para uma sociedade aberta para a releitura de sua história a partir de novas narrativas e personagens de destaque. Dessa forma, *Angola Janga* contou com uma boa recepção por estar inserida em um momento histórico mais favorável para a sua leitura e compreensão.

1.3 O TEMA DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

A proposta inicial de pesquisa para a linha de saberes históricos no espaço escolar no âmbito do ProfHistória, era discutir como o conhecimento histórico é construído no contexto de um romance gráfico histórico. Para tanto, estava planejado a utilização do método de análise de conteúdo da obra com entrevistas e produção de material pelos estudantes do Ensino Médio sobre a obra: *Angola Janga*, que seria realizada no ano de 2020. No entanto, com a interrupção das aulas, devido à pandemia da Covid-19, toda a estrutura da pesquisa foi repensada. O projeto, que teria um material produzido pelos estudantes e destinado aos seus pares foi reestruturado, e o com a mudança de seu destino, os professores passaram a ser o foco. Dessa forma, o resultado dessa pesquisa busca contribuir para a prática docente no ensino de História.

Esse redirecionamento foi possível após cursar a disciplina de Teoria da História do Programa de Pós-graduação em História da UFPR, na linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa, conduzida pelo professor Clóvis Gruner. A proposta apresentada na ementa contava com dois eixos norteadores: o primeiro, a discussão teórica de História, narrativa e ficção, os historiadores lidos e apresentados ao longo do curso vão embasar as nossas discussões, principalmente no que recai sobre as relações entre as narrativas históricas e as ficcionais, e os problemas, aproximações e limites entre um campo e outro. São os historiadores: Rosane Kaminski, Juan José Saer, Ivan Jabonkla e Jacques Rancière. O segundo eixo foi a reflexão dessas questões na pesquisa histórica, utilizando como fontes as Histórias em Quadrinhos.

Ao terminar a disciplina, tive mais embasamento do quanto a minha escolha por *Angola Janga* e o seu processo de construção baseado nas concepções científicas ou não se assemelham à prática historiográfica. Por isso, o seu uso nesse trabalho é como fonte. Uma fonte que faz parte dos artefatos da cultura histórica como: livros, filmes, séries televisivas, novelas, sites, redes sociais, fotografias e com destaque para este estudo, as histórias em quadrinhos. Todos esses artefatos compõe a experiência social dos jovens e ajudam na ambiência escolar (VARELA, 2020).

O uso das histórias em quadrinhos no ensino de História tem garantido um espaço importante na discussão sobre a aprendizagem, pois “Elas aparecem como recurso narrativo gráfico interligando imagens e textos didáticos para desenvolvimento de diversas temáticas e conteúdos disciplinares e/ou interdisciplinares” (VARELA, 2020, p. 106). Em um momento em que a História e a academia enfrentam a política, a mídia e o público a se engajarem na importância do nosso trabalho, obras de ficção, como é o caso do romance gráfico histórico, possuem o potencial para abrir caminhos para novos leitores, nesse caso, os estudantes do nível básico de ensino, por apresentarem textos pedagogicamente mais acessíveis para esse público (HONOR, 2021).

Honor (2021), analisa a literatura e o seu alcance a um público mais diverso e maior, ao contrário da História que escreve para seus pares, por essa razão, buscar gêneros que dialogam com o conhecimento histórico e que têm potencial para o ensino de História é fundamental para nós professores.

É a partir do ensino de História e da leitura, e o seu diálogo com outras áreas do conhecimento que esse trabalho se justifica. A literatura e a história caminham há muito tempo juntas, e o reconhecimento das histórias em quadrinhos como um gênero genuíno nas últimas décadas, ampliou os recursos que possibilitam novas abordagens no ensino da disciplina.

1.4 OBJETIVOS, ETAPAS E PROCEDIMENTOS

O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar como o PBNE, atualmente PNLD, podem ser utilizados nas salas de aula como material de ensino-aprendizagem, ampliando as possibilidades para professores e alunos. Nas últimas edições do PNLD, incorporaram a proposta de ensino a partir da literatura. E o

ensino de História tem potencial de encontrar na literatura e em seus diversos gêneros, um recurso para ensinar a sua área.

A História, a Literatura e outros gêneros caminham entrelaçados em muitos aspectos, textos, narrativas, contextos, enredos, e mais próximo ainda do campo de produção, estão os romances históricos. Os romances gráficos históricos, procuram compreender o que está acontecendo, o que se passou, os personagens desaparecidos e o que o mundo antigo se tornou, permitindo-se inscrever o verdadeiro em formas renovadas (JABLONKA, 2017). Entretanto, o romance gráfico *Angola Janga* será analisado como fonte histórica neste trabalho. Ao criar uma narrativa sobre Palmares Marcelo D'Saete, utilizou muitos documentos do período dos conflitos palmarinos e da historiografia sobre o tema, que o fez reescrever os episódios de guerras, acordos e períodos de paz entre as autoridades portuguesas e os quilombolas. Ao utilizarmos a obra como fonte histórica, estamos ampliando a linguagem da narrativa histórica, para além da estrutura das escolas historiográficas, que acabam por afastar o leitor ao invés de aproximar. As narrativas gráficas conseguem angariar o público jovem e, a partir das imagens e textos, construir um universo muito rico em detalhes de uma história, o que ajuda na consolidação da leitura como um hábito divertido, podendo também ser estendido para a aprendizagem.

Os objetivos específicos foram definidos da seguinte forma:

- a) Explorar essas possibilidades garantidas pelos programas, a fim de realizar uma aproximação com temáticas dentro de História, romance gráfico histórico, relevância e perspectivas históricas.
- b) Compreender os processos de disputa e afirmação dos projetos e obras que chegam às escolas é fundamental para o trabalho do professor em sala, a escolha do material realizado pelo professor reflete não somente os conflitos dos grupos dominantes, mas as suas próprias representações de sociedade.

No primeiro capítulo, temos a problematização do nosso objeto de estudo e o contexto escolar, as implicações da escolha de um romance gráfico histórico para ensinar história, e como a construção estereotipada dos negros foi absorvida em diversos momentos da trajetória dos quadrinhos no âmbito internacional e nacional.

No segundo capítulo, apresentamos o conceito de romance gráfico histórico e as histórias em quadrinhos no contexto escolar, realizamos um levantamento dos

denominados no período de paradidáticos entre as décadas de 1970 e 80, com referência na pesquisa da Ernesta Zamboni, as mudanças nas legislações na década de 1990, LDB e PCN, precursores na formalização dos quadrinhos como uma linguagem legítima e reconhecida no meio acadêmico e educacional, até o PNBE, oficializando os quadrinhos como política pública educacional. Foi realizado um mapeamento dos quadrinhos selecionados e comprados nos editais do PNBE desde 2006 até 2013, o levantamento desse período contou com a pesquisa de Rafael Dias e Rodrigo Otávio dos Santos, sobre os quadrinhos disponibilizados pelo programa. Do último edital do programa de 2014, as compras realizadas após a incorporação do PNBE ao PNLD, em 2018, também realizamos o levantamento das obras selecionadas em ambos os editais. Demonstramos como a imagem do negro aparece nas produções escolhidas nos editais e justificamos o uso de *Angola Janga* para ensinar História.

No terceiro capítulo, trazemos o conceito de aula-oficina de Isabel Barca, que orienta algumas possibilidades desenvolvidas nesse capítulo para o trabalho do professor com o romance gráfico histórico *Angola Janga* e o ensino de História.

2 ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO (GRAPHIC NOVEL) E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Para MacCloud (1995), a definição etimológica seria: **Histórias em quadrinhos** s. pl., usado como verbo. 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta ao espectador. Essa definição expandida partiu da explicação de Will Eisner (1989), para ele as histórias em quadrinhos constituem-se na Arte Sequencial, portanto, não é literatura, e sim, uma linguagem própria.

Dessa maneira, a sua própria leitura ganha características únicas, que para Eisner (1996, p. 9),

O processo de leitura dos quadrinhos é uma extensão do texto. No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens. Quando executados de maneira apropriada, eles vão além da conversão e da velocidade e tornam-se uma só coisa.

A leitura das histórias em quadrinhos desde o seu início, século XIX, recebeu críticas, como de que se tratava de uma leitura inferior, que Certeau (2012, citado por BARROS), analisaria como uma leitura que foge da “literalidade”, que não atende aos requisitos de leitura ortodoxa, mas de uma leitura herética, legítima, mas que foge do sentido tradicional. Outro elemento importante é quem era o leitor, inicialmente, eles pertenciam às camadas populares: o operário, o vendedor, a doméstica, e o seu principal público, as crianças. Em função disto, que era essencial desqualificar a relevância dessa leitura de maneira a rotulá-la como inferior às demais.

A maioria das pessoas que gostam das histórias em quadrinhos tiveram o seu primeiro contato com este artefato ainda na infância, e lembram dessa época com empolgação e nostalgia. As histórias das personagens de Mauricio de Sousa, a famosa “Turma da Mônica”, influenciou gerações e se consolidou como uma referência na produção e perenidade no mercado nacional dos quadrinhos. Durante muito tempo, os quadrinhos foram associados diretamente ao público infantil, com desenhos ruins, baratos e descartáveis (MCCLLOUD, 1995). Esse conceito começou a mudar na segunda metade do século XX. Os quadrinhos expandiram os números de tiragens após a Segunda Guerra Mundial e livros, congressos, conferências e a aceitação de intelectuais quebraram outro estigma, de que o consumo estava

destinado às classes menos abastadas (BONIFÁCIO, 2015). Buscando abranger um maior público leitor, as editoras lançaram diversos títulos com temáticas variadas, terror, suspense, erotismo, biografias, adaptações da literatura, entre outros. Esse impulso editorial conseguiu atrair novos leitores e expandir a ideia de quadrinhos.

As principais editoras de quadrinhos no Brasil, entre as décadas de 1940 ao início do século XXI, consolidaram a nona arte no país, EBAL (Editora Brasil América Limitada), RGE (Rio Gráfica e Editora/Editora Globo), Editora Cruzeiro e Editora Abril, todas localizadas no eixo Rio-São Paulo, característica que chega aos nossos dias, trouxeram para o mercado brasileiro as principais publicações do setor mundial.

A EBAL foi responsável por inserir no mercado brasileiro as histórias da DC Comics, Marvel Comics, O herói Superman e Disney. A RGE, posteriormente chamada de Editora Globo, trouxe os personagens da King Phantom Syndicate, Fantasma, Ferdinando Mandrake e Popeye foram os principais destaques que tinham como foco os personagens estadunidenses, poucas foram as publicações de quadrinistas brasileiros, o maior destaque é do já citado Mauricio de Sousa, e os seus icônicos personagens. A editora publicou o seu material por duas décadas.

A Editora Cruzeiro, famosa pelo seu periódico, a Revista Cruzeiro, também seguiu a tendência das demais publicando títulos de fama internacional, como Luluzinha, Bolinha, Gasparzinho, Manda-Chuva, Zé Colmeia, entre outros. Um destaque para a Cruzeiro é a publicação Pererê, produzida pelo então desconhecido Zivaldo Alves Pinto, a obra incluía uma temática pouco explorada pelo mercado editorial, as histórias de personagens do folclore brasileiro, e relativamente obteve sucesso, mas não conseguiu consolidar-se.

A Editora Abril imprimiu a primeira edição da Mônica e a sua turma, em 1970, na mesma década assumiu as publicações da Marvel e, na década seguinte, da DC Comics. Abriu a oportunidade para edições genuinamente nacionais, é o caso da Revista Crás, entretanto, descontinuou a publicação após seis números. Atualmente, mantém a circulação de um dos títulos mais tradicionais da casa: Disney. Das editoras citadas, a única que mantém as atividades é a Editora Abril, as demais encerraram devido à concorrência de mercado, Cruzeiro na década de 1970, e a EBAL, por exemplo, na década de 1980. As novas formas de entretenimento como a internet, que se tornou um novo tipo de acesso à leitura de quadrinhos, fez a Editora Globo descontinuar suas atividades, principalmente quando Mauricio de

Sousa decidiu retirar o título de maior sucesso da editora e priorizou a Mauricio de Sousa Produções para editar e publicar os seus personagens, em 2007 (VERGUEIRO, 2017).

Outras editoras de pequeno porte se mantiveram durante esse período, produções independentes e os mais recentes financiamentos coletivos, entretanto, vale destacar essas quatro editoras pela relevância e consolidação dos quadrinhos no país. A EBAL foi precursora em aproximar as suas publicações do setor educacional, que contou com:

Adolfo Aizen, o diretor da empresa, era um empreendedor muito ativo e verdadeiro entusiasta dos quadrinhos, sempre preocupado com a aceitação dessa linguagem narrativa pelo povo brasileiro, principalmente pelos pais e professores, que, em sua opinião, representavam o público a ser cortejado e cativado em favor dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2017, p. 45).

As coleções publicadas pela editora seguiram os padrões realizados em outros países, por exemplo, o título *Edição Maravilhosa* fazia adaptações dos clássicos da literatura, traduzindo inicialmente a revista estadunidense *Classics Illustrated*, porém passou a priorizar os clássicos da literatura nacional⁸, o *Álbum Gigante* seguiu a mesma vertente. A revista *Grandes Figuras em Quadrinhos*, destinou as suas páginas à personagens da história brasileira⁹, e a obra *História do Brasil em Quadrinhos*,

com arte de Ivan Wasth Rodrigues (1927-2007) e texto de Gustavo Barroso (1888-1959), membro da Academia Brasileira de Letras, e *A independência do Brasil*, com desenhos de Eugênio Colonnese, ofereciam aos jovens brasileiros uma versão mais interessante da história do País do que aquela que recebiam em livros de textos escolares, ainda que, substancialmente, não houvesse grande diferença entre elas, pois apresentavam a mesma visão sobre um fato histórico específico, variando apenas o formato utilizado (VERGUEIRO, 2017, p. 49).

⁸ A Edição Maravilhosa e Álbum Gigante: publicados durante os anos 1950 e 1960, esses dois títulos adaptaram à linguagem dos quadrinhos as obras mais importantes da literatura brasileira, como *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar (1829-1877); *Mar Morto*, *Jubiabá* e *Gabriela*, Cravo e Canela, de Jorge Amado (1912-2001); *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida (1830-1861); *Menino de engenho* e *Doidinho*, de José Lins do Rego (1901-1957); *A muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982); para citar alguns dos autores mais conhecidos (VERGUEIRO, 2017, p. 45-45).

⁹ A *Grandes Figuras em Quadrinhos*, título que também foi publicado nas décadas de 1950-1960, apresentava na forma de histórias em quadrinhos as biografias de grandes personagens da história brasileira, como o presidente Getúlio Vargas (1882-1954), o poeta Castro Alves (1847-1871), o estadista Rui Barbosa (1849-1923), o empresário Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá (1813-1889), o imperador Dom Pedro II (1825-1891), o conspirador e mártir da Independência brasileira, Tiradentes (1746-1792), o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) e vários outros (VERGUEIRO, 2017, p. 47).

Infelizmente, as produções realizadas não forneciam a visão diferenciada que a História impressa nos livros didáticos e reproduzidas em sala, os grandes heróis e os chamados grandes fatos históricos. A linguagem dos quadrinhos foi utilizada como uma aproximação de um novo recurso e potencial financeiro com o seu público. Algumas publicações contaram com a orientação de historiadores, em uma tentativa de legitimação do que estava sendo publicado e quem iria receber (MENDONÇA, 2019).

Na década de 1970, no Brasil, o sistema de ensino foi ampliado com a implementação da Lei 5692/71, essa expansão fomentou a necessidade por parte das editoras do país de produzir materiais destinados à área da educação, é nesse contexto que surgiu um tipo de livro, cujo objetivo era trazer inovação para a escola, denominado paradidático.

Os paradidáticos influenciaram grande parte do que era consumido nas escolas e pelas famílias de classe média que, preocupadas com a educação de seus filhos, investiram nesses produtos como uma forma de complementar o que era ensinado na sala de aula. O acesso ao livro era muito limitado, em pesquisa realizada na década de 1980, chegou-se à conclusão de que 25% das casas visitadas não tinham nenhum livro na residência (ZAMBONI, 1991).

Ao longo das décadas, as editoras dedicaram-se em produzir muitos títulos para esse segmento. No quadro a seguir, reunimos as principais coleções e editoras com temáticas relacionadas à disciplina de História.

QUADRO 1 – LISTA DE PARADIDÁTICOS DE HISTÓRIA – DÉCADAS DE 1970-1980

continua

Editora	Títulos
Contexto Editora	Repensando a História Textos-Documentos O Mito do Herói Nacional, Partidos Políticos
Editora Ática	Cotidiano da História Textos Universitários Ensaio Diversos
Editora Atual	Discutindo a História Redescobrimo o Brasil Leituras Complementares Lendo
Editora Moderna	Polêmica Paz e Terra Biografias

QUADRO 2 – LISTA DE PARADIDÁTICOS DE HISTÓRIA – DÉCADAS DE 1970-1980

Editora	Títulos
Editora Global	História Popular Global Universitária Bases Universidade Popular Teses, Que País é Este? Temas Educação e Ação Política Textos Passado/Presente Global-Direito Luta de Classes Caminhos da Constituinte
Editora Brasiliense	Tudo é História Primeiros Passos Biografias História
Editora Abril	Os Grandes personagens da Nossa História Gênios da Pintura Museus Saga Mulheres Imortais

FONTE: Zamboni (1991).

Na conquista deste público, a sedução ocorre em várias direções: oferecem uma coleção de livros bonitos, com temas variados e conhecidos, sem originalidade, aparentemente interdependente (ZAMBONI, 1991, p. 78). Em relação ao ensino de História, a Lei 5692/71 ampliou o sistema educacional do país, retirou História e Geografia do currículo, substituindo para Estudos Sociais, e a formação dos professores passou a obedecer aos mesmos critérios. A formação reduzida dos professores nessas áreas ajudou a propagar a utilização dos paradidáticos como recursos inovadores daquele momento, as narrativas não trouxeram tantas novidades da perspectiva historiográfica, reproduziam em sua maioria o que circulava nas representações didáticas do período (ZAMBONI, 1991).

Com uma formação reduzida e com a disciplina descaracterizada em sua prática, os professores de História desse período utilizavam os paradidáticos como um recurso inovador. Já as editoras, analisavam o consumo das obras pelas camadas mais jovens como um futuro promissor para o mercado, as edições desses livros supriam economicamente as editoras nos meses de baixo consumo de livros didáticos, pois era uma maneira de manter a atividade o ano todo. O conceito de paradidático criado pelas editoras, a partir da década de 70, tinha como objetivo

legitimar a entrada dessas obras no meio escolar e garantir o seu consumo pelas famílias (ZAMBONI, 1991).

2.1 CONTINUIDADES E MUDANÇAS: O PNBE E A CHEGADA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS ESCOLAS

O estudo de Ernesta Zamboni (1991), nos mostrou como o interesse das editoras na produção dos paradidáticos ajudou no crescimento do consumo pelos jovens e a utilização das histórias em quadrinhos em sala na década de 1980, e início dos anos 90. Mas foi somente na segunda metade da última década de 1990, que os quadrinhos começaram a ganhar espaço como linguagem pelas diretrizes educacionais. A primeira menção, segundo Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro (2019), aconteceu com a promulgação da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB), em 1996, o texto revela a urgência de inserção de novas linguagens e manifestações artísticas na educação básica:

Item II do art. 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber “é uma das bases do ensino”;
Item II do § 1º do art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de “formas contemporâneas de linguagem” (RAMOS; VERGUEIRO, 2019, p. 10).

O termo histórias em quadrinhos não foi utilizado explicitamente, entretanto, foi a porta de entrada para que no ano seguinte fossem oficializados com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os objetivos dos PCN eram de criar um referencial a ser adotado pelos professores da rede de ensino básica. Nas áreas que citavam os quadrinhos, os objetivos foram traçados conforme a disciplina. As citações iniciam no nível fundamental II, nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, e chegam ao Ensino Médio, portanto, vamos destacar as atribuições referentes a esse último segmento, pois será o foco do nosso trabalho em sala.

As menções sobre as histórias em quadrinhos no documento do Ensino Médio estão detalhadas no volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, são três as referências as Histórias em Quadrinhos - HQs, a primeira é o reconhecimento delas como uma manifestação artística a ser trabalhada em sala de aula, a segunda aponta urgência de se fazer uma leitura mais aprofundada, destacando os

elementos que definem e diferenciam essa área das demais, e a terceira, fundamental para este trabalho, é quando “destacam a importância dos diversos gêneros dos quadrinhos como fonte histórica” (RAMOS; VERGUEIRO, 2019, p. 11).

A leitura dos quadrinhos na escola e no ensino de história tiveram um grande incentivo com a inserção desse gênero em 2006, no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Criada em 1997, tinha como objetivo a distribuição de livros literários para as escolas públicas do país, segundo Ramos e Vergueiro (2019), outro objetivo era permitir aos estudantes o acesso à cultura, à informação e estimular o hábito pela leitura. Para isso, o governo abriu licitação junto às editoras para montar lotes de obras a serem distribuídas nas escolas brasileiras. Em pesquisa realizada sobre a quantidade de quadrinhos comprados pelo governo nos editais de 2006, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013, é possível identificar uma variação na quantidade de quadrinhos adquiridos nesses editais.

TABELA 1 – LISTA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PNBE

ANO	Quantidade de títulos
2006	12
2008	08
2009	22
2010	10
2011	27
2012	06
2013	17
Total	102

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

O estudo acima foi realizado por Rafael Cobbe Dias e Rodrigo Otávio dos Santos (2018), que mapearam os títulos comprados pelo programa ao longo dos editais em análise, no ano de 2006, foram adquiridas as seguintes obras:

QUADRO 2 – LISTA DOS QUADRINHOS - 2006

Autor	Título
Cavalcante, Djalma.	Contos em Quadro.
Hanawa, Kazuichi.	Na prisão.
Devir, Fernando Gonsales.	Níquel Náusea nem tudo que balança cai.
Devir, Gilmar Barbosa.	Pau pra toda obra.
Eisner, Will.	O Nome do Jogo.
Galhardo, Antônio Carlos Tironi. Cervantes, Miguel de.	Dom Quixote, em quadrinhos.
Gosciny, René. Uderzo, A.	Asterix e Cleópatra.
Kuper, Peter.	A metamorfose.
Lima, Antônio Clévisson Viana.	Lampião...Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida.
Oliveira, João Spacca de.	Santô e os pais da aviação.
Pinto, Ziraldo Alves.	A Turma do Pererê: as gentilezas.
Quino.	Toda Mafalda.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

É possível identificar clássicos da literatura transformados em histórias em quadrinhos, como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *A Metamorfose*, de Franz Kafka. A lista também conta com biografias de Lampião e Santos Dumont, algo que não é novidade para o mercado editorial dos quadrinhos, que tinha como público estudantes da classe média (ZAMBONI, 1991), que compravam as suas obras, entretanto, apresentava-se como uma novidade para a comunidade escolar das instituições públicas e periféricas no Brasil. A lista contempla quadrinistas reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, como Will Eisner, Quino e Ziraldo. Um aspecto que se destaca é o título *Na Prisão*, de Kazuichi Kazuichi, o único mangá da lista.

Esse edital fez aquecer o mercado editorial brasileiro, foram comprados em 2006, 7.233.075 livros, formando um acervo de 96.440 obras, desse montante os quadrinhos contabilizaram cerca de 4,5% (VERGUEIRO; RAMOS, 2019).

No ano de 2008, aconteceu uma redução no número de títulos comprados pelo programa:

QUADRO 3 – LISTA DE QUADRINHOS - 2008

Autor	Título
Antônio Luiz Ramos Cedraz.	A Turma Do Xaxado - Volume 2.
Naifeh, Ted.	Courtney Crumrin & as criaturas da noite.
Nesti, Frederico Carvalhaes.	Os Lusíadas em quadrinhos.
Oliveira, Jô.	Hans Staden.
Pinto, Ziraldo Alves.	25 anos do menino maluquinho.
Sfar, Joann.	Pequeno Vampiro Vai à Escola.
Williams, Marcia.	Mitos Gregos: o voo de Ícaro e outras lendas.
Williams, Marcia.	Rei Artur, e os Cavaleiros da Távola Redonda.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

No ano anterior, o governo dedicou-se à compra de obras para o Ensino Médio, a iniciativa ganhou o nome de Programa Nacional Biblioteca na Escola para o Ensino Médio (PNBEM). Nesse edital, foram comprados 3.956.480 livros, entretanto, nenhum ligado à área dos quadrinhos. No edital para a educação infantil também não constavam quadrinhos, somente na relação voltada para o ensino fundamental, pois segundo o texto, as escolhas e avaliações ficariam a cargo da Secretaria de Educação Básica. Mesmo com a ausência dos quadrinhos para a educação infantil e Ensino Médio, a quantidade de títulos comprados pelo Estado aumentou de 4,5% do total em 2006, e passou para 7% do total em 2008. Entre um edital e outro, foram observados o crescimento de adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos, e até mesmo uma redundância nas produções. O

conto *O Alienista*, de Machado de Assis, teve quatro adaptações, *A cartomante*, do mesmo autor, tiveram três. Isso deve-se ao item 3.4 do edital de 2008, que autorizava as adaptações para a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental (VERGUEIRO; RAMOS, 2019).

O edital do PNBE, de 2009, priorizou a compra das obras para as séries finais do Fundamental e Ensino Médio, mas uma outra mudança animou estudiosos e quadrinistas, pois os quadrinhos passaram a ter uma referência específica da qual podemos realizar algumas análises:

[...] sobre o ponto de vista do governo federal. A primeira é que ela consolida a interpretação de quadrinhos como gêneros literários. A segunda é que os mesmos quadrinhos não precisam ser agora, necessariamente, adaptações para configurarem leitura recomendada. A terceira é que, pela primeira vez, as histórias em quadrinhos poderiam migrar para o ensino médio, via PNBE. Até então, eram direcionadas apenas ao ensino fundamental (RAMOS; VERGUEIRO, 2019, p. 24).

Essa mudança deixa claro o reconhecimento dos quadrinhos como um gênero literário, isso é identificado na publicação da lista de livros divulgada pelo Ministério da Educação em 2008, para o ensino fundamental e médio, ambas incluíram títulos de histórias em quadrinhos:

QUADRO 4 – LISTA DE QUADRINHOS - 2009

Autor	Título
Amadeu, Gabriel de Góes. Branco, Arnaldo Allemand. Rodrigues, Nelson Falcão.	O beijo no asfalto.
Bá, Fábio Moon, Gabriel; Assis, Machado de.	O Alienista.
Carvalho, Gabriel.	10 Pãezinhos: meu coração não sei por quê.
Cavalcante, Lailson de Holanda; Barreto, Lima.	Triste fim de Policarpo Quaresma.
Coutinho, Laerte.	Deus segundo Laerte.
Coutinho, Laerte.	Suriá, a garota do circo.
Dib, André Huchi et al.	Domínio Público: literatura em quadrinhos.
Eisner, Will.	A Força da vida.
Eisner, Will.	O Sonhador.
Eisner, Will.	Um Contrato com deus.
Furse, Sophie. Melville, Herman.	Moby Dick.
Gonick, Larry.	A história do mundo em quadrinhos.
Gonsales, Fernando.	Níquel náusea tédio no chiqueiro.
Gosciny, René. Uderzo, Albert.	Asterix nos jogos olímpicos.
Gosciny, René. Uderzo, Albert.	Albert Asterix e a volta às aulas.
Henfil.	A volta da Graúna.
Malam, John. Dickens, Charles.	Oliver Twist.
Pinto, Ziraldo Alves.	A Turma do Pererê: as Manias do Tininim.
Pinto, Ziraldo Alves.	Maluquinho por arte: histórias em que a turma pinta e borda.
Schwarcz, Lilia Moritz. Oliveira, João Spacca de	D. João Carioca.
Stanley, John.	Luluzinha vai às compras.
Tetzner, Lisa. Binder, Hannes.	Irmãos pretos.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

No edital de 2010, foram identificados os seguintes títulos:

QUADRO 5 – LISTA DE QUADRINHOS - 2010

Autor	Título
Flávio Colin.	Estórias gerais.
Cavalcanti, Lailson de Holanda; Almeida, Manuel Antônio de.	Memórias de um sargento de milícias em quadrinhos.
Eisner, Will.	Pequenos milagres.
Gonzáles, Jorge. Villa-Lobos, Federico; Homero.	A Odisseia.
Kuper, Peter. Kafka, Franz.	Desista!
Mc Donnell, Patrick.	Mutts os vira latas.
Petersen, David.	Pequenos Guardiões 1. Na Barriga do Monstro.
Reviejo, Carlos. Zabala, Javier.	Dom Quixote, de la Mancha.
Sakai, Stan.	Usagi Yojimbo Daisho.
Sfar, John. Saint-Exupéry, Antoine de.	O pequeno príncipe quadrinhos.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

Dos dez títulos selecionados, quatro foram destinados às séries finais do fundamental e Ensino Médio. Foram os títulos: *Memórias de um sargento de milícias em quadrinhos*, de Lailson de Holanda Cavalcanti e Manuel Antônio de Almeida, *O pequeno príncipe em quadrinhos*, de Antoine de Sfar e Jhon Saint-Exupéry, *Desista!*, de Peter Kuper e Franz Kafka, e *Pequeno milagre*, de Will Eisner. Houve novamente uma diminuição na compra de quadrinhos nesse edital, em 2009, as HQs representaram 5% do total do acervo, em 2010, ficou com apenas 4,4% do total (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, PNBE – Acervos, 2020).

Em 2011, o número de obras selecionadas voltou a aumentar, totalizando 27, foram essas:

QUADRO 6 – LISTA DE QUADRINHOS - 2011

continua

Autor	Título
Araújo, Maurício.	Bidu 50 anos.
Beyruth, Danilo.	Necronauta: v.1: o soldado assombrado e outras histórias.
Defilippis, Nunzio. Weir, Christina. Cornell, Kevin. Fitzgerald, F. Scott.	O curioso caso de Benjamin Button.
Fernandes, André Diniz.	Quilombo Orum Aiê.
Fontes, Ivan José de Azevedo. Rosa, Rodrigo. Almeida, Manuel Antônio de.	Memórias de um sargento de milícias.
Gê, Luiz. Azevedo, Ivan José de. Alencar, José de.	O Guarani.
Guazelli Filho. Eloar. Gomes, Dias.	O pagador de promessas.
Henfil.	A volta do Fradim.
Johnson, Dan; Kumar, Naresh; Defoe, Daniel	Robinson Crusoe.
Koatz, Gilson Dimenstein. Goscinny, René. Uderzo, Albert.	O aniversário de Asterix e Obelix.
M. Schulz. Charles.	Peanuts completo - 1950 a 1952.
Miller, Frank. Romita Jr., John.	Demolidor o homem sem medo.
Mousse, Marion. Shelley, Mary.	Frankenstein.
Nagulakonda, Rajesh. Wells, H.G.	A Máquina do tempo.

QUADRO 6 – LISTA DE QUADRINHOS - 2011

Autor	Título
Pereira, Mauricio Ricardo.	Causos de assombramento em quadrinhos.
Pinto, Zivaldo Alves.	25 Anos do menino maluquinho.
Pinto, Zivaldo Alves.	Diário da Julieta: as histórias mais secretas da menina maluquinha.
Pinto, Zivaldo Alves.	Maluquinho por futebol: as histórias mais malucas sobre a maior paixão do Brasil.
Ramos Neto, Nestrablo.	Zoo.
Satrapi, Marjane.	Persépolis.
Silva. Edgar Luis Vasques da. Singular, Flávio Braga. Barreto, Lima.	O triste fim de Policarpo Quaresma.
Sousa, Maurício Araújo de	Msp+ 50 Mauricio de Sousa por 50 artistas.
Stahlberg. Lance. Singh, Lalit Kumar.	Moby Dick.
Thompson, Craig.	Retalhos.
Toral, Andre.	Os Brasileiros.
Vetillo, Eduardo.	Palmares a luta pela liberdade.
Vetillo, Walter; Alencar, José de.	O guarani.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

O ano de 2011 apresentou um número de quadrinhos muito superior aos anos anteriores, 27 títulos, entre os escolhidos constam adaptações de clássicos da literatura nacional, como *Memórias de um sargento de milícias*, *O Guarani*, com duas adaptações para os quadrinhos, uma realizada por Ivan Jaff e Luiz Gê, destinada ao ensino fundamental anos finais, e a outra feita por Walter Vetillo, atribuída para o Ensino Médio, e *O triste fim de Policarpo Quaresma* no formato de Graphic Novel. Outra particularidade desse ano, foi a adaptação da peça teatral *O pagador de promessas*, de Eloar Guazzelli Filho. Da literatura internacional, foram selecionados os quadrinhos *Robinson Crusoe*, *Frankenstein* e *a Máquina do Tempo*, esse último não chegou a ser adquirido pelo programa nesse ano. Em 2011, foi a primeira vez que o governo comprou um quadrinho de super-heróis, *Demolidor o homem sem medo*, reservado para o acervo do Ensino Médio. Nesse ano, os quadrinhos representaram 9% do valor total de obras compradas do programa.

No PNBE de 2012, foram selecionadas apenas 6 obras para esse edital:

QUADRO 7 –LISTA DE QUADRINHOS - 2012

Autor	Título
Abouet, Marguerite. Oubrerie, Clément.	Aya de Yopougon.
Beyruth, Danilo.	Bando de dois.
Macdonald, Fiona.	Drácula.
Pinto, Zivaldo Alves.	A turma do Pererê: 365 dias na mata do fundão.
Riviere, François. Christie, Agatha. Chandre. Leclerq, Alexandre Boide Frank.	Morte na Mesopotâmia seguido do caso dos dez negrinhos.
Sousa, Mauricio de.	Turma da Mônica Romeu e Julieta.

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

As obras *Aya de Yopougon*, *Bando de Dois*, *Drácula* e *a Morte na Mesopotâmia seguido do Caso dos dez negrinhos*, foram adquiridas para a EJA, Educação de Jovens e Adultos, os outros dois títulos de quadrinistas brasileiros, Ziraldo Alves Pinto e Mauricio de Sousa, compuseram o acervo dos anos iniciais do ensino fundamental. No quadro acima, consta a adaptação de *Frankenstein*, de Fiona Macdonald, da editora Companhia Editora Nacional, não citada na pesquisa de referência, mas comprada para a EJA no mesmo edital. Os poucos números de títulos de quadrinhos também refletiram no total da compra desse ano, que representou menos de 2% do total de obras. Uma novidade para esse ano foi a compra de livros no formato MecDaisy¹⁰, todos os quadrinhos aqui citados foram adquiridos nesse formato.

Em 2013, o PNBE colocou em edital 17 histórias em quadrinhos, destinadas aos segmentos das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a lista não apresenta muitas novidades em relação aos editais anteriores:

QUADRO 8 – LISTA DE QUADRINHOS – 2013

continua

Autor	Título
Antonelli, Ronaldo.	Contos de Tchekov.
Borges, Taisa. Sherley, Mary.	Frankenstein em quadrinhos.
Esopo. ET al.	Domínio público 2.
Jaf, Ivan. Guimarães, Bernardo.	A Escrava Isaura.
Jaf, Ivan. Rosa, Rodrigo. Assis, Machado de.	Dom Casmurro.
Jozz.	Otelo.
Oesterheld, Héctor G. Solano López, Francisco. Goldoni, Rubia Prates. Molina, Sérgio.	O Eternauta.
Onfray, Michel. Brant, Alcida. le Roy, Maximilien.	Nietzsche em HQ.
Pax, Walter. Castro, Vicente.	Leonardinho: memórias do primeiro malandro brasileiro.
Pedrosa, Cyril. Bensimon, Carolina.	Três Sombras.
Pinto. Ziraldo Alves.	A turma do Pererê. Coisas do coração.
Quino. Stahel, Monica.	10 anos com Mafalda.
Ribeiro, Estevão.	Os passarinhos e outros bichos.

¹⁰ O Ministério da Educação lança o Mecdaisy, uma solução tecnológica que permitirá a produção de livros em formato digital acessível, no padrão Daisy. Desenvolvido por meio de parceria com o Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro - NCE/UFRJ - o Mecdaisy possibilita a geração de livros digitais falados e sua reprodução em áudio, gravado ou sintetizado.

Este padrão apresenta facilidade de navegação pelo texto, permitindo a reprodução sincronizada de trechos selecionados, o recuo e o avanço de parágrafos e a busca de seções ou capítulos. Possibilita também, anexar anotações aos arquivos do livro, exportar o texto para impressão em Braille, bem como a leitura em caractere ampliado. Todo texto é indexado, facilitando, assim, a manipulação através de índices ou buscas rápidas.

Além dos benefícios do Mecdaisy às pessoas com deficiência visual ou física que podem ter acesso à leitura sob a forma de áudio e texto digital, destaca-se que está disponível a metodologia para geração de livros neste padrão, que poderá ser utilizada gratuitamente nas escolas e instituições de educação superior, para garantia da acessibilidade. (BORGES, 2002)

QUADRO 8 – LISTA DE QUADRINHOS – 2013

conclusão

Autor	Título
Ricard, Sylvain. Bensimon, Carol. Maël. Kafka, Franz.	Na colônia penal.
Rouanet, Maria Helena. Anjos, Thais dos. Rosa, João Guimarães.	A terceira margem do rio em graphic novel.
Silva, Alexandre Miranda.	Orixás: do Orum ao Ayê.
Stevenson, Robert Louis. Garcia, Luciana. Ho, Jason.	Graphic chillers: O médico e o monstro

FONTE: Adaptada de Dias e Santos (2018).

As adaptações de clássicos da literatura internacional continuaram com força, *Frankenstein em quadrinhos*, adaptado pela Taisa Borges dessa vez, marcou a terceira edição consecutiva da história nos últimos editais, com autores diferentes, mas perpetuando a história de Mary Shelley em quadrinhos. Outra adaptação internacional foi de *Na Colônia Penal*, de Sylvain Ricard e Carol Bensimon, baseada na obra de Franz Kafka de mesmo nome. Ainda neste mesmo edital, encontramos outras adaptações como: *Graphic chillers: O médico e o monstro*, realizada por Luciana Garcia e Jason Ho, da obra do autor escocês Robert Louis Stevenson, *Contos de Tchekhov*, adaptado por Ronaldo Antonelli do autor russo Anton Pavlovitch, e *Otelo*, de Shakespeare, quadrinizado por Jozz.

Já as adaptações da literatura nacional foram *Dom Casmurro*, feita por Ivan Jaf e Rodrigo Rosa, obra original escrita por Machado de Assis, o quadrinho *A terceira margem do rio em graphic*, quadrinizado por Maria Helena Rouanet e Thais dos Anjos, originalmente escrita por João Guimarães Rosa, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, adaptada por Ivan Jaf. A obra *O Eternauta*, de Héctor Oesterheld e Francisco Solano López, não é originalmente uma adaptação, mas faz referências à obra do personagem Robinson Crusoe, romance do inglês Daniel Defoe, *Leonardinho Memórias do primeiro malandro brasileiro*, foi inspirada na obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, Leonardo, personagem principal do quadrinho, seria filho de Leonardo e Luisinha em um Rio de Janeiro transformado, os quadrinhos foram realizados pelos quadrinistas Walter Pax e Vicente Castro.

Os últimos destaques para esse ano são os quadrinhos já de sucesso entre vários leitores, como: *A turma do Pererê*, *Coisas do coração*, de Ziraldo Alves Pinto e *10 anos com Mafalda*, de Quino. No montante geral, a compra de quadrinhos desse edital representou 4% do total de livros físicos comprados pelo governo, o formato MacDaisy também foi adquirido no mesmo edital.

No PNBE de 2014, foram selecionadas obras para a educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental e EJA, a categoria Livros de imagens e Livros de Histórias em quadrinhos abrangeu 18 obras no total, a partir de alguns estudos sobre livros de imagens¹¹ desse edital, conseguimos definir as obras exclusivamente de histórias em quadrinhos no quadro a seguir:

QUADRO 9 – LISTA DE QUADRINHOS - 2014

Autor	Título
Pinto, Ziraldo Alves.	Histórias da Carolina a menina que sonhadora que quer mudar o mundo.
Marcos, João. Verne, Júlio. Will.	20.000 Léguas submarinas em quadrinhos.
Ortega, Denise. Lobato, Monteiro. Podavin, Luiz.	Os doze trabalhos de Hércules.
Verron, Laurent. Fernando Scheibe.	Boule e Bill: Semente de Cocker.
Greco, Felipe. Cau, Mario. Assis, De Machado.	Dom Casmurro.

FONTE: Ministério da Educação. PNBE – Acervos 2020.

As obras de Ziraldo e Laurent Verron destacam-se por serem obras originais, as outras três foram adaptações de clássicos da literatura internacional como é o caso de *20.000 Léguas submarinas em quadrinhos*, originalmente de Júlio Verne e adaptada por João Marcos e Will, e a literatura nacional com *Os Doze trabalhos de Hércules*, de Monteiro Lobato e adaptado por Denise Ortega e Luiz Podavin, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, adaptação feita por Felipe Greco e Mario Assis, o quadrinho contou com o prefácio de Paulo Ramos, grande pesquisador da área, e ganhou vários prêmios de destaque, como o Jabuti de melhor adaptação. Durante muito tempo, os quadrinhos não tiveram protagonismo na premiação, mas em 2015, o gênero ganhou destaque ao conquistar uma categoria melhores adaptações, as obras indicadas poderiam ser versões de clássicos internacionais e nacionais, somente em 2017, as Histórias em Quadrinhos ganharam uma categoria exclusiva para as suas publicações na premiação.

Os editais do PNBE de 2015¹², e PNBE Indígena de 2015¹³, chegaram a ser publicados, entretanto, a seleção das obras e compra dos materiais não ocorreu, principalmente “por conta da crise política e econômica no Brasil, o PNBE foi suspenso” (SPENGLER, 2017, p. 182), a decisão do governo foi repudiada pelo setor editorial brasileiro, que no mesmo ano publicou um manifesto chamado “Brasil,

¹¹ Gonçalves (2018) e Moraes, Ramos e Haddas (2020).

¹² Edital do PNBE 2015 (FNDE, 2010a).

¹³ Edital do PNBE Indígena 2015 (FNDE, 2014)

Nação Leitora¹⁴". No ano seguinte, foi publicado o edital PNBE Periódicos 2016¹⁵, no entanto, não foi levado adiante.

Os cortes orçamentários na educação afetaram diretamente o programa, o Decreto nº. 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações para a aquisição e distribuição de livros didáticos e literários ao PNLD, anteriormente chamado de Programa Nacional do Livro Didático, após a publicação do decreto, o PNLD passou a ser definido como Programa Nacional do Livro e do Material Didático, além da unificação dos dois programas, o decreto ampliou os materiais atendidos, obras pedagógicas, softwares, jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros, passaram a compor a lista do programa reformulado¹⁶.

O PNLD de 2017, foi voltado para a aquisição e distribuição de livros didáticos para as séries finais do ensino fundamental. No ano seguinte, o PNLD seguiu com a programação de compra de livros didáticos para o Ensino Médio, mas no mesmo ano lançou o PNLD 2018 Literário para o Ensino Médio. O guia foi formulado a partir de 6 categorias¹⁷ pautadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e tem como objetivo também o diálogo com os Projetos Políticos e Pedagógicos de cada instituição. As HQs continuaram a ser classificadas no gênero Livros de imagens e Livros de histórias em quadrinhos, e abaixo retomamos o quadro de obras selecionadas para este edital:

QUADRO 10 – LISTA DE QUADRINHOS - 2018

continua

Autor	Título
Eloar Guazzelli Filho, Ivan Jose De Azevedo Fontes (Ivan Jaff).	Amar, Verbo Intransitivo: Idílio / Mário De Andrade.
Marcelo De Salete Souza (Marcelo D'salete).	Angola Janga.
Joao Carlos Pires Pinheiro (João Pinheiro).	Carolina.
Marcelo De Salete Souza (Marcelo D'salete).	Cumbe.
Estevao Da Matta Ribeiro (Estevao Ribeiro), Georges Melies (Georges Melies).	Da Terra À Lua.
Jose Aguiar Oliveira Da Silva (Jose Aguiar),	Dom Casmurro De Machado De Assis.

¹⁴ SNEL (2015).

¹⁵ Edital do PNBE Periódicos 2016 (FNDE, 2020b).

¹⁶ Decreto nº 9.099 PNLD (BRASIL, 2017a).

¹⁷ As categorias elaboradas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) são: Projetos de vida; Inquietações das juventudes; O jovem no mundo do trabalho; A vulnerabilidade dos jovens; Cultura digital no cotidiano dos jovens; Bullying e respeito à diferença; Protagonismo juvenil; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia; Outros temas. Todas as categorias compõem as Diretrizes e Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

Wellington Tadeu Srbek De Araujo (Wellington Srbek)	
---	--

QUADRO 10 – LISTA DE QUADRINHOS - 2018

Autor	Título	conclusão
Alexandre Boide Santos, Jean-Blaise Mitildjian (Djian).	Dom Quixote Hq.	
Davi Fazzolari, Eloar Guazzelli Filho.	Fernando Pessoa E Outros Pessoas.	
Eloar Guazzelli Filho (Guazzelli), Rodrigo Machado Da Rosa (Rodrigo Rosa).	Grande Sertão: Veredas.	
Daniel Monteiro Lacerda (Dan X), Mario De Andrade (Mario De Andrade).	Macunaíma Em Quadrinhos.	
Francisco Sebastiao Vilacha (Francisco Vilachã).	Missa Do Galo E Outros Contos De Machado De Assis.	
David Polonsky, Raquel Zampil Monteiro (Raquel Zampil).	O Diário De Anne Frank.	
Francisco Sebastiao Vilacha (Francisco Vilachã).	O Peru De Natal E Outros Contos De Mário De Andrade.	
Andre Praca De Souza Telles (André Telles), Thierry Murat (Thierry Murat).	O Velho E O Mar.	
Homero, Piero Bagnariol, Tereza Virginia Ribeiro Barbosa.	Odisseia Em Quadrinhos.	

FONTE: Ministério da Educação. PNLD – Guia Digital 2018.

Ao todo foram classificadas 16 obras para a categoria Livros de imagens e histórias em quadrinhos, 15 são HQs e somente 1 livro de imagem. Das histórias em quadrinhos selecionadas, podemos dividir em 3 categorias, adaptações da literatura nacional e internacional e obras originais, essas últimas do mesmo autor, Marcelo D'Saete, com *Angola Janga* e *Cumbe*, ambos em formato de Graphic Novel. Ao analisarmos esse quadro, podemos perceber a relevância atribuída às adaptações da literatura nas escolhas do PNBE e agora PNLD, reforçar a linguagem dos quadrinhos como autônoma e suficiente é um percurso árduo e longo das últimas décadas, ao selecionar uma obra da que foge do lugar comum do atual edital e dos anteriores, é acreditar na força e potencial que as HQs têm como linguagem autossuficiente.

2.2 CONCEITO DE ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO

O Romance Histórico na literatura surge no século XIX, na Europa. Esse subgênero tem como marco inicial a publicação de *Waverley*, de Walter Scott, em 1814, e *Ivanhoé*, do mesmo autor, em 1819 (AMORIM; PEREIRA, 2013). Para Weinhardt (1994, p. 52), “O bom romance histórico resulta da compreensão do relacionamento entre passado histórico e o tempo presente”, esse tipo de produção tinha como características elementos que ajudaram na construção de símbolos

nacionais e na ideia de nacionalismo desse período. Os grandes fatos históricos estavam em segundo plano, localizando o leitor na temporalidade ambiente às quais a narrativa faz referências e, os elementos fictícios em primeiro plano. Já o romance histórico pós-romantismo, tinha como características os chamados grandes feitos históricos, e a ordem da narrativa se inverte, os elementos de ficção ficam em segundo plano e os personagens históricos em destaque, as obras de Vigny, Victor Hugo, Flaubert e Tolstói representam esses aspectos.

E o romance histórico contemporâneo, “(...) se utiliza do paradoxo da representação para confrontar e analisar o passado, criando assim o exercício de análise crítica do presente, ou seja, conhecer o passado para que se possa entender o presente” (AMORIM; PEREIRA, 2013, p. 18). Segundo Hutcheon (1991, citado por AMORIM; PEREIRA, 2013), parte da postura pós-modernista de confrontar paradoxos da representação fictícia/histórica, particular/geral e presente/passado, não buscam narrar o passado exatamente como aconteceu, mas mostrar uma realidade negada pela historiografia oficial, percebemos uma extração histórica de uma representação ficcionalizada, na qual:

Os narradores dispõem de liberdade para questionar verdades, apresentar novas versões dos fatos e até mesmo promover a revalorização de figuras negadas ou esquecidas. Portanto, entende-se que os romances históricos contemporâneos convergem para o caráter de releitura, ressignificação, reavaliação e rememoração que a literatura sempre teve, acrescentando à história, através da ficção, vieses nem sempre permitidos no mundo real. (AMORIM; PEREIRA, 2013, p. 22).

Nas histórias em quadrinhos, espera-se dos leitores a compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação do texto. Para Cirne:

[...] é necessário que no interior da imagem, haja espaço para a reflexão, para a crítica, para o questionamento. E para o sonho, para o delírio, para o imaginário em transe, quando for o caso. Assim, através da imagem (e da palavra claro) poderemos dizer com todas as letras: questionamos. E, de uma forma ou outra, imaginamos a partir da imagem (VERGUEIRO; RAMOS, 2019, p. 130).

Os quadrinhos são uma linguagem própria com elementos muito peculiares. E o uso dos recursos narrativos são essenciais para a relação entre texto e imagem, na literatura, história e nas histórias em quadrinhos da pós-modernidade, os limites entre as áreas estão cada vez mais invisíveis. Para Will Eisner:

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (EISNER, 1989, p. 8).

A sobreposição da palavra e imagem, faz o quadrinista transitar por conceitos e práticas que formam segundo a BNCC, a área de Linguagens e suas Tecnologias, que é formada por diferentes linguagens: verbal, corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital (BRASIL, 2018, p. 63). A justaposição do verbal e visual formam, segundo Mc Cloud (1995), as histórias em quadrinhos. Dessa forma, as características do verbal que constituem padrões na literatura vão estar presentes nos quadrinhos, bem como os aspectos visuais.

O conceito de Romance Gráfico Histórico que empregamos neste trabalho para definir *Angola Janga*, parte dessa análise do que são os romances gráficos como linguagem e os elementos que o autor se utiliza para compor a sua obra. A narrativa empregada por D'Saete, para descrever os mocambos palmarinos dialogam diretamente com os elementos verbais que criam o subgênero romance histórico da pós-modernidade, reflexivo, revelador e que reivindica o protagonismo dos negros desse período silenciados pela história oficial. Os elementos visuais sobrepostos à narrativa, indicam as referências diretas do passado pintado por diversos artistas ao longo da colonização e período imperial que consolidaram no imaginário nacional, elementos de aprovação desse passado.

A *graphic novel* surgiu na década de 1980, o mercado editorial estava em declínio no Brasil e no restante do mundo, foi quando produtoras independentes começaram a lançar álbuns únicos, com histórias que não tinham sequências, como eram características das HQs, o sucesso foi tão grande que muitas editoras passaram a imprimir esse tipo de história, nos últimos anos a maioria das editoras de pequeno porte apostaram nesse modelo de publicação em seus catálogos. O público que consome esse produto é adulto em sua maioria, com mais dinheiro para investir no material e mais exigente. As produções têm maior qualidade, diagramação de páginas, quadrinhos e com temáticas mais próxima ao público. Entre as *graphic novels* e os mangás para adultos, podemos destacar: *Sandman*, de Neil Gaiman, *Palestina Gorazde*, de Joe Sacco, *Ao coração da tempestade* e

Avenida Dropsie, de Will Eisner, *Sin City* e *Trezentos de Esparta*, de Frank Miller, *Watchmen* e *Do Inferno*, de Alan More (VERGUEIRO, 2017, p. 150).

A história de palmares em romance gráfico histórico foi desenvolvida nesse contexto, um trabalho robusto em páginas, qualidade de imagens, papel, capa e impressão, o preço converge para as exigências desse tipo de produção. A experiência que D'Salete oferece ao seu leitor vem ao encontro das expectativas de Eisner, em relação ao segmento: "(...) aguarda participantes que acreditem realmente que a aplicação da arte sequencial, com o seu entrelaçamento de palavras e figuras, possa oferecer uma dimensão da comunicação que contribua para o corpo da literatura preocupada em examinar a experiência humana (1989, p. 138-139)". São as experiências humanas que protagonizam a história palmarina, por isso, mesmo não sendo uma obra produzida para a educação, foi indicada para o PNLD e foi escolhida para este trabalho como reflexão e caminhos no ensino e aprendizagem de história.

2.3 ROMANCE GRÁFICO HISTÓRICO PARA ENSINAR HISTÓRIA: *ANGOLA JANGA*

A escolha de *Angola Janga* para este trabalho parte do pressuposto de criar mais uma alternativa de trabalho em sala que dialogue com o livro didático como recurso pedagógico, muitos professores o utilizam como principal e, por muitas vezes, é o único recurso em suas aulas. Em pesquisas diagnósticas do PNBE, realizadas por pesquisadores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, os principais motivos para não usarem outros recursos foram:

- dificuldade dos docentes para trabalhar os acervos;
- falta de formação para transformar as obras em práticas pedagógicas;
- falta de tempo para os professores realizarem a própria leitura dos materiais (VERGUEIRO; RAMOS, 2019, p. 39).

A pesquisa foi realizada em 2006, antes dos quadrinhos chegarem ao PNBE, mas ainda reflete a realidade do trabalho da maioria dos professores em nosso país. Partindo dessas limitações, é que este trabalho se fundamenta como uma possibilidade para o professor de História e a sua prática docente. A reflexão sobre romance gráfico, o tema dos escravizados e ensino de História podem e

devem contribuir para a formação docente e dinamizar os trabalhos com os estudantes.

O romance gráfico histórico *Angola Janga*, tem como temática a história dos escravizados no período do Brasil Colônia, entre os séculos XVII e XVIII, na região da Serra da Barriga. O evento mais conhecido e popular foram os enfrentamentos dos palmarinos com as tropas portuguesas e a morte de uma das principais lideranças, Zumbi dos Palmares. Apesar de parecer uma história conhecida, a narrativa busca responder silêncios e hiatos da história dos escravizados, marginalizados pela História oficial e que, por muito tempo, esteve nas páginas de livros didáticos e até mesmo produções gráficas do século XX. Para nos aproximarmos de *Angola Janga* e percebermos a sua importância como narrativa gráfica histórica, devemos perceber e analisar como foram as representações gráficas dos negros em nosso país, e como elas contribuíram para reforçar construções históricas que o romance gráfico em questão refuta e reescreve em sua narrativa.

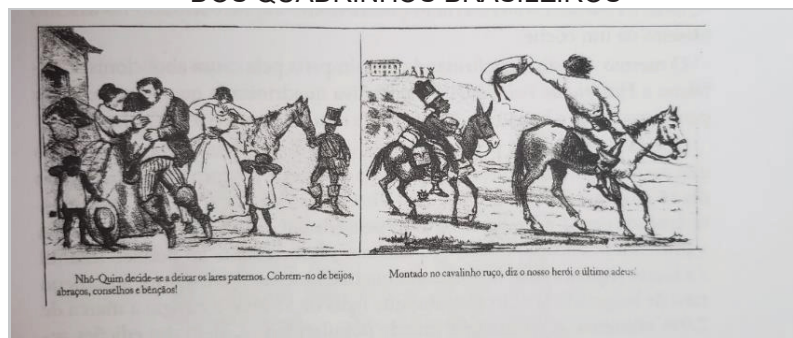
2.4 O NEGRO NOS QUADRINHOS BRASILEIROS

O estudo do pesquisador Nobu Chinen, resultado da sua tese defendida em 2013, na USP (CHINEN, 2019), com o título *O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*, e publicada como livro em uma versão estendida em 2019, com o título *O negro nos quadrinhos do Brasil*, é a grande base para essa pesquisa. Seu estudo foi pioneiro e de grande fôlego em produzir um estado da arte sobre essa temática. Chinen apresenta as primeiras representações do negro nas artes plásticas durante o período colonial, referências que no próximo capítulo abordaremos, a construção da imagem gráfica do negro internacionalmente e a influência nas produções brasileiras. Apresentamos neste trabalho um recorte do estudo do pesquisador que nos ajudará na compreensão de como a imagem do negro foi construída nos quadrinhos brasileiros. Para isso, dividiremos essa trajetória em quatro momentos: o início dos quadrinhos no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, um segundo ponto é a influência dos quadrinhos estadunidense nas publicações brasileiras, no período da década de 30 aos anos 50, a dinamização do mercado

nacional e internacional, conflitos e aproximações para o reconhecimento acadêmico da área e, por fim, as produções mais recentes dos primeiros anos do século XXI.

O dia 30 de Janeiro de 1869, marca o início dos quadrinhos no Brasil. É nessa data que foi publicada *As aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma viagem à corte*, de autoria de Angelo Agostini, já nessa publicação temos a presença de uma personagem negra, que não é a principal, o caipira que dá nome à série centraliza as narrativas, mas sim o ajudante Benedito, a representação não coloca estereótipos na composição da personagem. Em um período em que a escravidão ainda existia, o personagem indicava seu posicionamento abolicionista, isso não significava que Agostini considerava negros semelhantes, pelo contrário, as ideias das que inferiorizavam outras raças se mostrou presente em algumas de suas publicações (CHINEN, 2019).

FIGURA 4 – BENEDITO, O PRIMEIRO PERSONAGEM NEGRO DOS QUADRINHOS BRASILEIROS



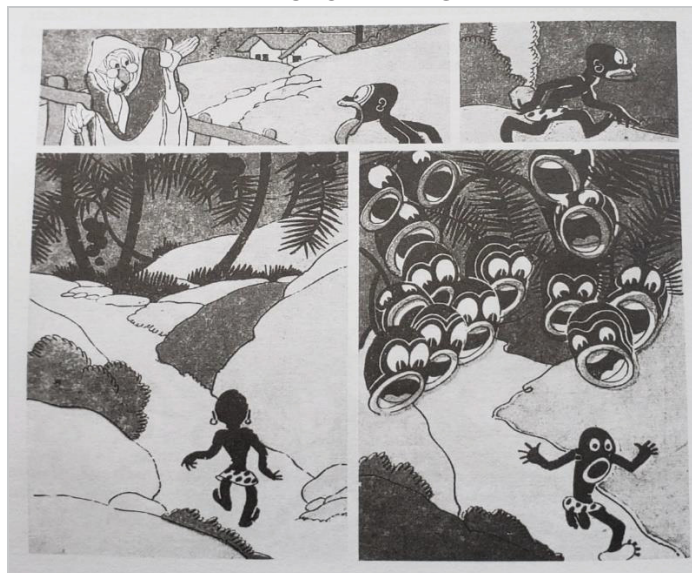
FONTE: Adaptada de Chinen (2019).

Nas publicações de Agostini, em que negros são estereotipados como inferiores, os traços são exagerados, nas publicações como da série *Nhô-Quim*, os personagens Benedito, Micaela e Joaninha têm traços mais realistas. Na revista *Tico-Tico* de nº 3, o cartunista lançou *História de pai João*, dedicada a explicar a Lei Áurea para o público infantil (CHINEN, 2019).

Nas primeiras décadas do século XX, algumas publicações e personagens marcaram esse período. Em 1905, é lançada a revista *O Tico-Tico* pela editora O Malho, a publicação é considerada a primeira revista em quadrinhos para o público infantil do Brasil. Um dos personagens mais icônicos foi Gibi, personagem que era um serviçal da casa de um menino branco, ficou em circulação por 55 anos e contou com 2096 números até o seu encerramento. Outro personagem com as mesmas características foi o menino Benjamin, suas aventuras tiveram início em 1915. Em 1924, na mesma *Tico-Tico*, estreia uma das personagens mais estereotipadas do

período, *Lamparina* de J. Carlos. Segundo Chinen (2019), ela é umas das representações mais negativas do período, os traços aborígenes africanos, traços grotescos, além disso, a personagem era desprovida de inteligência ou por ingenuidade acabava se envolvendo em situações de enrascadas, o que para a época não causou indignação, pois refletia aquela mentalidade. Outros personagens negros também foram apresentados na *Tico-Tico*, *O trio Reco-Reco* em 1930, de Luiz Sá, com os personagens Bolão, Azeitona e Gogô, esse último era uma girafa. O *Zé Pretinho* saiu em 1939, com um único registro e autoria desconhecida. A maioria das personagens reproduziam os estereótipos do século anterior.

FIGURA 5 - LAMPARINA, DE J. CARLOS, A NEGRA COM ASPECTO SELVAGEM



FONTE: Adaptada de Chinen (2019).

Em outras publicações as representações dos negros não apresentavam muita diferença, *Paulino e Albina*, de 1935, publicado em *A Gazeta Infantil*, e *Bastinho e Bastião*, de 1932, do *Jornal Folha da Manhã*, reforçavam os estereótipos. A partir da década de 1940, são mais escassas as criações de séries com personagens negros, o motivo é a invasão das publicações estadunidenses no país. No final da década de 40 e início dos anos 50, os quadrinhos sofreram sérios ataques. Nos EUA, foi aprovado o Código de Ética em 1954, o resultado foi o impedimento das publicações de maior sucesso, os quadrinhos com temas sobre violência, sexo e drogas. A grande influência para esse movimento foi o livro *Seduction of the Innocent*, do psiquiatra Fredric Wetham, que acusava os quadrinhos de corromper a juventude e propunha um selinho de aprovação para os

quadrinhos chegarem às bancas. Atualmente, o selo não tem força, em 2011 a Marvel aboliu o selo da *Comics Code Authority* CCA (OMELETE, 2011). Essas ações afetaram as publicações brasileiras, entretanto, fez surgir uma nova possibilidade para os quadrinhos nacionais, com a diminuição do fluxo de importação de histórias, o mercado nacional abriu novas possibilidades, as adaptações literárias.

O interesse das editoras em estabelecer o mercado para este estilo, era a tentativa de uma afirmação dos quadrinhos perante a sociedade, a *Edição Maravilhosa*, já citada aqui, foi um dos maiores títulos com esse propósito. Entre as décadas de 1960 e 80, os quadrinhos nacionais ganharam um novo momento e os personagens negros também. Nos anos 60, o futebol e seu principal astro nacional se tornaram tema nos quadrinhos, *Pelé e Pelado*, de 1960, publicado pela *Editora La Selva*, Milton Júlio como roteirista e desenhos de L. C. Salgueiro. No mesmo período, foi lançado a série *Zeca, Poty e Fumaça*, de Carlos Cunha. Zeca é o rapaz branco, Poty é indígena e Fumaça, é negro, uma questão apontada por Chinen em suas análises foi o fato do nome dos personagens negros se distanciarem do mundo real. Dos já citados: Azeitona, Lamparina e, por último, Fumaça, esse distanciamento com nomes reais distanciava os leitores de uma representação do real, sobre o trio de Carlos Cunha, podemos entender uma tentativa de imprimir nos quadrinhos a ideia do mito da democracia racial ao colocar três meninos que formam a matriz étnica brasileira, discurso de Gilberto Freyre muito forte no período (CHINEN, 2019).

Em 1959, Mauricio de Sousa lançou o seu primeiro personagem, o Bidu, o cãozinho azul do menino Franjinha, e o restante da turma chegou na década seguinte. A Turma da Mônica e a Mauricio Produções se tornaram um império e são umas das poucas editoras a manter um bom número de publicações e vendas. O personagem negro de maior destaque foi Jeremias, lançado nas histórias do Bidu sem nomenclatura direta. Nesse período, o garoto era representado como uma elipse preta com duas outras brancas menores servindo de olhos, já na edição dos cinquenta anos de Bidu, publicada em 2009, foi feita uma atualização da capa, além da substituição de alguns personagens, a figura de Jeremias foi reformulada. Outro momento de destaque de Jeremias foi a época das eleições presidenciais dos EUA, em que o candidato era Barack Obama. Jeremias aparece como um candidato à

presidência e cita, assim como Obama, o discurso de Martin Luther King, e vence as eleições do clubinho (CHINEN, 2019).

Na década de 1970, são vários personagens nas publicações, *O praça Atrapalhado*, de Eduardo Pereira, *As coisas da vida*, do cartunista Novaes, *Giba no projeto Tiras*, de Henrique L. D. de Farias e Paulo Paiva, *Saturniano*, de Airon e Marcelo Barreto Lacerda, *Negro Cuíca Feijão*, de Arnaldo Angeli Filho, *Lelé jogador de futebol*, de Rui Perotti, *Rei morto rei posto*, de Arnaldo, *Rango (1970)*, *Jejum prévio*, de Edgar Vasques. E o destaque para Henfil, com os personagens: Preto que ri, Orelhão e Caboco Mamadô, o cartunista era muito engajado politicamente e isso refletia em seu trabalho, principalmente ao abordar as questões raciais, utilizando-se de um humor ácido, fazia sérias críticas e abordagens ao tema (CHINEN, 2019).

Na década de 80, tiveram diversos personagens negros, seguindo a tendência da década anterior, os personagens vêm em abordagens críticas sobre a violência e o racismo. Uma publicação de destaque desse período foi *Chiclete Com Banana*, lançada por Angelini e publicada na Folha de São Paulo, a série perdurou até 2016, quando o seu produtor decidiu parar. Outro cartunista a dedicar suas obras à críticas ao racismo estrutural foi Laerte, *Ao mestre com carinho*, na revista Piratas do Tietê, *Interlúdio para 3 negões* e *Karaokê*, na revista Piratas do Tietê, e *Ilha Grande* e *Senzala*, na Revista Geraldão. O novo formato, Graphic Novel, iniciado nessa década também chegou com força no Brasil, *Capitão Bandeira*, de Paulo Caruso e Rafic Jorge Farah, lançado pelo L&PM, e *Nos Tempos de Madame Satã*, de autoria de Luiz Antônio Aguiar, com Julio Shimamoto nos desenhos, lançado pela editora Marco Zero (CHINEN, 2019).

A década de 1990 iniciou um momento importante no país na produção de quadrinhos, após o fim da Ditadura Civil e Militar Brasileira e o processo de redemocratização, fizeram os temas antes censurados explodirem, em destaque estão os temas da violência urbana e da criminalidade. As celebridades também ganharam destaque nas publicações, personagens do esporte, Pelé e Ronaldinho Gaúcho. Da televisão, Tia Anastácia, baseada na série de Monteiro Lobato e levada para a televisão, Os Trapalhões, músicos como Milton Nascimento, Wagner Tiso, Lô Borges, Beto Guedes e Fernando Brant /, de Márcio Borges, lançado em *Histórias do Clube*, Jackson do Pandeiro de Fernando Moura, com roteiro e desenhos de Magaron Xavier (CHINEN, 2019).

O início do século XIX se mostrou um dos momentos mais importantes na trajetória dos quadrinhos no Brasil, após o gênero ser incluído nos PCN e posteriormente do PNBE, a produção de quadrinhos aumentou, seja pela demanda dos programas federais ou pelo interesse de um novo público. Os principais temas abordados são: a violência, tráfico de drogas e temas urbanos, com uma população cada vez mais concentrada nas cidades, essas abordagens correspondem à demanda social. Ainda no início da primeira década desse século, foi aprovada a lei 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino da temática História e cultura afro-brasileira, posteriormente alterada para a lei 11.645, de 2008, que incluiu os indígenas. O sancionamento dessas leis refletiu um momento importante para as produções do país, as pautas identitárias ganharam legitimidade perante a lei e isso não se demonstrava somente reflexo direto de sua sociedade e das minorias, mas também um momento de maior debate e resistência aos temas marginalizados por muito tempo. As produções de quadrinhos também reproduziram esse momento de mudanças de posicionamento de grupos da sociedade brasileira, as produções das últimas duas décadas demonstram uma mudança significativa da imagem do negro na composição gráfica. Para Chinen:

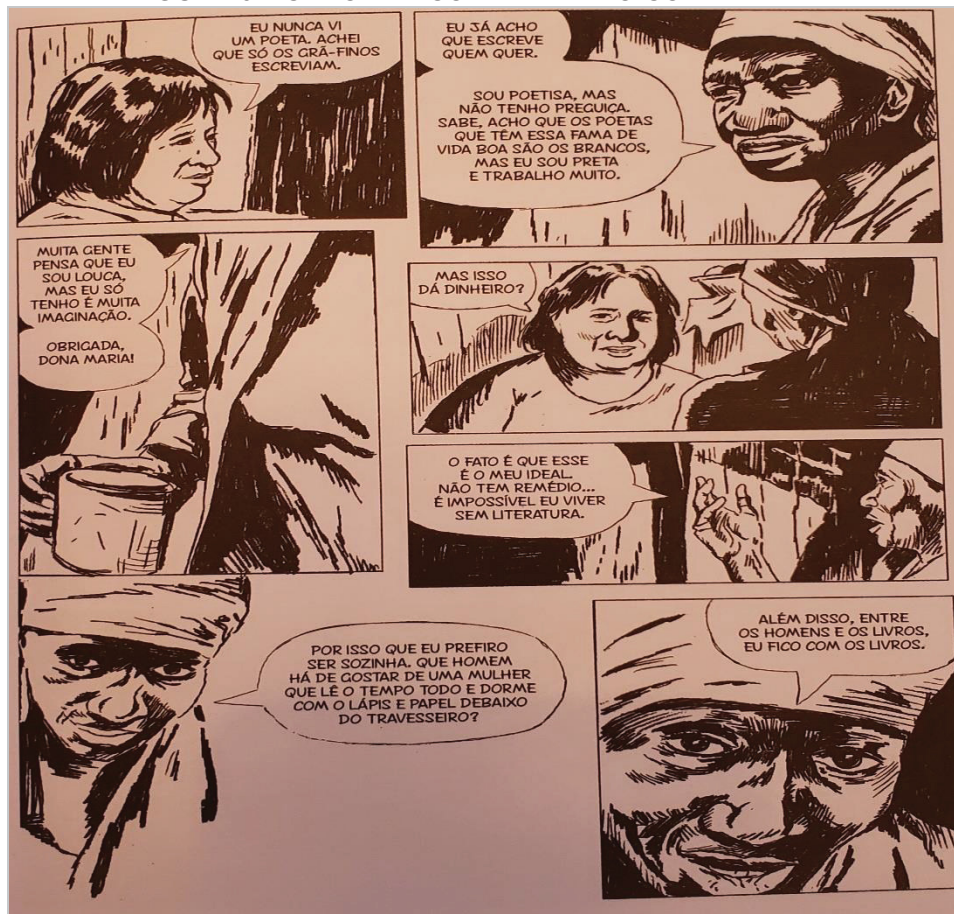
A partir dos anos 2000 duas fortes tendências no mercado de quadrinhos começaram a se desenhar: os álbuns para a venda em livrarias e o aumento da produção independente. As editoras resolveram apostar no formato álbum, que não chegava a ser nenhuma novidade, mas que foi a solução cada vez mais adotada, a pontos de fazer aos quadrinhos, algo inexistente poucos anos antes. A qualidade dos álbuns é bastante variada. Podem ser simplesmente revistas feitas em papel de melhor qualidade com capa cartonada, até publicações de luxo, impressas em papel couchê, lombada quadrada, capa dura e, em alguns casos, sobrecapa. Muitas das narrativas refletem a atualidade e mostram cenários urbanos onde a violência e o tráfico têm presença constante (CHINEN, 2019, p. 218).

A imagem do negro dos últimos lançamentos vem com o traço mais realista, aproximando a sua representação com a imagem cotidiana, a postura dos personagens acompanha as mudanças gráficas, são atores de sua própria história, protagonistas com suas qualidades, limitações e contrariedades. Segundo Chinen (2019), os três quadrinhos ou *graphic novels* mais relevantes da última década foram Jeremias Pele, personagem da *Turma da Mônica*, e que ganhou destaque nos últimos anos, os romances gráficos *Carolina*, de 2016, com roteiro de Sirlene Barbosa e desenhos de João Pinheiro, lançado pela Veneta, e *Angola Janga*, de Marcela D'Saleta, de 2018, que saiu pela mesma editora. Os três mostram trajetórias

e temporalidades diferentes, mas a principal semelhança é o protagonismo dos personagens negros em suas narrativas.

O romance gráfico *Carolina*, encontra-se na lista do PNLD de 2018, com indicação para o Ensino Médio, e narra a vida da escritora, compositora e poetisa brasileira Carolina Maria de Jesus, a base para história é a sua primeira publicação e maior sucesso na carreira, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960. Entretanto, a narrativa gráfica transpõe a reprodução do livro e aborda problemas do presente ao longo da obra.

FIGURA 6 – CAROLINA CONVERSANDO COM A VIZINHA



FONTE: Adaptada de Barbosa e Pinheiro (2018).

Quando questionada por uma das vizinhas da favela do Canindé, se uma mulher como ela poderia escrever, os autores ressaltam os estereótipos dos intelectuais em nosso país e rapidamente a personagem responde que ela não faz parte desse grupo, por ser uma mulher e ser negra. Em seguida, é questionada quanto ao dinheiro que ganharia se dedicando a essa atividade, e a Carolina

responde que sem a literatura não poderia viver. Em outras passagens, a personagem reforça a importância da leitura para desconectar da vida difícil que vive e a escrita como um meio de desabafo à tantas dificuldades que aguentava em silêncio. Na sequência dos quadrinhos, podemos identificar na conversa de Carolina e sua vizinha, uma reflexão sobre o papel da mulher naquele período, afirma que os homens não gostavam de mulheres que liam e escreviam como ela, e por isso preferiu a solidão. Em outros momentos, denuncia a violência doméstica que muitas mulheres na favela passavam em seus lares. A produção denuncia várias permanências em nossa sociedade recente e o relato de Carolina, à violência, ao desprezo pela favela e seus moradores, ao uso político dessa estrutura, mesmo Canindé não existindo mais, outras tantas mulheres a substituíram e enfrentam problemas e dificuldades semelhantes.

Apesar de durante décadas, a imagem do negro nos quadrinhos reforçar o estereótipo que o desqualificava como personagem de relevância e muitas vezes de uma certa dignidade, os últimos anos trouxeram a afirmação gráfica das demandas sociais brasileiras, não somente pela questão identitária, mas também socioeconômica. Foram realizadas narrativas que buscam abordar Super-heróis, as religiosidades afro-brasileira, personagens históricos comprovando que com a diversidade dos protagonistas e o respeito em sua representação, quem ganha é a sociedade que se constituiu mais plural e menos intolerante.

O autor de *Angola Janga*, Marcelo D'Saete, nasceu em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. É quadrinista, professor e pesquisador. Durante a infância, Marcelo viveu no bairro de São Mateus, zona leste de São Paulo, aprendeu a desenhar em casa com o irmão, desenhando personagens de histórias em quadrinhos em lousa. Durante a adolescência, estudou no colégio Carlos de Campos, uma escola pública do bairro Brás, na capital do estado. A instituição oferecia cursos de arte, design, ilustração e quadrinhos, e contribuiu para a formação dele como artista e era associada à arte urbana.

A profissionalização de Marcelo como quadrinista ocorreu no início dos anos 2000, quando trabalhava para as revistas de quadrinhos Quadreca e a Front. D'Saete formou-se em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (USP), em 2006, e tornou-se mestre em Estética e História da Arte em 2009, na mesma instituição, com sua dissertação intitulada *A Configuração da Curadoria de Arte Afro-brasileira de Emanuel Araujo*. O autor também desenvolve pesquisas sobre arte,

história afro-brasileira, educação e quadrinhos. Atua desde 2011 como professor na Escola de Aplicação da FEUSP, na educação básica.

A primeira publicação de Marcelo foi *Noite Luz*, em 2008, e reúne seis histórias que se passam em um bairro urbano de classe baixa. Em 2011, é lançado *Encruzilhada*, as histórias retratam a vida de jovens da periferia. Ainda com a temática das cidades, é lançado em 2014, *Risco*.

A partir de 2006, Marcelo se dedica ao estudo do período colonial brasileiro, e uma primeira amostra desse processo é o lançamento de *Cumbe*, em 2014, retratando histórias diversas sobre a vida dos escravizados do período colonial. O álbum ganhou o prêmio Eisner Awards 2018, na categoria Best U.S. Edition of International Material.

Após 11 anos de muita pesquisa sobre os escravizados da Serra da Barriga do período colonial, D'Saete lança em 2017, pela editora Veneta, *Angola Janga: Uma história de Palmares*, nesse romance gráfico histórico o autor traz uma nova perspectiva sobre o Quilombo dos Palmares, utilizando documentos textuais e imagens de acervos como os do Museu Afro Brasil, em São Paulo, e do Parque Memorial dos Quilombos dos Palmares, em Alagoas. A documentação histórica utilizada em sua maioria pela oposição à existência do Quilombo, como representantes da coroa portuguesa, soldados ou membros da igreja católica, mas Marcelo usa a ficção para dar voz aos palmarinos, reconstitui a organização social e o cotidiano da comunidade.

O romance gráfico histórico conta com 432 páginas, é dividido em 11 capítulos e retrata a história de personagens como: Aquelitune, Acotirene, Ganga Zumba, Domingos Jorge Velho, Ganga Zona, Zumbi, Soares, entre outros que dividem o protagonismo da narrativa de maneira igualitária. O projeto contou com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e Proac 2016. Ganhou o prêmio Grampo de Ouro em 2018, o troféu HQ Mix em quatro categorias: desenhista nacional, roteirista nacional, destaque internacional e edição especial nacional, no ano de 2018. Ganhou 60° Prêmio Jabuti na categoria quadrinhos, e o Rudolph Dirks Award, em 2019, como melhor roteiro da América do Sul. O livro já foi traduzido na França, pela Editora Çá et Là, Portugal, pela Editora Polvo, EUA, pela Fantagraphics, Espanha, pela Editora Flow Press, na Polônia, pela Timof, e Áustria, pela Editora Bahoe Books.

Neste último capítulo, apresentaremos melhor a principal fonte para este trabalho e analisaremos alguns aspectos relacionados a *Angola Janga*. E para encerrarmos a proposta didática para o trabalho em sala, o material que terá como objetivo auxiliar o trabalho do professor no preparo de abordagens e atividades para os alunos do Ensino Médio, na temática sobre os escravizados do Brasil colônia, com o foco na Guerra de Palmares e os seus personagens.

3 DESAPLANANDO A PICADA DOS SONHOS

Ao planejarmos uma aula, e principalmente ao pensarmos em práticas pedagógicas em que nossos alunos e alunas possam desenvolver uma instrumentalização em História, deve-se ter em mente que esse estudante deverá passar por uma compreensão contextualizada do passado, com base nas evidências disponíveis, por uma orientação temporal que traduza na interiorização da relação do passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado (BARCA, 2004. p. 133). O conceito de Aula-Oficina desenvolvido por Isabel Barca, para o ensino de História, apresenta metodologia que orienta os estudantes a analisar materiais e fontes, fazer inferências e comparações. Nessa esteira, essa foi a proposta adotada para pensarmos *Angola Janga* e seus usos nas aulas de História. O modelo abaixo sintetiza as estratégias, objetivos, recursos e avaliação para a execução do planejamento de uma aula-oficina.

QUADRO 11 – PARADIGMAS EDUCATIVOS - MODELO DE AULA-OFICINA

Lógica	O aluno, agente de sua formação com ideias prévias e experiências diversas. O professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras.
Saber	Modelo do saber multifacetado e à vários níveis: - senso comum; - ciência; - epistemologia.
Estratégias e recursos	Múltiplos recursos intervenientes aula-oficina.
Avaliação	Material produzido pelo aluno, teste e diálogos.
Efeitos sociais	Agentes sociais.

FONTE: Barca (2004, p. 133).

Ao planejar a aula-oficina, faz-se necessário perceber e entender o nível de letramento histórico alcançado pelos alunos, para tanto, faz-se necessário que professoras e professores tenham uma organização prévia, selecionando as fontes e conteúdos que deseja trabalhar, orientando os alunos quanto à forma de análise dos materiais, realizando inferências e comparações.

O tempo dedicado à conclusão da proposta que apresentamos vai depender da disponibilidade de cada professor ou professora, seja do Fundamental II ou Ensino Médio, e ainda a possibilidade de diálogos com documentos oficiais da

educação, como a Base Nacional Comum Curricular ou os documentos oficiais de nível estadual ou municipal. Ao projetar uma aula-oficina em História, Isabel Barca indica algumas vertentes a serem seguidas: instrumentalização a focalizar, visão geral do tema da aula, principais conceitos e questões-orientadoras, e experiências de aprendizagem.

No ensino de História, alguns princípios estão relacionados a esse domínio, como nos itens a seguir:

I – É possível que as crianças compreendam a História de uma forma genuína, com algum grau de elaboração, se as tarefas e contextos concretos das situações em que forem apresentadas tiverem significado para elas.

II – Os conceitos históricos são compreendidos gradualmente, a partir da relação com os conceitos de senso comum que o sujeito experiencia. O contexto cultural e as mídias são fontes de conhecimento que devem ser levadas em conta, como ponto de partida para a aprendizagem histórica.

III – Quando o aluno procura explicações para uma situação do passado à luz da sua própria experiência, revela já um esforço de compreensão histórica. Este nível de pensamento poderá ser mais elaborado do que aquele que assenta em frases estereotipadas, desprovidas de sentido humano.

IV – O desenvolvimento do raciocínio histórico processa-se com oscilações e não de uma forma invariante. Tanto crianças como adolescentes e adultos poderão pensar de uma forma simplista, em determinadas situações, e de uma forma mais elaborada noutras.

V – Interpretar o passado não significa apenas compreender uma versão acabada da História que é reproduzida no manual ou pelo professor. A interpretação do “contraditório”, isto é, da convergência de mensagens, é um princípio que integra o conhecimento histórico genuíno (BARCA, 2004, p. 135).

A sequência didática pensada para o aula-oficina de *Angola Janga*, parte de três conceitos estruturais no campo do Ensino de História: primeiro, relevância histórica e o uso de fatos e fontes secundárias. Segundo, identificação de mudanças e continuidades e análise de causas e consequências, e terceiro, a compreensão de perspectivas históricas e dimensões éticas. A primeira etapa tem como objetivo permitir aos alunos, a partir dos seus conhecimentos previamente consolidados ao longo de sua jornada, relacionarem o senso comum que trazem como bagagem com os conceitos mais estruturados e mais complexos da disciplina de História, usar o senso comum como um ponto de partida, mas sem deixar de apontar a significância e métodos do conhecimento histórico.

O uso do romance gráfico como fonte histórica, nos faz criar a partir de cada contexto em que professores e alunos estão, estratégias diferentes e semelhantes em alguns aspectos, mas que cabe a cada profissional delimitar a sua abordagem.

Enquanto fonte secundária, o professor ou professora deverá direcionar o seu olhar para as perguntas que podemos realizar para a narrativa Palmarina, que inferências podemos realizar para ajudar o entendimento dessa fonte. Nessa primeira etapa, também é muito importante a identificação de *Angola Janga* como um produto que não foi criado para o ambiente escolar, e por isso devemos ter as características que o identificam, tanto para quem está planejando a aula-oficina quanto para os alunos.

Na segunda etapa, o professor ou professora vai se dedicar à leitura dos trechos selecionados para a construção da aula-oficina. A leitura com os alunos e alunas é um passo importante, Paulo Freire (1982), define a prática da leitura: “palavramundo”, as palavras permitem ao leitor repetir, re-criar, re-viver. A leitura resulta na percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática e transformação do mundo. A condução da leitura deverá permitir ao aluno construir o seu processo em duplo sentido, o da palavra e o da imagem, perceber os laços que repetem estereótipos, recriam enredos e que possam ter uma visão crítica

A terceira etapa da aula-oficina, é dedicada ao trabalho dos conceitos da historiografia relacionados à continuidade e mudança, causa e consequência. E por fim, os conceitos de perspectiva histórica na História, envolvendo os alunos no processo e produzindo conclusões históricas sobre a estrangeiridade do passado. Busca mostrar o quanto o aluno é um turista que visita este lugar, se apropria das experiências das situações estudadas, modifica seu olhar quando existe uma aprendizagem significativa e perspectiva de um horizonte de possibilidade com a bagagem que acabou de colocar em sua jornada formativa. Assim como apreender as mudanças em relação às noções de ética ao longo da História, e de que maneira a perspectiva ética do presente nos aproxima do passado estudado.

3.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 – SIGNIFICADO HISTÓRICO E EVIDÊNCIA HISTÓRICA

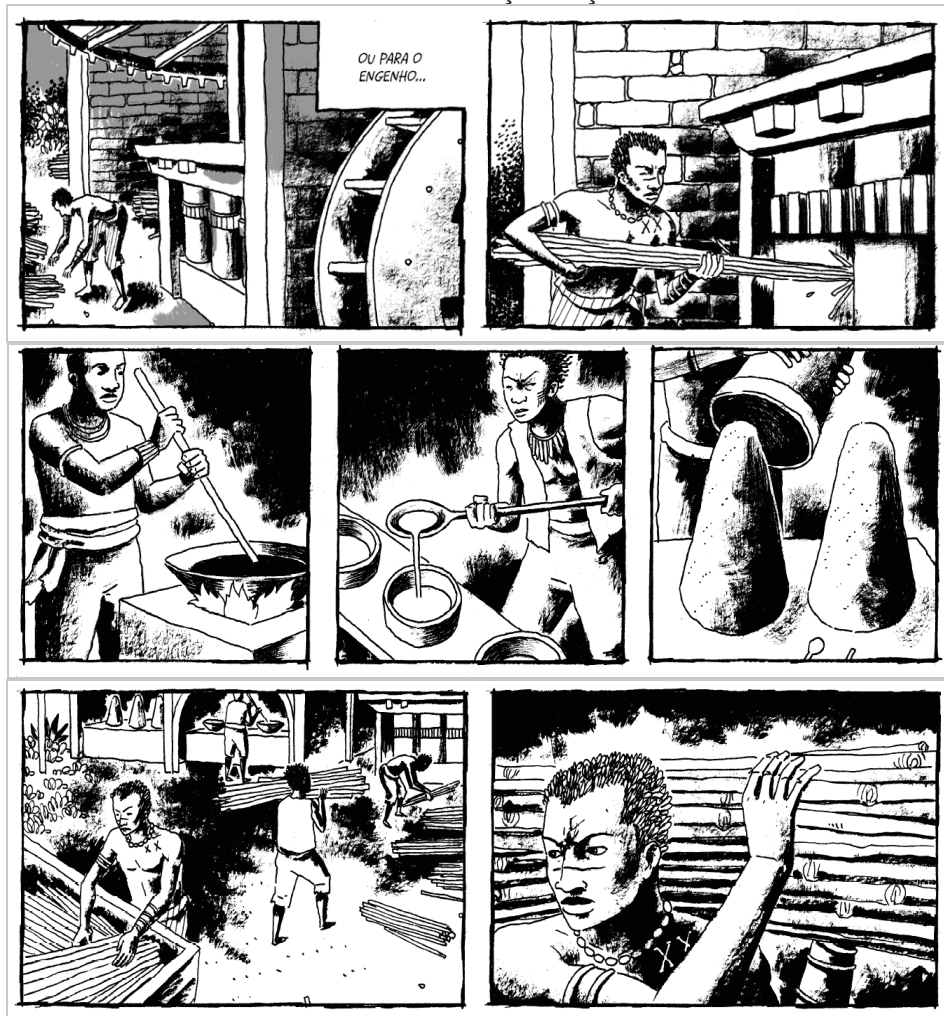
FIGURA 7 – SOARES E OSENGA NA PICADA PARA A CASA DA CUCA



FONTE: D'Saete (2017, p. 15).

O conhecimento histórico está vinculado aos conceitos de tempo, sujeito e espaço. Alunas e alunos aprendem a pensar historicamente a partir do período histórico do romance gráfico, as personagens e o local em que a narrativa se passa, sendo fundamental para estabelecer significado histórico da aprendizagem. Na figura 7, podemos identificar todos os elementos fundamentais do pensamento histórico, pois o autor permite que se possa chegar a uma conclusão a partir de outras percepções/inferências, indicando-nos que a história se passa no estado de Pernambuco, Serra da Barriga, no ano 1673. Temos dois elementos necessários para a historicidade de *Angola Janga*, o espaço e a temporalidade em que se situa a narrativa. O personagem em primeiro plano, é o sujeito central da História, ao longo dos quadrinhos que apresentaremos neste capítulo, o autor vai apresentando maiores detalhes da vida de Soares, o nosso sujeito, um escravizado que rompe com a sua condição e busca nos mocambos a sua dignidade. Na figura “A produção açucareira”, apontamos detalhes da vida de Soares na empresa do açúcar do período colonial:

FIGURA 8 – A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA



FONTE: D'Saete (2017 p. 17).

A identificação das imagens construídas em relação ao trabalho da economia açucareira demonstra uma obra que dialoga com a história e a linguagem do Romance Gráfico Histórico. Cabe ao professor, destacar o papel da intertextualidade da obra. As referências imagéticas apresentam-se com a arte produzida sobre o período colonial, as áreas da: História, Arte e Literatura, e o Romance Gráfico Histórico como uma produção intertextual em que não existe mais ou menos características dessas áreas, mas uma relação intrínseca entre elas.

FIGURA 9 – O CAPITÃO DO MATO



FONTE: D'Salete (2017 p. 27).

O período da História do Brasil denominado pela historiografia de “dominação holandesa”, é representado nos quadrinhos acima, a menção ao Terço dos Henriques, que representava uma milícia formada durante a dominação batava e que lutava contra o governo imposto no período, demonstrava a fragilidade do exército português, e a características de quem compunha a milícia, negros forros e escravos doados pelos seus senhores. Henrique Dias, fundador da milícia, chegou a receber títulos do rei de Portugal pelos seus feitos em outras batalhas, os títulos eram atribuídos somente para pessoas de “pureza de sangue”, o fato de ele ganhar tal honraria, demonstra a importância da manutenção dos poderes locais e acabavam por apagar as “máculas” de sua ancestralidade (OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL, 2022).

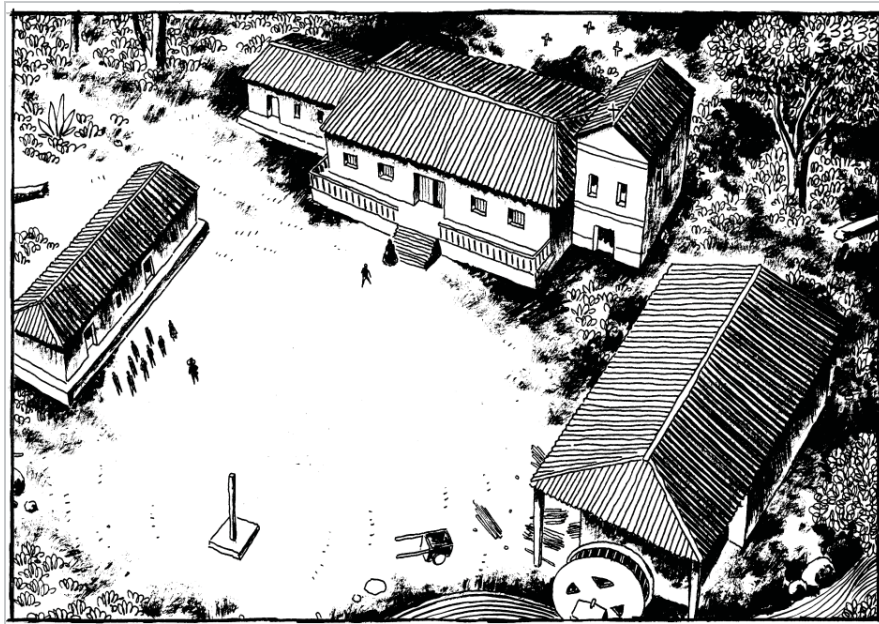
Este é um dos materiais didáticos que podem trazer para as aulas de História referências e evidências desses conflitos, legitimando a importância historiográfica ao citar a milícia em questão, o local e período representados. Pode, até mesmo, definir como pesquisa prévia aos estudantes características importantes da capitania de Pernambuco entre os séculos XVI e XVII, retomar o conteúdo trabalhado anteriormente sobre o início da colonização e, a partir de então, iniciar o trabalho sobre a implementação da economia açucareira no Brasil e os seus desafios para mantê-la.

Para este trabalho, foram criadas duas categorias de análise a partir da obra *Angola Janga*, que podem ser trabalhadas nas aulas de História na concretização efetiva dos princípios apontados na aula-oficina. A primeira delas é a categoria de Espaço, o romance gráfico histórico, é a interação imagem-texto chamada por David Lewis de “orientação dupla”, e nos confere uma dimensão multidimensional. Cruzando os lapsos entre fragmentos e costurando-os – daí emerge um todo que tem significado (SOUSANIS, 2017, p. 61-63). O espaço geográfico e urbano em *Angola Janga* é constantemente explorado pelo autor, como a Figura 10 sugere.

Para o historiador Fernando Braudel, em sua tese intitulada *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo*, na época de Filipe II, as atividades humanas são indissociáveis de seus respectivos ambientes, mais do que um quadro fixo e imóvel, o meio é uma estrutura, uma personagem histórica de primeira grandeza, a partir da consciência desse espaço, algumas situações podem ser exploradas na relação geografia e história: relação homem-meio, ocupação, povoamento, migrações, redes urbanas, distâncias, traçado de rotas comerciais e marítimas, descrição do sítio e da situação/análise de posição, domínio político do espaço e dimensão econômica do espaço. A reunião desses temas nos atinge na espacialização da história, e isso D'Saete nos entrega com maestria em sua narrativa, a importância atribuída ao espaço legitima o caráter multifacetado da obra, o que nos permite fazer a historicidade dos diversos temas apresentados (RIBEIRO, 2012).

A sequência de imagens apresenta de forma cronológica, conforme a história, algumas características importantes na apresentação do espaço geográfico do estado de Pernambuco do século XVII, Marcelo dedica quadros grandes às perspectivas de espacialidade em larga escala em cada cena representada, seja da cidade ou do campo, demonstrando uma riqueza de detalhes.

FIGURA10 – O ENGENHO



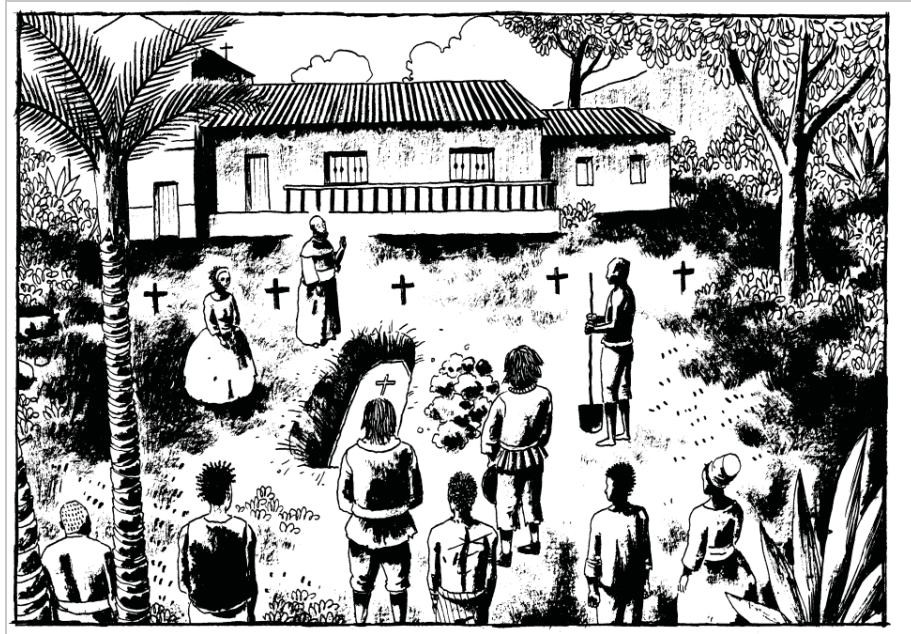
FONTE: D'Salete (2017, p. 19).

Na figura 10, conseguimos identificar a estrutura de um engenho de açúcar, o local do beneficiamento da cana de açúcar, a Casa Grande, a Senzala, a mata ao redor das construções, o cemitério ao fundo da casa dos senhores, o tronco no extremo oposto da imagem. Essa representação é muito simbólica, demonstra a economia colonial desse período, a relevância da empresa açucareira monopolista, o poder local exercido pelos senhores de engenho. Um olhar mais atento nos direciona às pessoas nesse espaço, dois escravizados em frente às escadarias da Casa Grande, os cativos em fila esperando a contagem dos seus pares pelo feitor da fazenda. Podemos levantar a hipótese se foi ou não intencional do autor, o tronco que castigava os escravizados estar na mesma direção do cemitério, o castigo como a redenção ou a morte de quem ousa resistir ao sistema escravocrata. Quanta coisa podemos questionar, produzir hipóteses, identificar a partir do conhecimento prévio e até mesmo do senso comum vindo dos estudantes.

Na figura “O sepultamento”, o quadrinista explora mais uma vez o território a partir da imagem, sem texto algum, mas que complementa o que foi apresentado nas páginas anteriores, destacando a importância de uma paisagem que não está fabricada somente para ser contemplada, porém questionada. A cruz na construção do quadro anterior nos indica a presença católica nos engenhos, tal como nas cruzes no cemitério, no caixão e a presença de um clérigo conduzindo a cerimônia de despedida. Um questionamento para além do que é exposto: será que tanto

cativos quanto livres seriam enterrados no mesmo lugar e dividiriam de maneira igualitária um lugar que em vida fora tão segregado?

FIGURA 11 – O SEPULTAMENTO



FONTE: D'Saete (2017, p. 22).

Um dos destaques de Braudel em sua análise, é a circulação de pessoas e mercadorias, principalmente se tratando das metrópoles em relação às suas colônias. O trajeto desenhado pelo tráfico portuário e os deslocamentos das economias-mundo, da qual oferece destaque para Portugal:

A presença portuguesa, que tão rapidamente estendeu-se por uma imensa área através do Oceano Índico e mesmo além — graças não somente à necessidade de criar tráficos inter-regionais, mas também ao espírito de aventura ou de lucro —, havia culminado na criação de um império imenso e frágil. Por si mesmo, Portugal não era rico o bastante para manter esta vasta rede, suas fortalezas, suas custosas esquadras e seus funcionários. O império tem sempre que alimentar-se do império. Esta inferioridade financeira converteu desde logo os portugueses em aduaneiros, mas as fronteiras somente são proveitosas quando passam por elas torrentes de preciosas mercadorias (BRAUDEL, 2016, p. 722).

Esse vasto império que Braudel cita, é iniciado com as grandes navegações que estabeleceram colônias em três continentes diferentes, a América portuguesa, as colônias na África e territórios na Ásia também, a fragilidade que o autor cita para comandar o vasto império se faz presente no Brasil durante muito tempo, cuidar do interior desses lugares e, principalmente de suas fronteiras, tornou-se árdua tarefa e a história brasileira nos revela essa fragilidade desde o início da chegada portuguesa na América. A decisão em efetivar o projeto de colonização foi ratificada,

entre um dos motivos estavam as ameaças de invasões de outros reinos europeus no território português. Os franceses, ingleses e, com mais efetividade, holandeses, ameaçaram constantemente a hegemonia lusitana no continente americano. O período conhecido como Brasil Holandês ou Invasões holandesas no qual parte dos conflitos palmarinos se passam, fazem parte de uma disputa europeia em nosso território.

A capitania de Pernambuco foi a mais próspera do reino na região do nordeste brasileiro, abrangia até o século XIX, os estados de Pernambuco e Alagoas, e segundo Roseline Oliveira, 2008:

Esta capitania foi palco de expressivas ações portuguesas que resultaram na instalação de espaços urbanos na maioria das vezes de pequeno porte, à maneira de um povoado ou vila, carregando um elemento definidor das intenções colonizadoras, o engenho (OLIVEIRA, 2008, p. 2).

A ocupação do território de bioma da mata atlântica, foi uma tarefa de domínio da natureza da região, o lugar tem os seus atributos, boa localização na saída para o mar, rios com proximidade do mar e terrenos elevados. Entre os séculos XVI e XVII, a capitania de Pernambuco criou cinco Vilas, a primeira de Igarassu (1536), Olinda (1537), Serinhaém (1627), Alagoas do Sul, São Francisco e Porto Calvo (1636), Olinda era a sede do governo colonial desse período. A elevação de um lugar para a categoria de Vila dependia de uma estrutura que interferia no espaço, os elementos mais característicos são: a igreja, a casa do governador, edificações administrativas, caminhos por água e terra (MACHADO, 2015).

A vila de Porto Calvo é representada em *Angola Janga* em diversos momentos da História, e representa a estrutura política e econômica da região próxima à Serra da Barriga. No primeiro quadro a seguir, o autor nos revela uma perspectiva panorâmica da Vila, com destaque nas edificações, o que nos indica uma urbanização já desenvolvida na região, e nos sugere um poder político e econômico estabelecidos na região. Desde o início da colonização brasileira, identificar as características físicas do território mostrou-se fundamental, tanto para os portugueses quanto para os holandeses, dessas predileções resultaram vários estudos sobre a paisagem e estrutura geográfica da região.

O autor do romance gráfico histórico foi muito influenciado por esses estudos, o destaque ao espaço natural ou urbanizado é imperativo na obra. Os

estudos realizados entre o século XVI e XVII sob encomendas reais portuguesas, com destaques para as obras de Pero de Magalhães Gândavo (1576), Gabriel Soares Souza (1587) e Diogo Campos Moreno (1609 e 1616), produziram uma iconografia em quantidade considerável de registros da costa brasileira. Além dos registros portugueses, contamos com as produções holandesas, da época de Maurício de Nassau no Brasil (1634-1644), que montou uma comitiva de cartógrafos, pintores, naturalistas e cientistas. O resultado dessa expedição foi o lançamento do livro *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil* (1647), a publicação contou com a ilustração de mapas, plantas e paisagens produzidas por George Marcgrave e Fran Post, registrando as conquistas holandesas na capitania de Pernambuco. Os holandeses também realizaram registros em forma de textos, como os relatórios de Adrian Verdonck (1630), Joan de Laet (1636), Adrian Van der Dussen (1639) e Barléus, o historiador Golsalves Mello (1881) reuniu em *Fontes para o Brasil Holandês – economia açucareira* muitos documentos desses autores (OLIVEIRA, 2008).

Essas pesquisas formam a história oficial desse período, mesmo não sendo objeto de pesquisa e reprodução do autor, aparecem em *Angola Janga* como uma continuidade das representações gráficas do período colonial. Eisner (1996), fala do uso de estereótipos na construção das narrativas gráficas como um recurso de criação, e D'Salete faz esse uso não somente em referências às pinturas, mas também de mapas para recriar um espaço vivenciado nos conflitos palmarinos. O autor faz a referência de Golsalves Mello ao final da produção *com Henrique Dias: governador de crioulos, negros e mulatos do Brasil* (1988), isso evidencia a influência do quadrista com as fontes escritas por um holandês, o que aparece em sua produção em diversos momentos, principalmente quando autoridades ou pessoas que trabalhavam para eles descrevem os mocambos ou quilombolas.

Na figura 13, Ameaça, tem como destaque uma construção grande de dois andares, e o que a fala nos indica é um local público, a fala de que os escravos estão insolentes naquela região demonstra uma preocupação das autoridades na resistência da escravidão naquele local. No decorrer dos capítulos, a história enfatiza o enfrentamento entre os senhores de engenho, os comerciantes e as autoridades.

FIGURA 12 – A VILA



FONTE: D'Saete (2017, p. 35).

FIGURA 13 – AMEAÇA



FONTE: D'Saete (2017, p. 253).

A ocupação do espaço dos mocambos na Serra da Barriga foi estrategicamente escolhida pelos quilombolas, justamente pela formação do território, uma região de serras e morros, e com rios que circundam a Vila: rio Alagoa do Sul, acompanhando a lagoa de São Francisco, criavam para o período múltiplos meios de deslocamentos dos palmarinos, a estrutura da Serra da Barriga mais a bacia hidrográfica da região, criavam o ecossistema natural de camuflagem e defesa. Eram constantes os conflitos entre os habitantes dos quilombos e senhores

de engenho, ou moradores das Vilas, esses ataques só eram efetivados graças ao conhecimento do território.

A escolha do açúcar como produto da empresa portuguesa na sua colônia na América antecede o monopólio luso a partir do século XVI, pois:

De fato, a grande história termina frequentemente nas ilhas. Seria mais apropriado dizer que se serve delas: a cana-de-açúcar, vinda da Índia para o Egito, vai do Egito para o Chipre e ali implanta no século X; de Chipre ela logo alcança a Sicília, no século XI; da Sicília caminha para o Oeste. Dom Henrique, o Navegador, foi buscá-la para levá-la à ilha da Madeira, chega aos Açores, às Canárias, às ilhas do Cabo Verde, e depois, mais além, às terras da América (BRAUDEL, 2016, p. 231).

Braudel (2016), ainda afirma as dificuldades dos europeus em produzirem regularmente os alimentos que necessitavam, o açúcar tinha um mercado consumidor grande na Europa, mas faltava solo apropriado, espaço e mão de obra para a sua produção. Ainda para o historiador “Qualquer planície submetida à grande cultura torna-se uma potência econômica e humana, uma força (...) Que, no entanto, não existe somente para si, existe em função do exterior, para o qual deve viver e produzir” (BRAUDEL, 2016, p. 146). A empresa açucareira estabelecida na colônia portuguesa, e com o capital holandês, não tinha como objetivo a produção para o mercado interno, essa produção tinha destino e distribuição no continente Europeu e movimentava muito lucro para seus investidores.

Alguns problemas da produção açucareira são: o solo que a cultura é implementada, não tem como intercalar com outras culturas, há perda da cobertura florestal para a demanda de espaço e energia para a sua produção. Além da brutalidade dos povos conquistadores, responsáveis pelo desaparecimento dos povos autóctones. E foram os mesmos que impuseram a solução para a falta da mão de obra servil, “a escravidão dos berberes da costa africana, devastada por corsários cristãos, e principalmente a escravidão dos negros da Guiné e de Angola, que em meados do século alcançaria as margens do grande continente americano por causa do açúcar” (BRAUDEL, 2016, p. 232). A mão de obra escravizada africana chega ao Brasil pela experiência dos europeus nesses territórios impulsionados no período das grandes navegações e a conquista de novos espaços, estendendo a pessoas, o que garantiria um comércio extensivo e lucrativo para os europeus.

A decisão da mão de obra escravizada africana pode ser explicada de diferentes formas, Funari (1996) fez a retomada de vários estudiosos sobre o tema e suas conclusões para tal decisão, segundo o historiador Fernando A. Novais, o

processo de escravizar os ameríndio gerava um lucro para os colonos, já o comércio com o continente africano direcionava o lucro para os comerciantes metropolitanos. Para Novais, “O comércio de escravos não deveria ser interpretado como um efeito colateral do sistema colonial escravista, mas o contrário”. Para Mário Maestri (1996), toda a estrutura colonial dependia dos mercadores de escravos e de seus interesses. Dale Tomich (1996), fez a relação do surgimento do trabalho assalariado na Europa, à expansão da escravidão no Novo Mundo, sem o qual não haveria a acumulação de capital no continente europeu, sem explorar o escravizado nas colônias. Em relação à participação dos africanos nesse comércio, os estudos de Ida Altman e Reginald D. Butler concordam com Thornton, que podemos considerar o envolvimento dos africanos no tráfico de escravizados como parceiros voluntários e de mesma relevância que os mercadores e funcionários das metrópoles (BRAUDEL, 2016, 1996, p. 27).

A violência imposta aos escravizados desde a saída do continente africano e ao longo de sua trajetória é muito conhecida, a resistência ao processo de escravidão vai existir das mais diferentes formas: má vontade, sabotagem no trabalho, a revolta e fuga para os quilombos constituem as principais maneiras de enfrentar a imposição da condição de escravizado.

A região da Serra da Barriga foi um território de resistência à escravidão, durou quase cem anos e impôs derrotas humilhantes aos portugueses e seus partidários em inúmeras ocasiões, a região de

Palmares foi, quando menos, uma resistência maior pelo o seu próprio nome. Os próprios rebeldes o chamavam de *Angola Janga*, “pequena Angola”, e o reduto ficou registrado na história não com um nome português e cristão, a exemplo da santidade dos tupis rebeldes, senão como *quilombo*, vocabulário de origem banto (*kilombo*) alusivo a acampamento ou fortaleza. Quilombo ou mocambo, este último termo derivado do quimbundo *mukambu*, foram palavras que os portugueses usariam para designar as povoações africanas construídas nas matas brasílicas pelos africanos em diáspora (VAINFAS, 1996, p. 62).

A narrativa contada em *Angola Janga* é uma história de palmares, em seu nome traz a reivindicação do protagonismo negro em contar a sua versão de como aconteceram os conflitos naquele lugar, o *Kilombo* de referência banto se materializa nos traços de Marcelo, nas construções desenhadas.

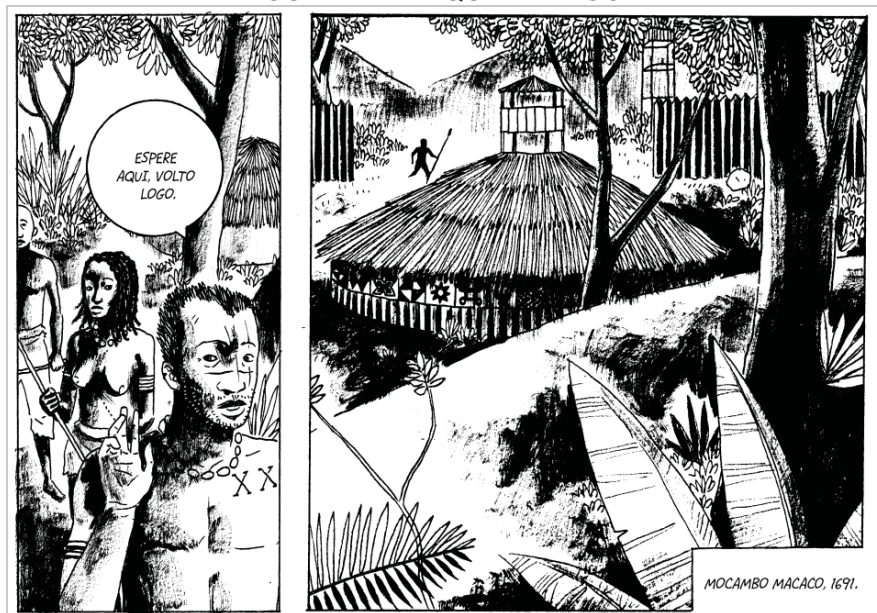
Para Reis e Gomes (1996), a sociedade criada pelos escravizados na colônia da América portuguesa não ficaram vinculadas aos senhores, Igreja ou

governo metropolitano, as trocas culturais e alianças sociais foram realizadas entre os próprios africanos de origens diversas do continente africano, para os autores:

É sobretudo para esse processo de construção de novas instituições, culturais e relações sociais que se deve voltar o estudioso, até para descobrir por que quilombolas e escravos em geral escolheram manter certos aspectos de suas origens africanas e não outros e, assim ao mesmo tempo que africanizavam seu novo mundo, renovavam o que da velha África conseguiram carregar consigo. E para melhor entender esse processo, acreditamos ser importante que o historiador da escravidão, e em particular da rebeldia escrava, investigue a história dos africanos anterior a travessia do Atlântico (REIS; GOMES, 1996, p. 12).

A história de palmares narrada no romance gráfico histórico recupera mais de dez anos de pesquisa do autor sobre as continuidades africanas ressignificadas no território brasileiro. Não é o objetivo desse trabalho resgatar a história dos africanos em seu continente, mas os elementos que permaneceram na construção da nova vida no Brasil e como eles são apresentados na obra.

FIGURA 14 – PEQUENA ANGOLA



FONTE: D'Saleta (2017, p. 252).

FIGURA 15 – ANÚNCIO DE GUERRA



FONTE: D'Saleta (2017, p. 273).

O espaço ocupado pelos Palmarinos na Serra da Barriga, contava com caminhos entre morros e rios, facilitando a proteção do lugar contra os seus inimigos com o auxílio da natureza. Para Braudel (2016), os povos das montanhas da região do Mediterrâneo eram os mais independentes, não aceitavam as relações políticas, econômicas ou religiosas. O espaço serrano da capitania de Pernambuco oferecia uma defesa natural em relação aos seus inimigos, ao redor da região, havia uma bacia hidrográfica extensa, que garantia despistar os inimigos, as serras dificultavam o acesso de grupos armados que buscavam colocar fim ao mocambo.

As principais características das edificações nos mocambos da Serra da Barriga transpõem a vivência da maioria dos escravizados que para lá foram em busca de reconquista da sua liberdade. A figura 14, Pequena Angola, demonstra uma paliçada defensiva. Nos estudos de arqueologia de Palmares, desenvolvido pelo historiador Pedro Paulo de Abreu Funari (1996), uma das hipóteses levantadas a partir do que foi encontrado é essa, e foi reforçada por um achado de vasos de cerâmica, machado lítico, destacado por observações de expedições que identificaram a presença de indígenas nos quilombos, a cerâmica é muito característica das sociedades ameríndias, realizadas por mulheres em sua maioria. Outro ponto de vista que muitas vezes contradiz a versão de que os palmarinos viviam da mesma forma que na África, é o fato de existir muitos relatos da interação

e vivência de indígenas, africanos e europeus se estabelecendo em uma sociedade multiétnica.

A única imagem contemporânea de Palmares foi apresentada por Barleus, em 1647, de uma torre de vigilância e que aparece na figura 15 e, em outros momentos que os mocambos são representados na narrativa. Isso demonstra uma preocupação do autor com as pesquisas sobre as estruturas executadas nesses espaços, dialogando com o passado vivido e o presente perspectivado.

Os tipos de casas em forma de círculo, os materiais utilizados para a sua fabricação, as cercas construídas para evitar a entrada de desconhecidos. A figura 15, Anúncio de Guerra, mostra um dos quilombos internamente, as construções, edificações de segurança e, em destaque, as rodas de danças representadas no quadro. A realização dessa abordagem do espaço utilizados para a efetivação da colônia portuguesa no Novo Mundo, permite conhecer a estrutura política imposta pela coroa, outros centros de poder político e econômico, a dominação do espaço geográfico, não sem resistência dos povos nativos, mas que para essa análise não é objeto de pesquisa.

Nessa etapa, os recursos utilizados do modelo da aula-oficina como instrumentalização, permite focalizar no Brasil colônia e a região do nordeste da economia açucareira entre os séculos XVI e XVII, visão geral do tema da aula, principais conceitos e questões-orientadoras. Esse último quesito, o principal conceito a ser destacado para os alunos é o de espaço, realizando indagações de como se constituía o espaço da capitania de Pernambuco antes do início da colonização? Esse item pode ser utilizado como uma pesquisa prévia solicitada para os alunos antes de iniciar propriamente o conteúdo.

Com a pesquisa realizada, identificar nas fontes levantadas pelos alunos, livro didático e no romance gráfico, as evidências históricas que podemos encontrar na obra, cabe ao professor ou professora realizar essas questões que possam levar os alunos a identificarem essas evidências e instigar que eles mesmos realizem as suas próprias inferências após a leitura. A leitura da obra também poderá ser mediada pelo docente, isso pode ser uma estratégia para identificar como a leitura acontece. Se os alunos possuem alguma dificuldade na leitura ou na compreensão da orientação dupla, Carlo Ginzburg (2021), em entrevista para a Biblioteca Nacional do México, apontou que um dos possíveis métodos para que os alunos leiam, é realizar a leitura coletiva. É nesse momento que a prática pedagógica dialoga com o

trabalho da sala, e juntos constroem o conhecimento, identificando as principais características dos conceitos de espaço e como ele foi usado na obra para o conhecimento da história e questões que possibilitam a continuidade do trabalho para a segunda e última etapa, o entendimento dos conflitos nas narrativas palmarinas.

3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – OS CONCEITOS DE CONTINUIDADE E MUDANÇA

A travessia do continente para os africanos não apagou a cultura, religiosidade, organização política e social, a língua ou como construir os seus espaços. A conjuntura histórica de mudanças e permanências exige o esforço de disputas a depender dos grupos sociais e políticos envolvidos. A atuação desses processos é simultânea, existe uma permanente tensão entre os grupos envolvidos (SEFFNER, 2019). No Brasil colônia, as tensões eram ainda mais elevadas, de um lado, os povos indígenas que tiveram as suas terras invadidas e conquistadas, do outro lado, os europeus impondo um novo modelo de divisão e formação política não somente do território, mas também das pessoas, cultura e religiosidade, chegando em pleno conflito com os africanos.

Uma das principais características do ensino de História é apresentar aos alunos, nas diferentes conjunturas históricas, os esforços de mudanças e permanências que estavam em jogo, a forma em que ocorreram os conflitos, as ideias, valores e princípios políticos. Para o ensino de História do início da colonização portuguesa na América, a mudança foi muito abrupta para todos os envolvidos, mas principalmente para indígenas e africanos, os primeiros foram conquistados, escravizados e exterminados quando resistiam ao domínio europeu em seu território. O segundo grupo também, seu povo transformou-se em uma rica fonte de lucro, e os corpos que aqui chegaram eram a principal mercadoria que cruzava o Atlântico da África para a América.

A organização política imposta pelos portugueses alterava totalmente a maneira em que estavam organizados os indígenas e muitos africanos, a economia monopolista e latifundiária, da mesma forma, alterou as relações de produção e sobrevivências desses povos. Os portugueses, assim como espanhóis

estabeleceram um governo monárquico, uma economia baseada no lucro e na grande produção, culturalmente orientados pelo catolicismo.

É nesse momento que o professor ou professora poderá questionar a passividade atribuída pela história oficial de indígenas e africanos no processo de escravização. A história oficial, durante muito tempo, naturalizou a escravidão como um processo de mudança sem resistência ou organização para que isso acontecesse. É nesse momento que resgatar a memória de Palmares nos ajuda a entender a luta desses grupos para se manterem livres, pois mesmo arrancados de suas terras, buscaram enfrentar a determinação de ser um escravizado. A Serra da Barriga também nos indica a complexidade de organização política e social estabelecidas pelos palmarinos na constituição desses espaços. Reforçando a ideia de experiências no continente africano, que foram adaptadas as novas condições de vida.

Durante o período do domínio holandês (1580-1640), na região nordeste os conflitos aumentaram, as disputas por poderes políticos entre os reinos europeus proporcionaram uma vantagem dos povos escravizados para escaparem dessa condição. Após a restauração do poder, o rei português João IV, estabeleceu o Conselho Ultramarino (1642) e a Companhia Geral do Comércio para o estado do Brasil, em 1647, estabelecendo um pacto colonial, navios estrangeiros não poderiam mais aportar na colônia e as embarcações brasileiras em portos estrangeiros. No interior da colônia, os bandeirantes tiveram um papel importante na manutenção da ordem escravista. Viajavam longas distâncias para capturar os cativos fugidos na região do nordeste (FUNARI, 1996).

A região de Palmares surgiu na Zona da Mata, cerca de setenta quilômetros a oeste do litoral, no início do século XVII. A primeira tentativa de acabar com Palmares foi em 1620, uma expedição portuguesa, mas que fracassou. Para Funari (Idem, 1996), o Estado negro continuou a crescer até os anos de 1640, quando os holandeses chegaram a considerar Palmares “um sério perigo”. Na maioria dos capítulos de *Angola Janga*, essas questões são apresentadas, a complexidade política da organização dessa região nos indica uma continuidade das relações existentes nas comunidades africanas e implementadas pelos cativos na região da Serra da Barriga. Esse espaço não tinha uma unificação política, o poder era descentralizado, cada mocambo tinha uma liderança política e o conjunto deles formavam Palmares. No total, compunha-se de doze aldeias, Amaro, Acotirene,

Tabocas, Zumbi, Aqualtune, Dambrabanga, Subupira, Macaco e Andalaquituche, Osenga, Curiva e Alto Magno.

Foram diversas incursões militares para acabar com a área dominada pelos rebeldes, principalmente após o restabelecimento do domínio português da parte política. A partir da década de 1670, e:

Os quinze anos seguintes testemunharam o período mais violento da história de Palmares. De 1679 a 1692, diferentes capitães locais tentaram, em vão, destruí-lo, mas Gonçalo Moreira (1679), André Dias (1680), Manoel Lopes (1682), Fernão Carrilho (1683) e João Freitas Cunha (1684) não conseguiram ameaçar sua independência (FUNARI, 1996, p. 32).

No segundo capítulo selecionado para a análise do romance gráfico histórico, intitulado Guerra do Mato, o autor utiliza um excerto de um documento enviado para o Conselho Ultramarino em 1677, descrevendo o território da Serra da Barriga da seguinte maneira:

Os negros como conhecedores dos intrincados caminhos e escondidos lugares lhe armam ciladas, matando a muitos que marcham carregados do sustento que levam e alguns largam por fugir mais desembaraçados, dilatando a vida, mas não evitando a morte, que por mãos da fome, interior e irreparável inimigo, depois padecem; e quando chegam os nossos às povoações dos negros, levados por guia, ou por acaso, os acham com fortificações de estacadas e fossos com paus agudos para os que caírem neles; defendem-se com valor naquele primeiro ímpeto, resistindo ao assalto e peleja com que os investem; vendo-se apertados se retiram pelos Palmares adentro por onde não podem ser seguidos, porque aquelas estradas só eles sabem e podem andar e dentro daquele labirinto de troncos têm aviso de que os buscam as nossas armas. Quando a exausta expedição se retirava, tornam os negros a ocupar as suas habitações, a lavrar as suas terras, a continuar as suas plantas, com maior violência e fúria a prosseguir as referidas hostilidades, como em vingança por os havermos inquietado, pagando o sangue, a fazenda e a honra dos miseráveis moradores dos ditos lugares o dano que lhe não fizeram os nossos soldados. Autoria presumida de João Fernandes Vieira, carta enviada ao Conselho Ultramarino, 1677 (D'SALETE, 2017, p. 246).

A descrição acima demonstra as criações do autor ao longo dos capítulos anteriores, desenhando os espaços a partir desses relatos, imagens de expedições e viajantes, entre outros documentos do período. As armadilhas, fortificações, os caminhos dentro das matas e com códigos específicos entre os palmarinos, também são retratados nos quadrinhos. Os conflitos entre os moradores das Vilas e Engenhos com os palmarinos.

Após esses relatos, fica evidente que as forças locais não dariam conta do Estado rebelde, é também na década de 1670, que a indústria açucareira entrou em um período de estagnação e declínio, diminuiu o preço do açúcar e aumentou o

preço do escravizado. O fracasso das milícias locais em combater Palmares ressalta a importância dos bandeirantes na manutenção da ordem da colônia no Brasil. (FUNARI, 1996).

O uso da violência em relação aos escravizados se tornou comum durante o período da escravidão. O personagem protagonista da narrativa, Soares, é concebido a partir da violência sexual, infelizmente imposta às mulheres nesse período. A mãe de Soares tentou fugir antes do seu nascimento, mas acabou sendo capturada – representada na figura Represália – pelo capitão do mato. A tensão, a fragilidade física do ataque por parte do capitão, faz a mulher ter o parto antecipado e, após a concepção, acaba morrendo. A criança perde a mãe, não ganha o reconhecimento do pai que seria o dono do engenho, e a sinhazinha acaba por criar o menino sabendo da sua origem, mas sem garantir qualquer direito. Na história, existe uma promessa para alforriar Soares após a morte da senhora, o que não se concretiza, pois o filho e herdeiro reconhecido pela sociedade e igreja não permite e ainda ameaça o cativo. Sem esperanças, o rapaz decide fugir da fazenda, ir para Palmares e fazer o seu próprio destino.

Desde a obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, sabemos que o ímpeto do senhor de se impor às suas escravas gerava conflitos no seio das famílias brancas. A resistência ocorria em relação ao senhor de diversas maneiras. A historiografia, a partir das décadas de 1960 e 1970, enterrou a noção de uma escravidão “branda” ou “benigna”, também deixou o escravizado sem almejar a formação de famílias estáveis ou defendê-las. O historiador Robert W. Slenes (2011), apresenta em seu trabalho, características das famílias escravizadas e como resistiram às imposições de seus senhores para manterem a unidade familiar.

A fuga é inerente à escravidão, segundo Perdigão Malheiro, mas só é possível a partir da associação entre fugitivos e o auxílio solidário direto e indireto de terceiros. A fuga não era considerada crime, o escravizado quando capturado, recebia castigos geralmente exemplares para evitar futuras reincidências, mas não acarretava a prisão de quem cometia. “O termo *capitão-do-mato* já aparece em diversos documentos coloniais, desde meados do século XVII, bem como a prática de pagar seus serviços por tal “tarefa”, isto é, por negro fugido, apreendido e entregue ao senhor (LARA, 1996, p. 85). Condenado poderia ser quem ajuda o cativo em sua fuga.

Ao longo dos capítulos conseguimos perceber o trânsito de escravizados próximos ou no interior das Vilas, que podemos identificar um auxílio entre os moradores não somente escravizados, mas livres aos palmarinos. A criação dessas redes de comunicação e cooperação facilitou a sobrevivência dos mocambos e a resistência armada na Serra da Barriga. Sem a colaboração de terceiros, tornava-se impossível a aquisição de armas e outros suprimentos usados contra as milícias que atacaram a região.

FIGURA 16 – REPRESÁLIA



FONTE: D'Saleta (2017, p. 28).

O escravizado, “Tragado pelo circuito atlântico, o africano é introduzido numa espiral mercantil que acentua, de uma permuta a outra, sua despersonalização e sua dessocialização” (ALENCASTRO, 2000, p. 146). Quanto mais distante o escravizado estivesse de seu território para os mercadores e compradores, seria mais fácil aceitar a nova condição e, principalmente, a sua fuga de um lugar que para ele é desconhecido. A mistura de etnias também se tornou uma prática, as explicações seriam para dificultar a comunização entre os africanos e impossibilitar as fugas na chegada do território. O processo de despersonalização e dessocialização nem sempre cumpriam com os objetivos dos traficantes ou donos de escravizados. A cultura que essas pessoas trouxeram consigo não foram apagadas, e foram nas pequenas manifestações que a África se fazia presente no continente americano.

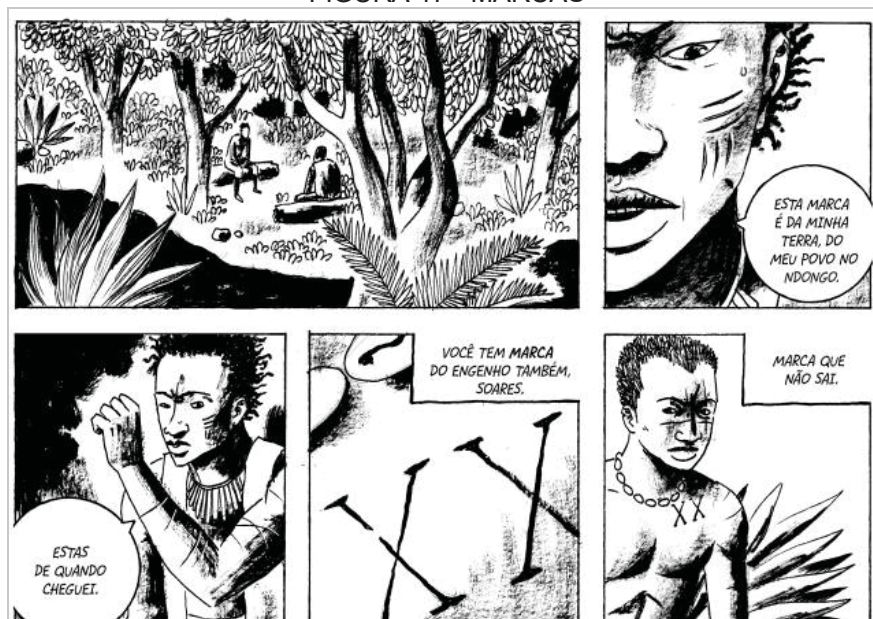
A figura Marcas, expõe Osenga, um africano diferenciando as marcas que carrega em seu corpo, na primeira tirinha, fala de suas marcas étnicas, símbolo de seu povo. Podemos comparar essas marcas às tatuagens no presente, carregam elementos culturais e de pertencimento há um tempo e espaço de vivência. Já as marcas na segunda tirinha, o personagem fala das marcas quando chegou ao Brasil. Para Alencastro,

A primeira hospedagem que [os senhores] lhes fazem [aos escravos], logo que comprados aparecem na sua presença, é mandá-los açoitar rigorosamente, sem mais causa que a vontade própria de o fazer assim, e disso mesmo se jactam [...] como inculcando-lhes, que só eles [os senhores] nasceram para competentemente dominar escravos, e serem eles temidos e respeitados. (ALENCASTRO, 2000, p. 146).

O método de terror luso-brasileiro tinha como objetivo mostrar ao recém-chegado o seu novo estatuto de subumano. Relacionando com períodos históricos mais recentes, ou seja, uma continuidade dessa prática ao longo da nossa história, ela volta a ser aplicada durante a ditadura civil e militar de 1964-1985. Nos DOI-COIDI e a Operação Bandeirantes, também faziam uso da surra, à entrada nas delegacias e das casernas para aterrizar e desumanizar os suspeitos (ALENCASTRO, 2000).

Na sequência, Osenga aponta as marcas de Soares, marcas realizadas nos engenhos, esse tipo de marcação feita também na pecuária, tinha como objetivos assim como em gado associar o escravizado ao seu senhor.

FIGURA 17 - MARCAS



FONTE: FONTE: D'Saleta (2017, p. 30).

A maioria dos documentos que temos acesso em relação a Palmares foram escritos por seus inimigos, dessa forma as descrições mais precisas são sobre fortificações militares, armas palmarinas e coisas afins. A ênfase ao pensar Palmares, tem sido nas estratégias militares e na guerra, mas a preocupação deveria ser dada nas estratégias de dissimulação dos palmarinos, que acabavam alcançando mais conhecimento sobre os brancos do que ao contrário (PRICE, 1996).

Essas referências aparecem em diversos momentos do nosso romance gráfico histórico, na ênfase aos recursos miliares e bélicos. Na figura Conflitos, conseguimos identificar armas de fogo em posse dos palmarinos, o fato de portarem esse tipo de equipamento fortalece a ideia de que interagem com as populações vizinhas, não somente para conseguirem armas e munições.

Essas ligações manifestavam-se principalmente por:

- relações comerciais clandestinas com contrabandistas, taverneiros, negras de tabuleiros, fazendeiros;
- ataques a viajantes, tropeiros, fazendas, periferias de vilas e aldeias;
- uma rede de informações que começava dentro das senzalas e terminava dentro dos quilombos;
- relações afetivas estabelecidas entre escravos, forros e quilombolas, visto que estes comumente frequentavam as periferias dos centros urbanos ou fazendas no meio rural (GUIMARÃES, 1996, p. 143).

Todas essas práticas garantiam para os palmarinos mais informações sobre os seus inimigos do que o contrário. Essa vantagem foi utilizada por muito tempo como estratégia para a proteção dos territórios ligados à Serra da Barriga.

Outra característica de registro decorria de relatos e determinações das expedições contra Palmares, um dos episódios mais importantes do século XVII foi o acordo de Cacaú, assinado em 1678. Foi um armistício sancionado no governo de Aires de Souza e Castro, com a presença da comitiva do rei Ganga Zumba. Esse, em troca de paz, aceitou o acordo que oferecia alforria para os nascidos em Palmares, a concessão de terras em Cacaú, a garantia de comercializar com os moradores vizinhos e vassalos da Coroa. Os moradores de Cacaú, que tinham obtido a alforria, foram batizados e crismados na fé católica (VAINFAS, 1996).

Esse acordo causou conflitos internos, pois sob a liderança de Zumbi, parte dos palmarinos não aceitaram o acordo e insistiram na insurgência. Após um breve momento, houve uma conspiração contra Ganga Zumba, que foi envenenado, além da desagregação do ajuntamento de Cacaú, uma das consequências de sua morte

para a população, que foi a favor do acordo acabou reescravizada e distribuída entre os senhores da região.

A insurgência palmarina prosseguiu com mais vigor a partir desse episódio e sem nenhuma possibilidade de negociações. Nesse contexto, são convocados os bandeirantes e Domingos Jorge Velho para liderar a expedição (VAINFAS, 1996). Existiam conflitos entre os moradores da Capitania de Pernambuco e os bandeirantes. Ao chamarem os bandeirantes, as autoridades reconheciam a sua incapacidade em derrotar os palmarinos e, para os moradores da região, foi um fracasso.

FIGURA 18 – CONFLITOS.



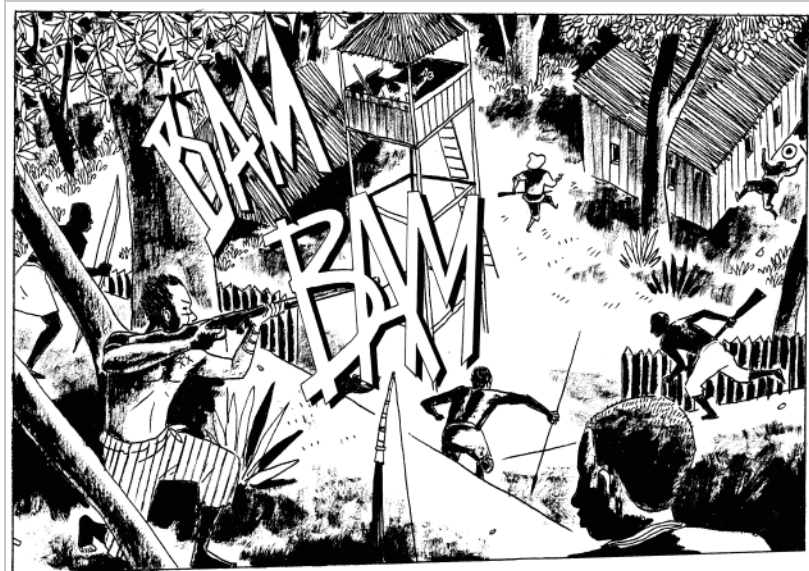
FONTE: D'Saleta (2017, p. 254).

As personagens de destaque combinam a ficção e a realidade, a figura de Zumbi aparece na história, mas não como destaque. O próprio nome/termo Zumbi, é carregado de controvérsias, no início do século XVII era Zambi, a partir do século seguinte, aparece como Zombi. “Ao que tudo indica, Zambi ou Zumbi são sinônimos na língua banto, e as corruptelas Zombi, Zumbé e Zombé, erros de grafia” (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 46). Na tradição popular brasileira, principalmente nos Estados da região Norte, foi conservado o significado de divindade ou santo dos negros da Costa. Essa questão levanta a ideia da personagem Zumbi ser um nome ou um título?

São hipóteses que a historiografia recente ainda não conseguiu chegar à uma conclusão, mas que reforçam a noção de continuidade das tradições

político/religiosas do continente africano. A ideia do D'Saete em não fazer Zumbi protagonista em sua história, é uma maneira diferente de contar esses eventos. É trazer a ideia de um protagonismo coletivo, de pessoas que tinham autonomia e conhecimento para tomarem as suas próprias decisões.

FIGURA 19 – GUERRA DO MATO



FONTE: D'Saete (2017, p. 261).

A cultura europeia possui uma imago – representação de uma pessoa na fase adulta formada no inconsciente durante a infância – do negro responsável por todos os conflitos que possam surgir. E na maioria das representações gráficas entre o século XIX e a primeira metade do XX, a representação do negro aparece de maneira negativa. Para Fanon (2020), o negro representa o perigo biológico, e o judeu, o perigo intelectual. Essa ameaça perpassa a produção documental realizada durante as expedições citadas anteriormente no período colonial. As descrições de guerra, armas e a violência, desmantelam o sistema e violam os tratados.

O negro, em determinados momentos, está preso em seu corpo. Mas, “para um ser que adquiriu consciência de si e de seu corpo, que alcançou a dialética entre o sujeito e o objeto, o corpo não é mais causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto de consciência” (FANON, 2020, p. 180).

É essa consciência que D'Saete constrói em sua obra, rompendo com as narrativas oficiais construídas no período colonial e, mesmo após os conflitos giravam para além das guerras, a discriminação, o não reconhecimento das instituições dos escravizados.

Uma abordagem transgressora em relação às narrativas tradicionais, são as relações afetivas na história de Palmares. No romance, Andala e Soares

demonstram a formação de famílias entre os negros e como as tradições africanas poderiam continuar nas práticas familiares. As casas, como eram construídas: casas baixas, sem janelas e cobertas de colmo, já eram descritas assim no continente africano em relatos de viajantes em 1687 (SLENES, 2011, p. 241). A semelhança com as construções palmarinas no romance gráfico e dos reinos do Gongo, Matanmba e Angola, caracterizam uma continuidade da vida privada no continente americano.

A maneira de cozinhar, alimentar-se, dormir e organizar o ambiente doméstico proporcionava para os escravizados nas fazendas uma forma de prosseguir com hábitos parecidos, mesmo que vivendo em condições sociais totalmente adversas. A constituição de núcleos familiares garantia para os escravizados maior intimidade e autonomia, e ao contrário do que muitos viajantes não observaram, eram famílias extensas. Em cada lar, a manutenção do fogo se fazia presente, o fogo representava, na cultura de vários lugares da costa Atlântica, a ligação, além de secar, iluminar o interior das casas, afastar insetos e estender a vida útil dos colmos e lhes servia como arma na formação de uma identidade compartilhada. “Ao ligar o lar aos ‘lares’ ancestrais, contribuía para ordenar a comunidade – a senzala – dos vivos e dos mortos” (SLENSES, 2011, p. 256,). Para Slenes, na chama reluzente do lar escravo, eis a flor. Essa esperança de resistir a desumanização, a falta de respeito e o seu condicionamento à condição de escravizado, mostra a determinação em não aceitar a sua realidade e criar estratégias para afrontar as instituições.

FIGURA 20 – A FAMÍLIA



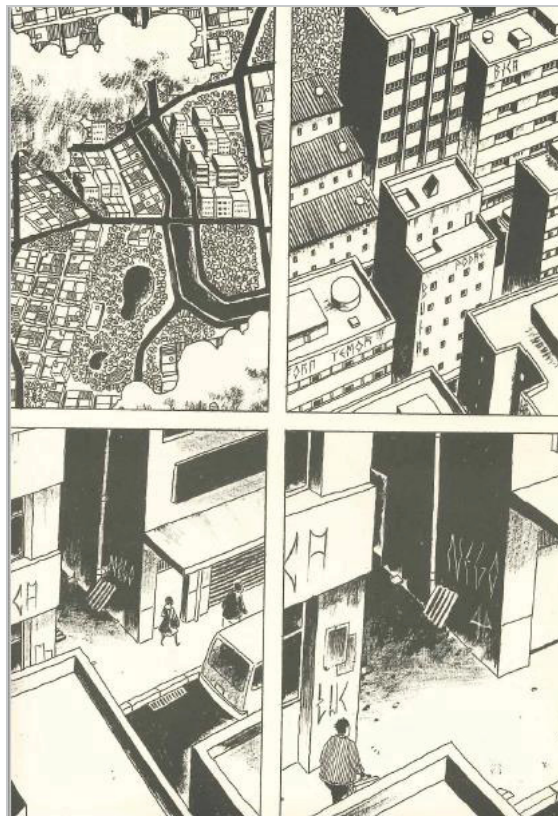
FONTE: D'Salete (2017, p. 274).

Marcelo também trouxe ao longo de sua obra a presença e o protagonismo de mulheres negras no combate das guerras palmarinas, Andala, que está nos quadrinhos acima, luta, toma decisões com os homens para defender a sua comunidade. A representação das mulheres e homens são diversas, cabelos, rostos, tamanhos, tipos físicos, adornos, entre outros elementos. A expressão, a diversidade e a individualidade desses povos, criando personagens singulares como também somos.

Nos capítulos que fazem o desfecho da história, o personagem de Soares é quem trai Zumbi e o entrega para as milícias que os perseguiram. É interessante que, ao contar a trajetória de Soares, o autor mostra uma hipótese dos motivos que levaram ele delatar o líder, mas também aborda as consequências de tal decisão, o tom de tragédia acompanha a narrativa nesses episódios finais.

O autor, ao longo de sua obra, cria uma visão revisitada desse período da nossa história, mas ao mesmo tempo, nos apresenta as continuidades. O espaço geográfico mais uma vez é utilizado para evidenciar ao leitor a presença de espaços de exclusão e também de resistência.

FIGURA 21 – PASSADO/PRESENTE

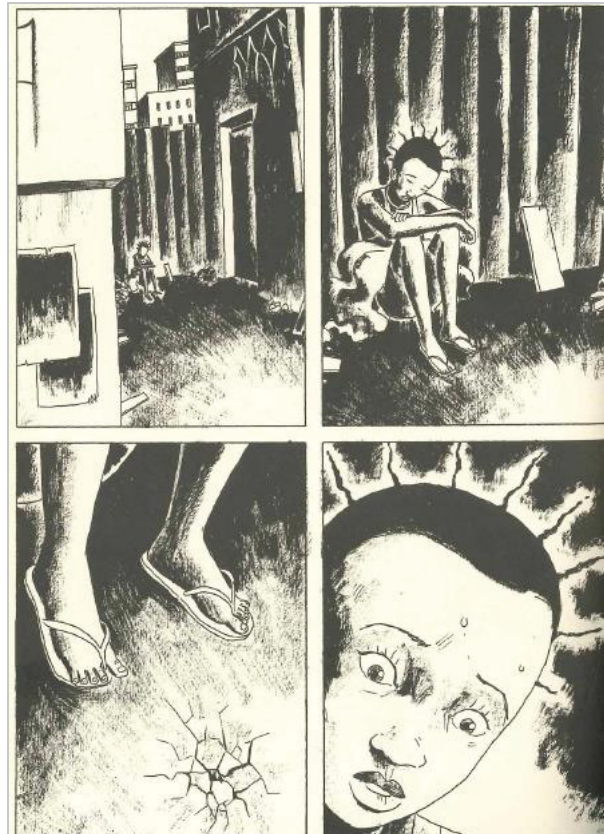


FONTE: FONTE: D'Saete (2017, p. 391).

O capítulo Passo da Noite, inicia como uma viagem no tempo, retratando o planeta Terra do espaço, a América do Sul e a região do nordeste brasileiro, até chegar no close final da cidade. Nos quadrinhos acima, conseguimos identificar o processo de reorganização e urbanização ao longo do tempo. Da mesma forma, o autor explora novas formas de representações ao longo do período colonial, os escravizados utilizavam símbolos étnicos como ornamentos, códigos de passagens secretas ou referências identitárias, o mesmo conseguimos identificar nas pichações dos prédios em nosso presente. As palavras e frases como: fora temor, bica, podre e negro não foram colocadas aleatoriamente, são desconfortáveis e é assim que parece ser a intenção do autor, denunciar o incômodo e a inquietação que tais palavras causam.

A personagem Dara, faz a viagem no tempo, as engrenagens na capa do capítulo final fazem a alusão ao tempo em movimento, a citação de um documento escrito por Domingos Jorge Velho, relatando a presença de 30 palmarinos sobreviventes dos conflitos, iniciam as relações de passado e presente, mudanças e continuidades. O medo das autoridades no final do século XVII, seria de uma nova insurgência nas proporções de Palmares com a sobrevivência dessas pessoas. Ao trazer Dara no presente, o autor indica a sobrevivência da luta, da coragem, mas principalmente, dos problemas ainda não superados.

FIGURA 22 – A FLOR DARA



FONTE: FONTE: D'Salete (2017, p. 392).

Nos quadrinhos seguintes, Dara acorda mais uma vez de seu sonho, ela está na senzala, pois muitos dos palmarinos capturados foram reescravizados ou escravizados. Os sonhos misturam passado, presente e futuro, em suas visões no presente, a menina lembra da mensagem de um ancião: – “Terra onde... sementes... podem brotar e florescer...” – (D’SALETE, 2017, p. 398). Mais uma vez encontramos a flor na senzala, nos sonhos e visões da menina.

No desfecho da história, Dara implora para uma anciã lhe ajudar a sair da senzala para ir até a Curiva – um dos mocambos – para verificar se encontra alguém. Ao sair pelo telhado, é surpreendida pelo capataz da fazenda que lhe promete um castigo exemplar pela tentativa de fuga, nesse momento, Andala surge no engelho liderando o grupo que retira Dara das mãos do capataz e resgata o restante dos escravizados que estavam na senzala.

A perspectiva das mulheres serem as sementes a florescer no passado e presente, dialoga com as ideias de Joice Berth (2019), citando Beatriz Nascimento:

Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crenças

relacionadas às características do seu físico, muitas vezes exuberantes. Entretanto quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social, como nos referimos acima. No contexto em que se encontra cabe a essa mulher a desmitificação do conceito de amor, transformando este em dinamizador cultural e social (envolvimento na atividade política, por exemplo), buscando mais a paridade entre os sexos do que a “igualdade iluminista”. Rejeitando a fantasia da submissão amorosa, pode surgir uma mulher preta participante, que não reproduza o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo assim, assumir uma postura crítica intermediando sua própria história e seus ethos. Levantaria ela a proposta de parcerias nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas (BERTH, 2019, p. 148).

Talvez seja esse futuro perspectivado que Marcelo D’Salette nos apresente ao encerrar a sua história. As personagens com maior submissão e sexualização, como foi o caso da mãe de Soares, e tantas que sobreviveram e buscaram construir um presente diferente do que lhes era imposto.

O trabalho com *Angola Janga: uma história de Palmares*, poderá ser ampliado a partir desse estudo. Ou até mesmo direcionar para perspectivas diferentes de acordo com a realidade da escola e principalmente de seus alunos.

O nosso objetivo neste trabalho foi apontar algumas possibilidades de leitura e a elaboração de sua aula-oficina para o ensino de história com o uso de romance gráfico histórico. A obra é bem extensa o que nos fez realizar recortes pensando no tempo de hora-aula e carga horária semanal nossa em sala, a fim de que o trabalho flua e ao mesmo tempo proporcione aos alunos experiências de aprendizagem. Não foi intenção formular roteiros de pesquisas, atividades ou a aula-oficina totalmente prontos, pois isso engessa o trabalho do professor e não possibilita a criação genuína de materiais para atender às suas necessidades. Dessa forma, buscamos apontar alguns caminhos, referências e inferências possíveis na obra *Angola Janga*, que possibilite a variedade de fontes e a perspectiva de uso em diferentes contextos do ensino de História.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que desenvolvi no Mestrado Profissional em Ensino de História, nasceu da minha paixão pela leitura e o meu encontro com a obra de Marcelo D'Saete na Bienal dos Quadrinhos de Curitiba no ano de 2019. As especificidades do ProfHistória viabilizaram a realização de um trabalho que explorou duas temáticas que engajam a minha prática profissional, a História do Brasil e a nona arte.

Objetivei nesse trabalho o desenvolvimento de um material que embasasse o trabalho do professor no ensino de História e a sua prática com diferentes fontes. O romance gráfico de *Angola Janga: uma história de Palmares*, narra a trajetória de escravizados, forros e livres que vivem na região da Serra da Barriga e enfrentam o poder político imposto naquela região. Outra característica da obra, é que ela compõe o catálogo do PNDL Literário, que fomenta e incentiva a leitura nas escolas públicas e cria um referencial para as escolas particulares realizarem as suas escolhas, a partir de um material avaliado por uma equipe multidisciplinar.

Diante de tantas produções e possibilidades, a escolha pela história palmarina está no engajamento de estabelecer relações entre o passado, presente e futuro de minorias que, ao longo da maior parte da nossa história, foram excluídas. D'Saete não reforça a construção da jornada do herói pautado nos grandes nomes, como é o caso de Zumbi, mas fragmenta esse protagonismo com diversos personagens e o amplia trazendo muitas mulheres ao viés de liderança do patriarcalismo português.

No desenvolvimento da pesquisa, buscamos estabelecer percurso dos negros nas representações gráficas e nas histórias em quadrinhos. Essas lustrações se mostraram como uma continuidade dos estereótipos e preconceitos da sociedade do final do século XIX, e da primeira metade do século XX. Não que o preconceito tenha findado na segunda metade do século XX, mas a abertura de novos mercados e novas editoras possibilitaram a ampliação das produções e, com isso, uma maior diversidade. No campo dos quadrinhos relacionados ao ensino de história, a historiografia tradicional prevaleceu, novamente demonstrando uma continuidade do que se produzia nas décadas anteriores.

Ao pensarmos em uma proposta pedagógica, a escolha de Isabel Barca e o seu modelo de Aula-oficina nos permitiu dialogar com o protagonismo do estudante na construção do seu conhecimento, e como devemos explorar as fontes na produção do conhecimento histórico e o ensino de história.

Os dois conceitos explorados para a análise da obra partem de uma estrutura mais geral, tanto para o conhecimento de história quanto de quadrinhos. Ao aluno identificar a evidência histórica, e o professor conseguir pensar e produzir atividades e propostas de intervenção que dialoguem com a historiografia, o nosso objetivo dessa primeira parte já foi atingido.

Na segunda parte, os conceitos de continuidade e permanência dialogam com o passado desenhado e narrado por Marcelo e os nossos problemas cotidianos, o aluno da periferia, de escola pública, ao entender os conflitos estruturais em nosso país vai reconhecer como sendo um desafio a ser resolvido se objetivar um futuro de expectativas. O quadrinho nos auxilia a pensar essas possibilidades, e espero que na experiência sua, professor e professora, com os seus alunos e alunas, possam construir a esperança.

5 REFERÊNCIAS

ABE, Stephanie Kim. Retratos da leitura no Brasil: por que estamos perdendo leitores. **CENPEC Educação**, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores#:~:text=Entre%20os%20n%C3%A3o%2Dleitores%2C%20as,Internet%2C%20WhatsApp%20e%20redes%20sociais>. Acesso em: 19 abr. 2021.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos#:~:text=J%C3%A1%20o%20n%C3%BAmero%20de%20pardos,2016%2C%20divulgados%20hoje%20pelo%20IBGE>. Acesso em: 25 jan. 2021.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O tratado dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

AMORIM, Andressa Souza e PEREIRA, Edson Salviano Nery. O lugar da narrativa de extração histórica na contemporaneidade. Ponta Grossa, 2013. DOI: <https://doi.org/10.35520/flbc.2013.v5n9a17197> ISSN:1984-7556. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Documents/Mestrado/Romance%20Hist%C3%B3rico/O%20lugar%20da%20narrativa%20de%20extra%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica.pdf>. Acesso em 12/08/2022.

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O novo romance histórico brasileiro. **Via Atlântica**, n. 4, p. 168-177, out. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49611/53696>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: S. Carneiro; Pólen, 2019.

BONIFACIO, De Fatima Selma. **História em quadrinhos**: análises sobre a História ensinada na arte sequencial. Curitiba, 2015.

BRASIL. Decreto nº 9.099 de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2017/decreto/D9099.htm. Acesso em: 01 jul. 2020.

BRASIL. Lei 13.006 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em :20 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017b. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRAUDEL. Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo na época de Felipe II**: Fernand Braudel: prefácio à edição brasileira Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Volume I.

CAVALCANTE da Silva, Renato. **Reflexões sobre a HQ do pantera negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África**. (Dissertação de Mestrado em 2020) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2020. Disponível em: <https://cms.ufmt.br/files/galleries/4/arquivosdenoticias/2021/4-abril/Rd7b7d92e53450607a2249d1726fa6d8eba5f057b.pdf>. Acesso em 12/08/2022.

CAMARGO, Sérgio. Texto do tweet. Cidade, data de publicação do tweet. **Twitter**: sergiodireita1. Disponível em: <https://twitter.com/sergiodireita1/status/1329874897078771714>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro**: “quilombola não serve nem pra procriar”. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

DIAS Cobbe, Rafael e SANTOS dos Otávio, Rodrigo. **AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA: UMA ANÁLISE DAS OBRAS DISPONIBILIZADAS PELO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA**. São Paulo, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Documents/Mestrado/Mestrado/Artigos%20sobre%20Hq/rafael_rodrigo.pdf. Acesso em 12/08/2022.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares Biografia. Disponível em: https://www.dsalete.art.br/hq_angolajanga.html. Acesso em: 24 maio 2019.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir Livraria, 1996.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte sequencial**. São Paulo: M. Fontes, 1989.

Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em : <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa640192/marcelo-d-salete> Acesso em: 15/09/2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FOLHA S. PAULO. **Negro de direita', presidente da Fundação Palmares disse que escravidão foi benéfica**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/presidente-da-fundacao-palmares-nomeado-por-bolsonaro-diz-que-brail-tem-racismo-nutella.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2021.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Três vezes Zumbi**: a construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). **Edital do PNBE Periódicos 2016**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programasdolivro/consultas/editaisprogramaslivro/item/7293-edital-pnbe-peri%C3%B3dicos-2016>. Acesso em: 10 jun. 2020b

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). **Edital PNBE 2015**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programasdolivro/consultas/editaisprogramaslivro/item/5339-edital-pnbe-2015>. Acesso em: 15 jun. 2020a.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). **Edital PNBE Indígena 2015**. 2014. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/5205-edital-pnbe-ind%C3%ADgena-2015>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler em três artigos que se completam. 1982. Disponível em: [A-Importancia-do-Ato-de-Ler-Paulo-Freire.pdf](#). Acesso em 20 set. 2022.

GINZBURG, C. Carlos Ginzburg Sésion 2. Una cita con la Biblioteca Nacional de México. Actualidad y porvenir de la historia del libro y la edición tras la pandemia.

YouTube, 9 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2glvrw1RkXM>. Acesso em 09 fev. 2021.

GONÇALVES, Rodrigues Adriana. **A prosa pelo traço uma discussão sobre o livro-imagem**. 2018 f. Dissertação (Mestrado em 2018) – Instituição, ano. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/ADRIANA_RODRIGUES_GONALVES DISSERTAO2018%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/ADRIANA_RODRIGUES_GONALVES DISSERTAO2018%20(1).pdf). Acesso em: 17 jun. 2020.

GRINBERG, Keila. **Oficinas de história**: projeto curricular de ciências sociais e de história. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

GZH CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **O que leva o Google a mostrar fotos de mulheres negras para a busca de "cabelo feio"**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2020/07/o-que-leva-o-google-a-mostrar-fotos-de-mulheres-negras-para-a-busca-de-cabelo-feio-ckcq9jbm002k013g2f9hw2xa.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

HONOR, André Cabral. Podemos aprender História com romances históricos? Uma reflexão de um historiador romancista. **Café História**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/podemos-aprender-historia-com-romances-historicos>. Acesso em: 16 fev. 2021.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 141-162.

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. **ArtCultura**, v. 19, n. 35, 2017.

KAMINSKI, Rosane; HONESKO, Vinícius; SEREZA, Luiz Carlos (orgs.). **Artes & violências**. São Paulo: Intermeios, 2020.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MELO, Ana Amélia M. C. (Org.). **História, literatura e historiografia**. Ceará: Sertão Cult, 2000. Disponível em: https://histhiorografia2020.ufc.br/wp-content/uploads/2021/01/V2_Melo_Historia-literatura-e-historiografia.pdf. Acesso em: 14 fev. 2021.

MORAIS, Caroline de. RAMOS, Brocchetto Flávia; HADDAD, Sérgio. **Paratextos em livros de imagens selecionados para a educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217666812019000200384&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 jun. 2020.

OLIMPÍADA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL. Disponível em: <https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/5-olimpiada/fases/questao/26/86>. Acesso em: 10 jun. 2022.

OLIVEIRA, Roseline. **A Capitania de Pernambuco e a rede urbana do açúcar**. In: II COLÓQUIO [INTER] NACIONAL SOBRE O COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM, 2., 2008, São Paulo. **Anais** São Paulo, 2008. Disponível em:

http://www.labcom.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/2_cincci/1005%20Roseline.pdf. Acesso em: 08 jun. 2022.

OLIVEIRA, Roseline. Registros Seiscentistas e a representação de um patrimônio urbano nordestino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., Florianópolis. Florianópolis, 2015.

https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428373969_ARQUIVO_artigoanpuh2015.pdf. Acesso em 08/06/2022.

OMELETE. **Selo do Código de Ética é completamente abolido por editoras de quadrinhos**. 25 jan. 2011. Disponível em: omelete.com.br/quadrinhos/selo-do-codigo-de-etica-e-completamente-abolido-por-editoras-de-quadrinhos. Acesso em: 02 dez. 2020.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. **Carolina**. São Paulo: Veneta, 2018.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula**. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

FUNARI de Abreu Paulo, Pedro. Arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MAESTRI, Mário. Pampa negro – Quilombos no Rio Grande do Sul. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. Deus contra Palmares – Representações senhoriais e ideias jesuíticas. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LARA Hunold, Silvia. Do singular ao plural – Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

PRICE, Richard. Palmares como poderia ter sido. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

RIBEIRO, Guilherme. Fernand Braudel e as metamorfoses do tempo e do espaço: o conceito de geohistória em *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1949 e 1966). **Confins**, v. 21, 19 ago. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/9654>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL). **Manifesto “Brasil, nação leitora”**. 2015. Disponível em: <https://snel.org.br/manifesto-brasil-nacao-leitura-e-lancado-na-flip-pelas-entidades-do-livro/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. Campinas. Unicamp, 2011.

SOUSANIS, Nick. **Desaplanar**. São Paulo: Veneta, 2017.

SPENGLER, Maria Laura Pozzobon. **Alçando voos entre livros de imagem**: o acervo do PNBE para a educação infantil. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180692>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique; MATA, Sérgio da (orgs.). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2019.

VON BORRLES, Bodo. **Jovens e consciência histórica**. Curitiba: W.A. Editores, 2016.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção histórica e contemporânea: desdobramentos e deslocamentos**. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

ZAMBONI, Ernesta. **Que história é essa?**: uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. 1991. 211f. Tese (Doutorado em 1991) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.